



instituto fonte
para o desenvolvimento social

RELATÓRIO DE AVALIAÇÃO DA QUALIDADE

AÇÕES DE 2015

SP LEITURAS

Instituto Fonte

**Consultora responsável:
Martina Rillo Otero**

E equipe



Sumário

Índice de Figuras.....	3
I. Apresentação.....	4
II. Bibliotecas: BSP e BVL.....	9
1. Contexto em 2015.....	9
2. A coleta de informações em 2015.....	10
3. Achados.....	12
a) Dinamização das bibliotecas.....	12
b) Qualidade das estratégias.....	17
c) Formação de hábitos leitores pelas bibliotecas.....	25
d) Formação para a cidadania pelas bibliotecas.....	26
III. Praler - Prazeres da Leitura.....	33
1. Contexto em 2015.....	33
2. A coleta de informações em 2015.....	34
3. Achados.....	35
a) Qualidade das estratégias - antes da oficina.....	35
b) Qualidade das estratégias - realização das oficinas.....	37
c) Dinamização das bibliotecas ou salas de leitura das instituições.....	42
d) Dinamização institucional em relação à leitura.....	43
e) Formação de hábitos leitores.....	46
4. Síntese das reflexões do Praler.....	48
IV. Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas de São Paulo (SisEB).....	51
1. Contexto em 2015.....	51
2. A coleta de informações em 2015.....	52
3. Achados.....	53
a) Qualidade das estratégias.....	54
b) Formação dos profissionais de bibliotecas - reconhecimento do SisEB.....	60
c) Formação dos profissionais das Bibliotecas.....	65
d) Dinamização das bibliotecas.....	67
4. Síntese das reflexões do Siseb.....	69
V. Viagem Literária.....	72
1. Contexto em 2015.....	72
2. A coleta de informações em 2015.....	74
3. Achados.....	74
a) Qualidade das estratégias.....	74
b) Formação de profissionais de bibliotecas.....	89
c) Dinamização das bibliotecas.....	90
4. Síntese das reflexões do Viagem Literária.....	93
Anexo 1: Matriz de avaliação	
Anexo 2: Estudo completo sobre o BebeLê	
Anexo 3: Dados detalhados dos participantes, por autor e cidade	
Anexo 4: Estudo sobre “A Biblioteca e a Comunidade”	
Anexo 5: Dados de inscrição e taxa de comparecimento as capacitações do SisEB	



Índice de Figuras

Figura 1: Metodologia da avaliação da qualidade	4
Figura 2: Cadeia de resultados produzidos pela ação das iniciativas da SP Leituras.....	6
Figura 3: Distribuição dos públicos das bibliotecas por faixa etária - em 2015	14
Figura 4: Interesses dos públicos que buscam a BSP e a BVL.....	16
Figura 5: Forma pela qual as pessoas que já frequentaram a Programação Cultural tomaram conhecimento sobre ela.....	21
Figura 6: Percepção dos facilitadores do Praler sobre o preparo.....	35
Figura 7: Avaliação dos participantes do Praler sobre a qualidade das estratégias	39
Figura 8: Percepção dos facilitadores do Praler sobre a qualidade das estratégias.....	41
Figura 9: Percepção dos participantes do Praler sobre o impacto das ações.....	47
Figura 10: Distribuição dos respondentes do questionário do SisEB por faixa etária e por escolaridade.....	53
Figura 11: Avaliação dos participantes das capacitações do SisEB em 2015 em relação às suas estratégias - questionário à distância	55
Figura 12: Avaliação dos participantes das capacitações do SisEB em 2015 em relação às suas estratégias - questionário de satisfação.....	56
Figura 13: Avaliação das estratégias do SisEB pelos palestrantes	57
Figura 14: Avaliação da pertinência e qualidade dos acervos doados e publicações do SisEB...	60
Figura 15: Conhecimento e uso em 2015 dos serviços do SisEB	61
Figura 16: Reconhecimento e pertencimento em relação ao SisEB	62
Figura 17: Resultados das capacitações do SisEB na formação dos profissionais de bibliotecas.	65
Figura 18: Resultados para as bibliotecas depois de hospedarem uma capacitação do SisEB ...	68
Figura 19: Percepção dos autores sobre a qualidade das estratégias de planejamento e preparo	76
Figura 20: Percepção das “cidades” sobre a qualidade das estratégias de planejamento e preparo.....	78
Figura 21: Percepção dos participantes sobre o evento do Viagem Literária	82
Figura 22: Percepção das cidades sobre o evento do Viagem Literária.....	83
Figura 23: Percepção dos autores sobre o evento do Viagem Literária.....	83
Figura 24: Resultados do Viagem Literária na dinamização das bibliotecas, na perspectiva das cidades	90

Índice de tabelas

Tabela 1: Dados de perfil do público da BSP e BVL em 2013, 2014 e 2015	13
Tabela 2: Dados de relação do público da BSP e BVL em 2013, 2014 e 2015	18
Tabela 3: Satisfação do público das bibliotecas em relação às atividades e aos serviços prestados.....	22
Tabela 4: Tipo de títulos não encontrados no acervo e jornais e revistas procurados.....	24
Tabela 5: Distribuição das bibliotecas respondentes por região administrativa	53
Tabela 6: Participação em cada tema de capacitação do SisEB	54

I. Apresentação

Apoiar o processo de avaliação da qualidade da SP Leituras ganhou um novo sentido em 2015. Muito embora a relação do Instituto Fonte com a organização venha se aprofundando ao longo de todos os anos em que estivemos envolvidos, em 2015 ajudamos também a conectar a avaliação ao planejamento, num processo que, no final das contas, dá sentido a qualquer avaliação: o de alimentar a reflexão, a aprendizagem e o desenvolvimento institucional com um todo.

Durante 2015, a SP Leituras esteve se preparando para elaborar a proposta para um novo contrato de gestão, já que o vigente terminaria nesse ano. Na busca de colher subsídios visando tanto o planejamento institucional de 2016, quanto a nova proposta para a Secretaria, o IF apoiou a SP Leituras na elaboração e condução de um conjunto de reuniões com as diversas áreas. Cada reunião visava percorrer três passos com as equipes: 1) atualizar uma visão sobre o propósito da área; 2) fazer uma reflexão e uma síntese sobre os principais aprendizados nos últimos anos, e; 3) clarear desejos e expectativas da equipe para 2016. Foram feitas reuniões com as equipes das bibliotecas, da área de Programas e Projetos, com o setor administrativo e com a área de comunicação. Os conteúdos das conversas com cada equipe foram apresentados numa oficina coletiva, em que, além das apresentações, o intuito era levantar pontos centrais e coletivos sobre o futuro, assim como promover um espaço de alinhamento e relacionamento entre as diferentes equipes.

A proposta também foi reforçar os processos de planejamento e de avaliação, como interdependentes e pertencentes a um ciclo maior de gestão da organização, de fomento de espaços qualificados de reflexão, apropriação e desenvolvimento do trabalho da SP Leituras. A figura a seguir sintetiza nossa visão sobre a interligação das atividades de avaliação e de gestão da organização como um todo:

4

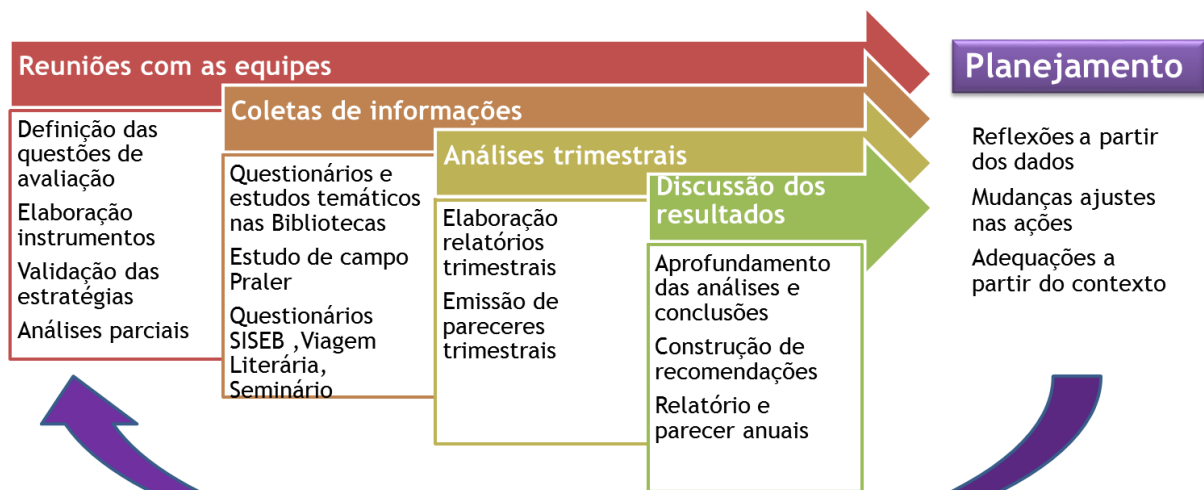


Figura 1: Metodologia da avaliação da qualidade



Os conteúdos dessas reuniões serão trazidos em cada seção, para introduzir cada eixo de trabalho e quando for oportuno.

Como é possível ver na **Figura 1: Metodologia da avaliação da qualidade**, realizamos reuniões com as equipes, nas quais definimos as questões e o que será avaliado ao longo do ano e no final, com coletas complementares. Nessas reuniões também olhamos para os instrumentos de coleta, validamos as estratégias de coleta e realizamos debates sobre análises parciais das informações. Uma parte da coleta é feita trimestralmente, o que alimenta, inclusive, os relatórios trimestrais de acompanhamento para a Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo. No final do ano também fazemos algumas coletas complementares, além de análises agregadas que permitem um olhar mais aprofundado, abrangente e que alimentam o relatório de avaliação externa. Finalmente, produzimos análises parciais e uma final que são discutidas com as equipes e que levam a reorientações, mudanças e adequações nas ações e na compreensão do que é feito, além de adequações nas próprias análises.

Em 2015, as equipes mostraram um grande envolvimento com a avaliação, as atividades de coleta e a reflexão a partir das informações e da experiência que têm na prática. As equipes mostram uma apropriação com o que fazem, um olhar apurado para as consequências de cada “pedaço” de sua prática. Tudo isso tem feito com que o Instituto Fonte se sinta muito “parceiro” da SP Leituras, contribuindo para a formação de leitores e para o desenvolvimento de bibliotecas que são verdadeiros espaços de formação de cidadãos e de garantia de direitos.

Como foi levantado pelas próprias equipes, o desafio principal da instituição tem sido produzir uma prática e uma visão mais integrada entre as pessoas e entre as diferentes áreas. Outro desafio apontado está relacionado com a comunicação da SP Leituras, na compreensão dos públicos das diferentes iniciativas e como todas elas se integram para a produção de resultados que são mais do que a soma dos resultados de cada projeto ou programa.

5

Nova compreensão da matriz de avaliação da SP Leituras

A partir das reflexões com as equipes em 2015, a equipe do IF veio amadurecendo um pouco mais a matriz que estrutura a lógica da avaliação. Nesse sentido, avançamos justamente na compreensão de diferentes dimensões de resultados que podem ser verificados como consequência das iniciativas. A figura 2 sintetiza a visão atual que orienta tanto a avaliação, como, ao nosso ver, reflete uma visão mais integrada dos resultados provocados pela ação dos diferentes projetos e da SP Leituras como um todo:



Figura 2: Cadeia de resultados produzidos pela ação das iniciativas da SP Leituras

Em 2015, a equipe do Instituto Fonte em conjunto com as equipes da SP Leituras, desenvolveram um novo olhar para a o processo avaliativo, baseado na tentativa de entender o que há de comum e de diferente nos Programas. Conforme a matriz de avaliação foi sendo construída, desde 2012, quando o trabalho entre o Instituto Fonte e a SP Leituras se iniciou, já havíamos compreendido que a avaliação deve trabalhar em duas perspectivas de base: uma que tenta entender a satisfação dos públicos com as estratégias utilizadas em todas as ações e que, portanto, revela a adequação das estratégias aos diferentes objetivos, contextos e públicos; e outra que procura os impactos das ações na formação dos profissionais que trabalham com leitura (por exemplo, as capacitações do SisEB, as mediações-modelo do Praler, entre outros); na dinamização das bibliotecas ou de outras instituições nas quais o trabalho com leitura é feito (por exemplo, o preparo e realização do evento Viagem Literária, as ações da programação cultural da BSP e da BVL, entre outros); e, finalmente, nos hábitos leitores e na vida dos públicos (por exemplo, as instituições que recebem o Praler ou o BSP até você, entre outros).

De modo geral, a qualidade das estratégias implementadas é um primeiro produto alcançado pelas ações e que, por sua vez, contribuem para produzir essas três grandes dimensões de resultados - profissionais de bibliotecas melhor formados, a dinamização das bibliotecas e a dinamização institucional em relação à leitura (o que também chamamos de impacto institucional de organizações que não são bibliotecas, mas que podem aproveitar a leitura como oportunidade de promoção de seu propósito).

Em conjunto, profissionais de bibliotecas melhor formados, bibliotecas dinamizadas e em contato com suas comunidades e instituições melhor apropriadas do potencial da leitura devem contribuir para a formação de hábitos leitores e de cidadãos críticos, com capacidade de ler e se inscreverem no mundo - ou até de escreverem mundos!

Nas diversas discussões deste último ano com as diferentes equipes, a equipe de avaliação pôde entender que essas três frentes de trabalho estão sempre presentes em



todos os Programas da SP Leituras, mas a composição entre elas é específica em cada um deles, sendo isso o que os diferencia. Por exemplo, se na BSP/BVL ocorre uma atividade de mediação de leitura, esta está focada no público final e no desenvolvimento de seus hábitos leitores. No entanto, ao mesmo tempo, ocorre uma dinamização da biblioteca. No programa Viagem Literária, o objetivo central é a dinamização da biblioteca, mas ali acaba acontecendo uma formação dos profissionais das bibliotecas que se envolvem na produção do evento junto com a equipe da SP Leituras, e o desenvolvimento de hábitos leitores nos públicos participantes.

As análises aqui presentes procuram respeitar essa lógica, tentando entender como cada Programa trabalha com cada uma dessas frentes e quais impactos centrais e secundários são conquistados em cada um deles. Ao apresentarmos a avaliação de cada um dos programas, ficará mais claro qual a sua prioridade, assim como os indicadores que sinalizam o alcance de cada um desses resultados.

Além disso, a lógica global permite fazer a leitura “transversal” do relatório em busca de um resultado específico ao qual diversos programas se dedicam e, então, observar o resultado agregado da ação da SP Leituras como um todo. Por exemplo, a Dinamização das Bibliotecas é produzida pela BSP e BVL, pelo Praler, pelo SisEB e pelo Viagem Literária, então é possível, ao ler os resultados de cada um desses programas nessa dimensão, o que foi alcançado de modo geral.

Este relatório sintetiza tanto o processo (principais temas debatidos com as equipes, escolha de foco e de estratégias de coleta de informações), como os resultados da avaliação (informações, achados, análises, etc.) e tem, portanto, o objetivo de registrar tudo o que foi trabalhado entre as equipes do Instituto Fonte e da SP Leituras no que concerne à avaliação. Dessa forma, buscamos garantir transparência ao processo, assim como relevância ao nosso trabalho, que busca apoiar o central: o desenvolvimento da prática e da reflexão das equipes que realizam o trabalho da ponta, junto com as bibliotecas e o potencial público leitor do Estado de São Paulo.

Do nosso ponto de vista, os resultados de modo geral mostram uma execução de muita qualidade, com equipes apropriadas do seu fazer e dos instrumentos necessários para uma boa operação. Ao mesmo tempo, essa competência tem permitido que cada equipe se aproprie e se aprofunde mais nas questões mais profundas, da qualidade da sua atuação, da natureza essencial da contribuição de cada ação para o fomento à leitura e a formação de cidadãos. Nesse ponto, o desafio institucional da SP Leituras e dos seus parceiros, entre eles a própria Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo, é dar e construir condições institucionais para que esse passo possa ser de fato dado e a capacidade de reflexão e aprendizagem da SP Leituras possa gerar frutos de qualidade capazes de contribuir para o campo do fomento à leitura e inclusão.

É necessário ressaltar que essa boa execução também deve ser vista sob a ótica da gestão da organização. Embora não tenhamos dados específicos sobre dados da gestão, não é possível fazer uma boa execução das atividades “na ponta” se não há um amparo administrativo de qualidade - dado pelas diversas equipes “meio” da SP leituras, de apoio, manutenção, administrativo e comunicação. Institucionalmente também é possível observar o desafio de integração das áreas-fim e das áreas meio. Esse também é um salto institucional que, do nosso ponto de vista, também está



relacionado com o aprimoramento da reflexão sobre o fomento à leitura e a inclusão.

Agradecemos e esperamos honrar a dedicação, envolvimento e abertura das pessoas e do trabalho da SP Leituras.



II. Bibliotecas: BSP e BVL

1. Contexto em 2015

O propósito da atuação das bibliotecas é “oferecer uma experiência nova em biblioteca para fomentar a leitura e a mediação de leitura”. Tanto a BSP, como a BVL carregam a responsabilidade de serem bibliotecas que podem servir como referências no Estado de São Paulo de bibliotecas vivas, com programação cultural intensa, acervo literário de qualidade, espaço acolhedor e instigante, etc.

De modo geral, a qualidade das estratégias está relacionada com a manutenção dos equipamentos e do acervo, a promoção da Programação Cultural e das ações educativas, o atendimento da Assistência Social e a articulação com o entorno.

Em 2015, a BVL entrou no ciclo de monitoramento e avaliação, aproveitando as reflexões que já existiam no processo de avaliação da BSP. As equipes revisaram o questionário fundamental de pesquisa com o público e, principalmente, as estratégias de coleta. Em 2014, esse questionário foi aplicado a partir do site da BSP e em um totem nessa biblioteca. Analisando os dados e os resultados, pensamos que talvez houvesse um público ainda não representado, pois essas estratégias demandavam alguma familiaridade com recursos digitais. Dessa forma, em 2015 optou-se por fazer também duas grandes rodadas de levantamento de informações a partir da abordagem direta com o público.

Em 2015, um tema constante dos diálogos realizados com as equipes das bibliotecas (BSP e BVL) foi a atração e fidelização do público e, então, discutiu-se a importância de entender “atividades culturais” de forma ampla, como todas as oportunidades de aproximação com o universo da leitura criadas pelas bibliotecas. Neste sentido, o atendimento (e aí, especialmente as ações educativas) e os serviços oferecidos nas bibliotecas, também podem ser entendidos como “atividades culturais” que colaboram para o desenvolvimento de hábitos leitores.

A formação dos públicos das bibliotecas está associada à qualidade das suas atividades e serviços (portanto, dos seus Programas), por isso a importância de entender qual o papel que os Programas das bibliotecas têm exercido no desenvolvimento de hábitos leitores. Para dar conta desta indagação, este ano um novo formato de pesquisas qualitativas foi experimentado, baseado no aprofundamento do olhar para Programas ou temas específicos, buscando entender a relação entre a qualidade dos Programas e a formação e fidelização de público.

Além disso, a equipe problematizou um pouco o uso dos dados em anos anteriores e trouxe a sugestão de investigar alguns temas específicos, a partir de estudos também específicos e pontuais, que estivessem relacionados com demandas e questões momentâneas, necessidades de um projeto determinado, etc. Nos pareceu que esse formato de investigação faz muito sentido, já que a avaliação vinha enfocando estudos bem abrangentes e as bibliotecas contemplam, além de uma atuação com objetivos abrangentes, ações específicas, com sua equipe e funcionamento particulares. Nem sempre os dados abrangentes dariam conta de questões desses projetos específicos.



A partir disso, em Julho aprofundamos um estudo a respeito do Bebelê em ambas as bibliotecas e em Dezembro, realizamos uma primeira aproximação em relação à pesquisa que pretende compreender o vínculo estabelecido entre o público e as bibliotecas, assim como os porquês das pessoas das comunidades do entorno da BSP enxergarem apenas parcialmente os serviços e programas oferecidos. Este estudo mais aprofundado será levado a cabo em 2016, mas já é possível levantar perguntas e criar estratégias que colaborem para que ele seja feito. Essa pesquisa tem como pano de fundo a relação entre perfil dos públicos e uso de programas e serviços, assim como questões inerentes à formação de público de modo geral (como atrair quem não usa a biblioteca, como fidelizar aqueles que vêm, mas não estabelecem um vínculo mais profundo com aquilo que é oferecido, etc.).

Todos os processos avaliativos foram acompanhados por um grupo de profissionais das duas bibliotecas, que também ampliou-se. Novos representantes do atendimento e mais membros das equipes passaram a participar.

A avaliação das bibliotecas em 2015 enfocou resultados relacionados com:

- **Qualidade das estratégias:** a qualidade das metodologias utilizadas nas ações da programação cultural, dos serviços prestados e de projetos específicos, a satisfação do público com elas, os meios de comunicação que funcionam para atrair o público.
- **Dinamização das bibliotecas:** resultados relacionados com os perfis dos públicos que frequentam as bibliotecas, com a frequência desses públicos, a utilização dos serviços, do acervo, da Internet e da Programação Cultural.
- **Formação de hábitos leitores:** o aumento do gosto pela leitura, o desenvolvimento da capacidade de pedir e dar indicações de livros, o aumento do interesse por assuntos culturais e pelo hábito de frequentar bibliotecas e o uso qualificado da Internet.
- **Formação para cidadania:** as mudanças na vida de públicos específicos a partir de sua frequência às bibliotecas.

A matriz completa pode ser vista no anexo deste relatório.

2. A coleta de informações em 2015

A partir do interesse definido para a avaliação, as estratégias foram basicamente a aplicação de um questionário com o público, a partir da abordagem direta com o mesmo (esta aplicação direta foi feita por uma semana em maio e por uma semana em setembro); este mesmo questionário esteve o ano todo disponível em totem na BSP e no site de ambas as bibliotecas; foi também feito um estudo temático sobre o Bebelê (entrevistas com o público e observação direta) e outro estudo temático sobre a Biblioteca e a Comunidade (entrevistas com a equipe e observação direta de uma



atividade indicada pela equipe).

Fonte	Estratégia	N
Relatórios trimestrais de Pesquisa de Qualidade da BSP e BVL		3
Público que participa do Bebelê no Parque da Juventude	Entrevistas	5
Público que participa do Bebelê na BSP e na BVL	Entrevistas	5
Pessoas que não participam do Bebelê, mas estão “por perto” na BSP e na BVL	Entrevistas	5
Observação direta do Bebelê na BSP e BVL	Observação	3
Profissionais que trabalham na BSP e BVL	Entrevistas	8
Observação direta de atividade da Ação Educativa na BSP	Observação	1
Público da BSP	Entrevista estruturada (questionário)	2210 ¹
Público da BVL	Entrevista estruturada (questionário)	650 ²

Para o estudo “Biblioteca e Comunidade”, optamos por iniciar com o foco na BSP, já que é uma biblioteca mais antiga e, assim, sua equipe tem mais clareza de quais questões gostaria de abordar sobre a relação com a comunidade do entorno mais próximo. Na BVL, por sua vez, o levantamento do entorno se iniciou antes da abertura da Biblioteca e continua na rotina do Serviço Social para um aprofundamento posterior.

Para começar o estudo, foram feitas entrevistas com 8 profissionais que trabalham na BSP e BVL, sendo que 3 deles moram no entorno da BSP - na comunidade Zachi Narchi. A atividade observada foi indicada pela equipe por ter uma boa adesão da comunidade do entorno, com a intenção de contribuir para a discussão sobre que tipos de atividades e ações têm mais adesão de públicos vulneráveis e os por quês disso. Esta pesquisa será aprofundada em 2016, quando criaremos estratégias para conversar diretamente com um número significativo de pessoas das comunidades do entorno da BSP que não chegam a usufruir da biblioteca.

Em ambas as bibliotecas, a estratégia de seleção de respondentes para o questionário com o público foi o sorteio na entrada, sendo estimadas uma entrevista a cada “x” número de pessoas que entravam. Se a pessoa não concordava em responder, a próxima era então convidada a fazê-lo.

O questionário foi aperfeiçoado com base no utilizado em anos anteriores, o que permitiu algumas comparações e construção de séries históricas, assim como a

¹ Com um público estimado de 3400 pessoas durante a semana e 2100 no final de semana na BSP os números alcançados são representativos.

² Já na BVL, houve mais problemas com a coleta de dados, sendo detectada certa resistência do público em se dispor a participar da pesquisa. Nessa biblioteca, o público estimado é de 1000 pessoas durante toda a semana e 1770 nos finais de semana. Sendo assim, o número de pessoas entrevistadas nos finais de semana ficou aquém do desejado.



comparação dos dados da BSP e da BVL, base que fundamenta a reflexão deste relatório.

Acreditamos que a estratégia da abordagem direta garantiu mais isonomia, por não depender somente da iniciativa de pessoas que, por terem mais intimidade com tecnologia, se aproximam autonomamente do Totem - na BSP, já que na BVL não há Totem - ou preenchem o questionário no site - caso em ambas as bibliotecas.

3. Achados

As informações sobre o questionário que se aplica com o público das bibliotecas são analisadas trimestralmente. A ideia é que as coletas alimentem processos diversos e que possamos aproveitá-las produzindo análises cada vez mais profundas. As próprias equipes tinham questionado a equipe do IF nesse sentido: o esforço na coleta é muito, temos que produzir análises que façam jus a esse esforço! Do nosso ponto de vista, nada faz mais sentido!

Nessa direção, neste relatório realizamos uma análise mais aprofundada sobre os dados da BSP e da BVL com o intuito de gerar conhecimento sobre as diferenças e semelhanças de públicos nas duas bibliotecas. Desde a implantação da BVL, em 2014, a SP Leituras sempre encarou como uma oportunidade de aprendizagem a responsabilidade de gerir duas bibliotecas vivas em lugares diferentes da cidade e, portanto, inseridas em contextos diversos.

Nesta seção de achados apresentamos antes os resultados relacionados com o perfil dos públicos (ou seja, na seção de dinamização das bibliotecas), para então relatar sobre a qualidade das estratégias e a satisfação do público com elas. Isso porque, o perfil dos públicos que frequentam as bibliotecas é a matéria prima e a base para a dinamização das bibliotecas e para a elaboração das estratégias.

a) Dinamização das bibliotecas

Base para todo o trabalho realizado pelas diferentes equipes das bibliotecas e que mantém sempre vivo o olhar delas para cada pessoa que se aproxima, é a pergunta mais essencial e fundamental com a qual qualquer profissional deveria se deparar constantemente: “*Quem é meu público?*”. Vamos tentar trazer elementos para aprofundarmos essa reflexão.

Iniciamos com um quadro com o resumo de informações de perfil disponíveis nos últimos três anos. Nem sempre foi possível ter todas as informações sobre todos os aspectos em todos os períodos por razões relacionadas ao desenvolvimento do próprio instrumento de coleta, ou por razões relacionadas às estratégias de coleta propriamente ditas.

Tabela 1: Dados de perfil do público da BSP e BVL em 2013, 2014 e 2015

Variáveis de perfil		2013		2014		2015			
		BSP		BSP		BSP		BVL	
		semana	finais de semana	semana	finais de semana	semana	finais de semana	semana	finais de semana
Número de respostas		446	323	376	149	1375	819	360	287
Gênero	Masculino	64%	56%	55%	60%	56%	56%	55%	46%
	Feminino	36%	44%	45%	40%	44%	44%	45%	54%
Faixa etária	de 8 a 15	11%	17%	15,2%	28,9%	10,2%	8,7%	14,5%	10,8%
	de 16 a 20	31%	15%	23,1%	15,4%	24,1%	18,7%	14,2%	11,5%
	de 21 a 25	17%	23%	12,5%	14,8%	13,6%	17,5%	12,3%	9,8%
	de 26 a 30	9%	12%	14,9%	10,7%	13,0%	12,5%	10,9%	12,2%
	de 31 a 35	10%	8%	7,2%	10,7%	9,8%	10,0%	10,3%	13,6%
	de 36 a 40	7%	7%	8,0%	6,0%	7,5%	10,0%	12,0%	11,2%
	de 41 a 45	9%	11%	6,4%	6,0%	5,6%	7,1%	7,5%	10,1%
	de 46 a 50	0%	0%	4,0%	4,0%	4,6%	5,9%	6,1%	7,0%
	de 51 a 60	3%	6%	5,1%	2,0%	6,4%	6,5%	7,2%	9,8%
	mais de 60	3%	2%	1%	1%	5%	3%	5%	4%
Escolaridade	Não frequentou a escola	2%	2%	0,8%	0,0%	0,0%	0,0%	-	-
	Ensino Fundamental	24%	24%	17,4%	33,6%	19,8%	14,3%	-	-
	Ensino Médio	45%	35%	38,5%	20,1%	44,7%	40,6%	-	-
	Cursinho pré-vestibular	7%	5%	4,8%	5,4%	2,7%	0,6%	-	-
	Superior	18%	27%	28,3%	34,2%	30,7%	37,7%	-	-
	Pós Graduação	6%	7%	10,2%	6,7%	2,0%	6,9%	-	-
Região onde mora	Região Norte	54%	45%	52%	42%	63%	65%	4%	7%
	Grande São Paulo	16%	21%	18%	21%	8%	6%	12%	20%
	Centro	10%	10%	5%	11%	5%	5%	4%	2%
	Região Leste	10%	13%	10%	9%	9%	9%	3%	6%
	Região Sul	4%	6%	6%	6%	6%	9%	11%	15%
	Região Oeste	2%	3%	3%	5%	6%	5%	63%	48%
	Outros municípios	3%	2%	6%	5%	2%	2%	2%	2%
Trabalho	Não está trabalhando	57%	41%	47%	42%	56%	42%	51%	43%
	Está trabalhando	33%	59%	53%	58%	44%	58%	49%	57%
Situação de contratação	Empregado	48%	63%	40%	60%	66%	73%	-	-
	Trabalhador por conta própria	26%	14%	24%	12%	20%	8%	-	-
	Estagiário e aprendiz	11%	11%	8%	9%	3%	12%	-	-
	Militar ou servidor público	9%	9%	8%	8%	7%	6%	-	-
	Trabalhador não-remunerado	3%	1%	5%	3%	0%	0%	-	-
	Empregador	3%	1%	3%	3%	0%	0%	-	-
	Aposentado, pensionista	0%	1%	11%	5%	3%	1%	-	-



Podemos ver que o público está distribuído de forma equilibrada em relação a gênero, havendo pouco mais de 50% do sexo masculino, tanto nos dias de semana quanto aos finais de semana. A exceção é a BVL, que aos finais de semana parece receber mais pessoas do sexo feminino do que masculino.

Com relação à faixa etária, vemos algumas diferenças entre as bibliotecas: Na BSP, temos uma concentração na faixa dos 16 aos 20 anos e cursando ensino médio, nos dias de semana - possivelmente, como já indicado pela equipe, jovens que estudam na ETEC que fica bem em frente à biblioteca. Já nos finais de semana há uma distribuição mais equilibrada pelas faixas etárias. Essa tendência à presença de públicos de diversas faixas etárias se repete na BVL, como vemos na figura abaixo:

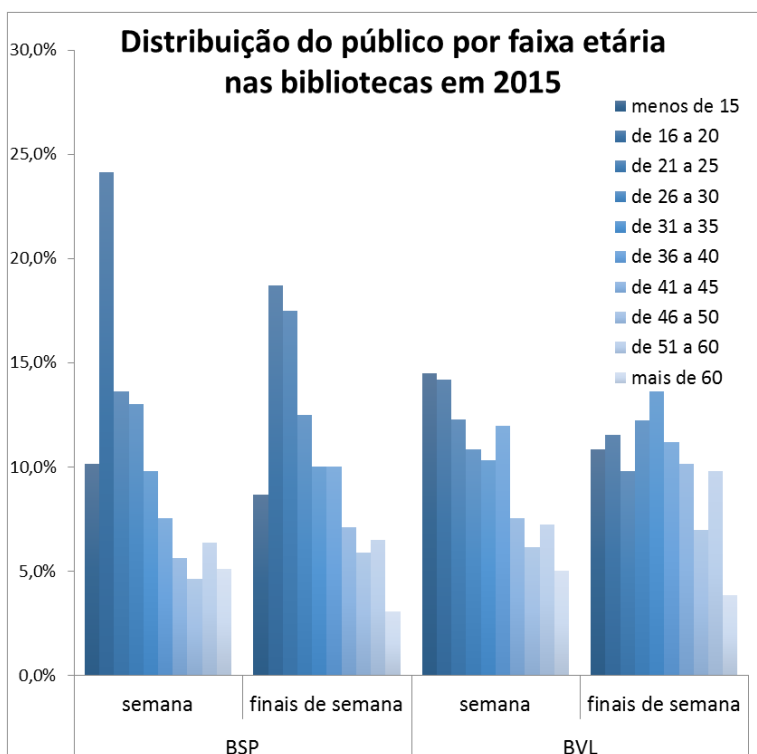


Figura 3: Distribuição dos públicos das bibliotecas por faixa etária - em 2015

Na BVL, a distribuição do público pelas diversas faixas etárias acontece nos dias de semana e se acentua nos finais de semana.

Em relação à escolaridade, a expectativa era de que com a mudança na estratégia de coleta de informações tivéssemos uma queda e que o público estaria melhor representado. Porém, os dados mostram que há na BSP uma concentração de pessoas com ensino médio completo, especialmente nos dias de semana, mas não apenas; e também de pessoas com ensino superior completo. Os dados acumulados dos últimos três anos mostram uma redução de público com perfil de escolaridade com ensino fundamental completo. Essa informação tinha sido questionada em 2014, porém ela vem com mais força este ano e merece atenção da equipe. O que será que essa mudança no perfil de escolaridade pode significar para a BSP?



Nas duas bibliotecas há uma concentração de público que vive perto: cerca de 60% da Região Norte, na BSP; e entre 50% e 60% da Região Oeste na BVL. A BVL recebe mais público de outras regiões nos finais de semana, o que, segundo a equipe, reflete diretamente o movimento de público do Parque Villa Lobos. Segundo a equipe, a frequência de público na BVL é muito influenciada pelo movimento do Parque, o que acontece em menor grau na BSP em relação ao Parque da Juventude. De qualquer forma, os 40% de público em média que vão a ambas bibliotecas e são de outras regiões é um número significativo se levarmos em conta o perfil tanto da BSP quanto da BVL, de bibliotecas locais, em uma cidade coberta por bibliotecas.

Mesmo assim, poderia ser interessante o desafio de pensarmos estratégias diversas de comunicação e articulação com o público em potencial numa biblioteca e na outra e com relação aos parques nos quais estão inseridas: na BSP a comunicação e articulação com o público podem ser pensadas de forma mais independente em relação ao Parque da Juventude; enquanto na BVL, tais estratégias devem levar em consideração de forma muito importante o que acontece no Parque Villa Lobos. Complementarmente a isso, a BVL pode ter um grande potencial de trazer novos públicos ao Parque e para dentro dela mesma.

Em relação à série histórica na BSP, vemos uma tendência à maior concentração de público da Região Norte da cidade, o que levanta a antiga questão sobre o papel e a efetividade das estratégias de comunicação e articulação para a atração de público de outras regiões da cidade, principalmente pensando a facilidade de acesso de metrô.

Como seria de se esperar, em ambas as bibliotecas há presença maior de público que não está trabalhando nos dias de semana e, aos finais de semana, aumenta a presença de pessoas que trabalham. De qualquer maneira, a distribuição, tanto aos finais de semana, quanto nos dias de semana, não é muito desigual, o que pode evidenciar que os horários de funcionamento estão permitindo que quem trabalha possa também ir às bibliotecas - mesmo sendo empregado e, supostamente, com compromisso de horário.

Com relação aos interesses que trazem os públicos para as bibliotecas, vemos que tanto na BVL, como na BSP, nos dias de semana, o principal interesse é o empréstimo de livros. Para os públicos de finais de semana, o interesse no empréstimo de livros cai, apesar de ainda estar presente nas duas bibliotecas.

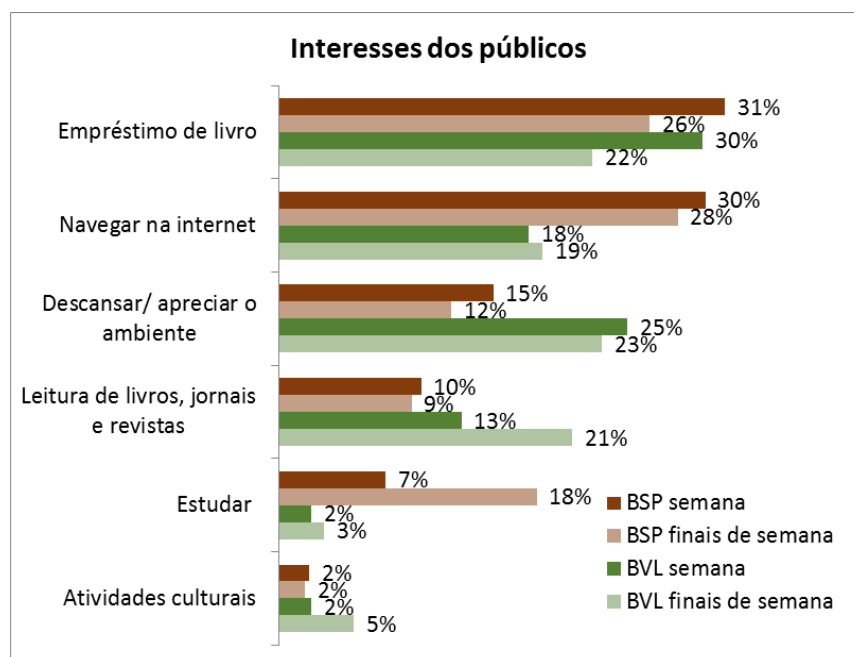


Figura 4: Interesses dos públicos que buscam a BSP e a BVL

Os outros interesses são diferentes para os públicos da BSP e da BVL. Como vemos, um grande interesse do público da BSP é a navegação na Internet e, aos finais de semana, estudar! Na BVL, um grande interesse é o próprio ambiente da biblioteca e a oportunidade de descansar nele e apreciá-lo. Isso deve estar especialmente relacionado ao fato de que a BVL está localizada num lugar do Parque Villa Lobos em que muitos jovens fazem atividades como patinação, skate, etc. e um momento de descanso, num ambiente agradável, é uma bela oportunidade. Além disso, nas duas bibliotecas o ambiente é muito agradável e acolhedor - o que é reconhecido pelo público, como veremos a seguir.

O estudo sobre “A Biblioteca e a Comunidade”, que pode ser visto de forma completa no **Anexo 4: Estudo sobre “A Biblioteca e a Comunidade”**, revela outros aspectos do público atendido pela BSP: a comunidade. Em conjunto com a equipe, definimos que a “comunidade” da qual falamos neste estudo é composta por moradores, especialmente famílias, do conjunto habitacional Zachí Narchi, que fica bem próxima à BSP; albergados, que compõem um público importante da biblioteca, já que no entorno há diversos albergues; e população de rua. A BSP, de fato, lida com um perfil de público muito interessante, se considerarmos o potencial de inclusão que a biblioteca pode ter frente a esse público mais “vulnerável”. O estudo preliminar que fizemos em 2015 pede mais aprofundamentos, para compreendermos melhor a vulnerabilidade desse público, assim como possíveis ações específicas para lidar com ela. O fato é que esse público tem pedido muita atenção e conversas na equipe para lidar com ele; e que a equipe não tem se esquivado dessa responsabilidade, passando por momentos difíceis e desafiadores que nada mais são do que exemplos concretos do desafio que deveríamos encarar como sociedade.



b) Qualidade das estratégias

A qualidade das estratégias se refere à qualidade da infraestrutura, da comunicação, das metodologias utilizadas nas ações da programação cultural e em projetos específicos e à satisfação do público com todos esses aspectos.

A Tabela 2: Dados de relação do público da BSP e BVL em 2013, 2014 e 2015 apresenta dados acumulados nos últimos 3 anos que falam sobre aspectos relacionados à aproximação do público com as bibliotecas, desde vinculação como sócio, até interesses, como trazido anteriormente.



Tabela 2: Dados de relação do público da BSP e BVL em 2013, 2014 e 2015

Variáveis relação com BSP		2013 BSP		2014 BSP		2015			
						BSP		BVL	
		semana	finais de semana	semana	finais de semana	semana	finais de semana	semana	finais de semana
Vínculo com a BSP	É sócio	92%	82%	88%	67,8%	90,7%	85,8%	85,8%	70,6%
	Não é sócio	8%	18%	13%	32,2%	9,3%	14,2%	14,2%	29,4%
Forma pela qual tomou conhecimento	Amigos/ Família	68%	76%	57%	63%	42%	46%	32%	27%
	Mídia	11%	10%	13%	14%	7%	7%	6%	7%
	Passando pela porta	10%	5%	18%	14%	34%	33%	48%	59%
	Site BSP/ BVL	4%	6%	7%	4%	3%	3%	3%	3%
	Informes, banners, etc.	5%	3%	4%	3%	3%	2%	6%	1%
	Quando participava de ação no Parque					3%	3%	3%	1%
Interesses	Empréstimo de livro	32%	23%	49%	43%	31%	26%	30%	22%
	Leitura de livros, jornais e revistas	50%	35%	52%	53%	10%	9%	13%	21%
	Navegar na internet	46%	35%	38%	32%	30%	28%	18%	19%
	Atividades culturais	16%	14%	26%	30%	2%	2%	2%	5%
	Assistir a filmes no PC	14%	9%	13%	13%	0%	0%	3%	0%
	Descansar/ apreciar o ambiente			3%	3%	15%	12%	25%	23%
	Estudar					7%	18%	2%	3%
Frequência à BSP	Diariamente	23%	15%	21%	8%	20%	12%	14%	7%
	Semanalmente	36%	30%	26%	28%	36%	36%	36%	32%
	Quinzenalmente	15%	17%	19%	15%	18%	16%	22%	23%
	Mensalmente	15%	17%	15%	13%	12%	14%	11%	12%
	Raramente	12%	22%	18%	36%	15%	23%	17%	26%
Programação Cultural	Nunca foi a uma atividade	73%	77%	64%	66,4%	73,9%	76,5%	74,7%	71,7%
	Já foi a uma atividade	27%	23%	36%	33,6%	26,1%	23,5%	25,3%	28,3%
Razões porque nunca foi a alguma Atividade Cultural	Falta de tempo	51%		-	-	-	-	-	-
	Horário incompatível	31%		-	-	39%	32%	30%	32%
	Não tomou conhecimento sobre as atividades	44%		-	-	36%	42%	41%	44%
	Não tem interesse nas atividades oferecidas	19%		-	-	13%	10%	9%	10%
	Não tem hábito de frequentar atividades culturais		-	-	-	9%	10%	14%	5%
Jornais e revistas	Costuma ler e revistas na Biblioteca					43%		30%	
	Não costuma ler e revistas na Biblioteca					57%		70%	
Serv. reserva e sugestão	Conhece					49%		45%	
	Não conhece					51%		55%	



Vemos que a enorme maioria dos públicos das bibliotecas é de sócios, tanto na BVL, como na BSP, nos dias de semana e finais de semana. A tendência, também em ambas as bibliotecas, é que a proporção de sócios caia um pouco no público de final de semana. Apesar de ter havido mudanças nos procedimentos e orientações no sentido de estimular de forma mais assertiva a associação do público, esse dado também pode evidenciar que os procedimentos para associação estão mais fáceis e amigáveis, pois de fato, ninguém é “obrigado” a se tornar sócio.

As informações sobre os interesses já foram tratadas anteriormente, mas aqui vemos mais movimentos históricos. No entanto, vemos uma diferença em relação a outros anos: esta questão se tornou de opção única, quando ela permitia ao respondente assinalar as opções que desejasse. As diferenças tão significativas nas porcentagens de cada opção podem se referir a isso. Contudo, notamos alguns movimentos que chamam a atenção:

- A queda no interesse do público pela leitura de livros, jornais e revistas nas próprias bibliotecas, que em 2013 era o principal interesse e em 2015 é pouco mencionado. Este dado precisa ser melhor analisado em 2016, já que o instrumento sofreu alterações, por exemplo, com a entrada de duas novas categorias, descansar/apreciar o ambiente e estudar. Além disso, as categorias de “empréstimo” e “leitura de livros...” estão separadas, já que a primeira seria relativa a levar livros para casa, enquanto a segunda diz respeito à leitura e consulta de livros na própria biblioteca. Agora começamos a pensar na possibilidade de colocar essas duas categorias juntas, já que talvez demonstre mais o que ocorre na realidade, inclusive levando em conta que talvez as pessoas não entendam a diferença entre uma e outra categoria.
- O interesse por atividades culturais, mesmo com a mudança de estratégia de coleta, pode ser visto como um interesse secundário em relação ao empréstimo de livros, à navegação na Internet e ao próprio ambiente. Apesar disso, a proporção de mais ou menos $\frac{1}{4}$ do público que efetivamente frequenta a programação cultural não é baixa, considerando a quantidade de ofertas existentes na cidade de São Paulo. Além do mais, a participação em atividades culturais vem aumentando ano a ano, a partir de informações fornecidas pela equipe³.
- Esses dados, de todo modo, nos fazem pensar no que realmente atrai o público e como aproveitar os seus interesses para qualificar a sua presença na biblioteca (no sentido de torná-la de fato oportunidade de desenvolvimento humano, social, etc.).

Como já vimos anteriormente, a questão não parece ser a qualidade das atividades culturais, que é muito bem avaliada pelo público, mas sim de tempo (horário incompatível) e de comunicação (as pessoas não tomam

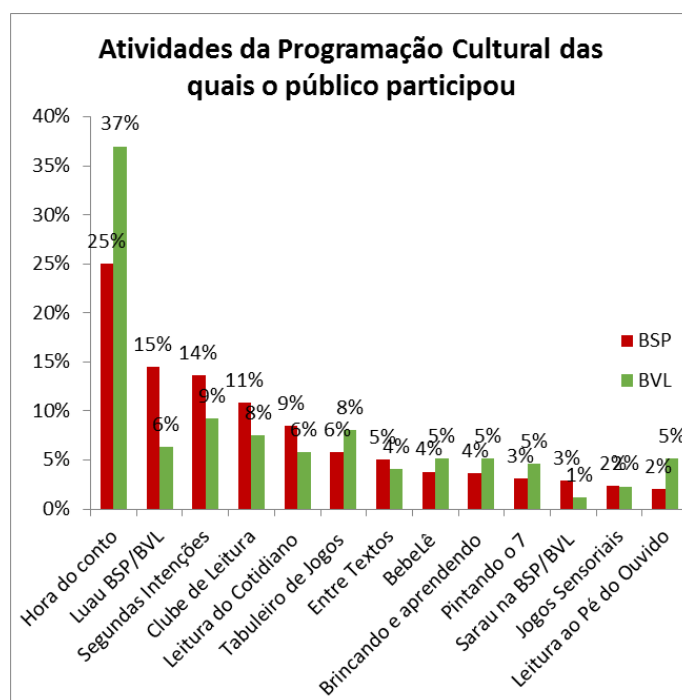
³ Na BSP: 2012: 6.162 participações, 2013: 16.297 participações, 2014: 32.235 participações e 2015: 33.520 participações. Na BVL: 38.843 participações em 2015.



conhecimento), como vemos nessa mesma tabela. Iniciativas de mudar horários de alguns programas foram tomadas pela equipe, no intuito de tentar sanar tal incompatibilidade, mas aparentemente isso não surtiu efeito. Neste sentido, a questão de “tempo” parece se aproximar mais da falta de tempo do que de incompatibilidade.

- Houve um incremento no interesse por usufruir dos ambientes das bibliotecas apenas para descansar e apreciá-lo, o que, do nosso ponto de vista diz da importância de espaços e tempos para “não fazer nada”! E, afinal, em que lugar podemos nos permitir fazer isso - “nada”?

Ainda sobre o tema da Programação Cultural, as pesquisas investigam a frequência e a satisfação em atividades que são tocadas pela equipe da Programação Cultural, mas não as atividades educativas que a própria equipe de Atendimento realiza. Talvez pudéssemos pensar em como inserir este “atendimento proativo” nos processos avaliativos e quais as relações possíveis dessas atividades com a Programação Cultural das bibliotecas. Abaixo, vemos de quais atividades especificamente o público da Programação Cultural participou:



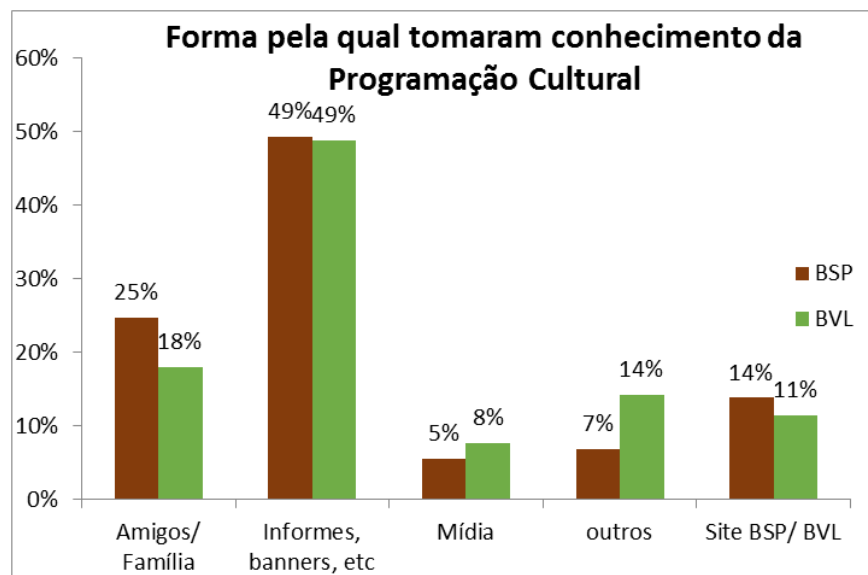
Nas duas bibliotecas a atividade que foi mais frequentada foi a “Hora do Conto”, que trata de mediação de leitura, espetáculos, entre outros. O Luau que aborda temas relacionados à música, literatura e poesia, é muito mencionado na BSP, assim como o “Segundas intenções”, que estabelece um encontro com escritores.

Os dados sobre frequência de visitas às bibliotecas têm se mantido constantes: a

maioria frequenta as bibliotecas semanalmente. Na BSP há uma boa parcela do público de dia de semana que a frequenta diariamente. Na BVL a segunda maior proporção de público a frequenta quinzenalmente.

Finalmente, sobre o tema da comunicação, vemos que as principais formas pelas quais os públicos das bibliotecas tomam conhecimento de sua existência são a partir da indicação de amigos e familiares e passando pela porta ou próximo a elas. Na BSP, o boca-a-boca parece ser mais relevante e na BVL, o passar pela frente - o que confirma a importância da relação biblioteca/Parque Villa Lobos, como já mencionado anteriormente e destacado pela própria equipe.

As outras estratégias de comunicação, como banners, site, informes, têm se mostrado secundárias em termos de atração de público para as Bibliotecas. A mídia, apesar de não atrair tanto quanto o boca-a-boca e o “passar pela frente”, também mostra relativa eficiência. Curiosamente, por outro lado, a principal estratégia de comunicação que se faz presente como a que tem atraído o público para a Programação Cultural, especificamente, são os informes e banners:



21

Figura 5: Forma pela qual as pessoas que já frequentaram a Programação Cultural tomaram conhecimento sobre ela

Poderíamos dizer que os informes, banners e etc têm funcionado mais para atrair público que vem especificamente para as atividades culturais, mas não tanto para trazer públicos que querem conhecer as bibliotecas de modo geral. Essa conclusão poderia fazer pensar numa questão: o uso dessas estratégias de comunicação tem se dado principalmente “ao redor” das bibliotecas e menos em lugares distantes? Se sim, as próprias bibliotecas chamam bem mais a atenção por si mesmas - o que é também evidenciado pela alta proporção de público que é atraída apenas “passando pela frente” dos equipamentos. Os dados mostram que a mídia atrai mais o público para a



biblioteca (entre 6% e 7% nas duas bibliotecas) do que para a Programação Cultural especificamente. Talvez cada canal tenha um potencial específico: a mídia de maneira geral, para as bibliotecas; e os informes e banners, para a Programação Cultural.

Os dados sobre como o público do BebeLê toma conhecimento sobre a atividade também reforça essa tese, já que muitos mencionam ter visto os banners ao redor das bibliotecas, ou os informes dentro delas. Muitos também estavam nas bibliotecas ou no Parque da Juventude, viram a atividade acontecendo e pararam para participar.

Ainda com relação à qualidade das estratégias, temos um conjunto de informações sobre a satisfação do público com as atividades e serviços oferecidos pelas bibliotecas, que mostram sistematicamente uma avaliação muito positiva:

Tabela 3: Satisfação do público das bibliotecas em relação às atividades e aos serviços prestados

Variáveis de satisfação	2013 BSP	2014 BSP	2015		
			BSP	BVL	
Encontra o título que procura	Sempre	30%	25,1%	48,2%	46,4%
	Muitas vezes	45%	53,3%	34,2%	37,2%
	Poucas vezes	20%	18,9%	14,9%	13,0%
	Nunca	5%	2,7%	2,7%	3,4%
Avaliação Programação Cultural (1 a 4)	Arte-educador, oficinairo, palestrante	3,41	3,42	3,61	3,52
	Interação com o público	3,40	3,38	3,57	3,51
	Carga horária	3,21	3,22	3,31	3,31
	Tema	3,33	3,35	3,51	3,40
	Material oferecido	3,31	3,34	3,47	3,42
Organização do local	3,45	3,43	3,55	3,43	
Avaliação geral dos serviços (1 a 4)	Atendimento	3,58	3,46	3,71	3,73
	Comunicação	3,40	3,31	3,57	3,50
	Atividades	3,32	3,27	3,40	3,39
	Livros e Filmes	3,36	3,43	3,49	3,54
	Limpeza	3,70	3,68	3,72	3,79
Segurança	3,46	3,46	3,61	3,73	

22

As altas notas médias atribuídas pelo público mostram uma satisfação já de três anos com as atividades e os serviços oferecidos. A nota mais baixa atribuída neste percurso de três anos foi de 3,21 (80% de aproveitamento, ou de 0 a 10, uma nota 8) em 2013, para a carga horária das atividades da Programação Cultural. Curioso notar que, com raras exceções, a questão da carga horária aparece muito como um aspecto de menor aprovação pelos públicos dos diversos programas oferecidos. Nos perguntamos se esse dado revela mais uma questão das atividades ou do próprio público.

Apesar das notas sempre terem sido altas, elas também mostram um incremento anual consistente em todas as variáveis se considerarmos 2013 e 2015, com algumas poucas oscilações em 2014. Do nosso ponto de vista, isso revela realmente a qualidade excepcional das atividades e dos serviços oferecidos, desde o acervo, as atividades da programação cultural e o atendimento, comunicação, etc. Destacam-se a percepção



de limpeza e o atendimento, como aspectos especialmente bem avaliados entre os serviços.

As altas médias atribuídas pelo público também fazem pensar em estratégias complementares de avaliação, que “escutem” recortes específicos de públicos, como especialistas, bibliotecários, etc., de forma a possibilitar olhares mais críticos e direcionados a temas específicos, sem esquecermos que o pano de fundo é uma enorme satisfação do público geral.

O estudo qualitativo sobre o BebêLê, mostra que também neste caso, há um sentimento de satisfação de quem participa em relação à atividade, seu preparo e ambiente. O fato do ambiente ser acolhedor, especialmente preparado para a atividade, foi algo comentado por todos os entrevistados. Os EVAs, pufes, almofadas, livros espalhados no chão, bichos de pelúcia e fantoches para pegar, ver e brincar à vontade, são muito apreciados. Essa organização espacial, somada à atitude dos atendentes de deixar todos muito à vontade, parecem ser os grandes responsáveis pelo envolvimento de pais e crianças com a atividade. O fato de que não era a primeira vez que cerca de um terço dos entrevistados estava indo ao BebeLê, também evidencia satisfação.

Nas observações, os comentários e interferências mais interessantes dos mediadores vinham a partir da interação com aquilo que naturalmente estava acontecendo entre livros e crianças. A maioria dos mediadores interagem com as situações de modo a potencializar o que está ocorrendo, algo apreciado por todos. Porém, o momento da leitura do livro em voz alta não agradou tanto assim. Para nós, o curioso foi perceber que o princípio do programa de proporcionar ambientes de liberdade que potencializem boas interações entre crianças-livros, crianças-livros-pais/mães/cuidadores, não continua se manifestando no momento da leitura dos livros em voz alta. Parece que neste momento, a escuta que os mediadores têm, em geral, aos participantes e situações, se perdia um pouco na suposta necessidade de “cumprir bem uma tarefa”, no caso, ler um livro do começo ao fim para crianças e seus cuidadores. Uma questão que se coloca então é de quais são as habilidades que precisam ser desenvolvidas pelos mediadores, para que sua escuta da situação continue presente mesmo neste momento.

Com relação à qualidades das estratégias do BebeLê, percebemos que este é um programa que visa o estímulo à leitura pela via da construção de oportunidades em que adultos e crianças interagem entre si e com a leitura, de forma a que o adulto seja um potencial “agente promotor da leitura” para aquela criança em outras situações além daquela - em casa, por exemplo. São vistos diversos “exemplos” do que ajuda: a construção de um ambiente acolhedor, a interação espontânea e prazerosa entre criança-livro-adulto, a leitura de um livro agradável, etc. Nesse sentido, as estratégias mostram estar sendo efetivas ao gerarem oportunidades agradáveis de interação.

Com relação ao acervo, mais de 80% do público declara encontrar o título que procura



sempre e muitas vezes, e essa porcentagem veio também aumentando ao longo dos anos, o que evidencia o cuidado com a atualização e manutenção de um bom acervo e/ou um maior entendimento da proposta do acervo.

Atualmente, porém, ainda há solicitações que não batem exatamente com o perfil das bibliotecas e nesse sentido surpreende que 43% do público da BSP que não encontrou o título que procurava ainda busque e solicite livros didáticos, de pesquisa e de referência. Essa taxa é mais baixa na BVL, o que pode mesmo evidenciar que essa possa ser uma demanda específica dos estudantes da ETEC que frequentam a BSP nos dias de semana e também aos finais de semana.

Tabela 4: Tipo de títulos não encontrados no acervo e jornais e revistas procurados

		2013	2014	2015	
				BSP	BVL
Não encontrou título de:	Literatura em outros idiomas	13%	9%	6%	14%
	Um título específico de literatura	10%	21%	45%	48%
	Livros didáticos, pesquisa e referência	6%	16%	43%	25%
	Gibis, revistas e jornais	5%	11%	7%	14%
Gostaria de jornais e revistas de:	Revistas de literatura	20%	27%	-	-
	Saúde	17%	16%	-	-
	Esporte	17%	6%	-	-
	Beleza	9%	6%	-	-
	Fitness	5%	5%	-	-
	Periódicos internacionais	23%	21%	-	-

24

Apesar da constante atualização e manutenção do acervo, há uma parte do público que gira em torno de 16% e 17%, que encontra o título que procura poucas vezes ou nunca. Em 45% (BSP) e 48% (BVL) dessa parte, relata-se não ter sido encontrado um título específico de literatura. Pelos relatos da equipe isso pode ser dar, principalmente, pelas “ondas” de busca por determinados títulos dos quais não se possuem exemplares suficientes.

Além disso, nas duas bibliotecas, apenas cerca de metade do público conhece o serviço de sugestão e reserva de livros.

A equipe também tem buscado conhecer e compreender os hábitos de leitura de jornais e revistas do público: 43% do público da BSP e 30% do público da BVL costumam ler os periódicos. Em anos anteriores os tipos de periódico mais solicitados eram revistas de literatura e internacionais. A equipe mencionou ter buscado periódicos desse tipo, mas a leitura de jornais e revistas, aparentemente, não aumentou. Apesar de ainda ter potencial de melhora, a leitura dos periódicos tem sido significativa em ambas as bibliotecas.

Com relação ao público vulnerável atendido pela BSP, as questões às quais se dirigiu o **Anexo 4: Estudo sobre “A Biblioteca e a Comunidade”** enfocavam



especificamente a adequação das estratégias de atração e manutenção da presença dele no espaço. De modo geral, na visão das equipes da BSP e do IF, esse público pede uma escuta específica e a elaboração de estratégias também direcionadas. Aprofundamos os resultados do estudo na seção **“Formação de cidadãos pelas bibliotecas”**.

Segundo uma das assistentes sociais, existem algumas atividades direcionadas para esses públicos, apesar de ser necessário um aprofundamento da equipe em relação a elas, mas talvez falte também uma comunicação específica voltada para essas pessoas e públicos. Um outro atendente comentou sobre a divulgação, dizendo que já conversou com muitas pessoas do entorno que ainda não sabiam que a BSP é uma biblioteca. Para diversos funcionários, a comunicação do espaço poderia ser mais direcionada, por exemplo, na forma de mediações de leitura em locais específicos, mostrando que o espaço é público e que todos têm direito a ele, ensinando a chegar na biblioteca, pois segundo eles, quando visitam instituições de serviços de assistência social que poderiam ser parceiras da BSP, muitas vezes os gestores nem sabem direito onde a biblioteca fica.

Além de divulgar a biblioteca e “ensinar o caminho”, este tipo de divulgação, na qual são as atividades que “chamam as pessoas”, mostra, de uma só vez, que a biblioteca existe, o que pode ser usufruído nela e cria oportunidades de conversar sobre leitura e literatura com as pessoas, aproximando-as e ajudando a quebrar mitos que distanciam.

No estudo sobre a “A Biblioteca e a Comunidade” foi feita, também, a observação de uma atividade indicada pela equipe. A atividade se chama “Incentivo à Leitura”, acontece no Piso Adulto e é feita por três atendentes da BSP, como parte da Ação Educativa da biblioteca. Na “sala de espera” para uso dos computadores, esta atividade funciona como um disparador para que homens e mulheres conversem entre si e com a equipe a partir de questões levantadas pela equipe. Essa observação, em certa medida, respondeu a algumas indagações que foram feitas no próprio estudo, pois aponta caminhos para “fisgar públicos específicos”, contribuindo para o primeiro momento de contato com a biblioteca, que deve ser, segundo a própria equipe, de acolhimento, de romper com o imaginário de que a biblioteca não é feita para as pessoas pobres ou que se encontram em situações marginalizadas, mas para pessoas “intelectualizadas”, etc. Ela é claramente uma atividade que aproveita situações que já estão acontecendo para aprofundar a relação de certos públicos com o espaço.

c) Formação de hábitos leitores pelas bibliotecas

Em 2015 não foram conduzidos estudos qualitativos com o público geral enfocando esse impacto produzido pelas bibliotecas. Acredita-se que a qualidade das estratégias e a dinamização das bibliotecas são elementos que conduzem à formação de hábitos



leitores e à formação de cidadãos. Sob esse aspecto, e como mostram os dados sobre as bibliotecas, a qualidade das estratégias é bem avaliada, assim como os resultados relacionados com a dinâmica das bibliotecas; o que por sua vez sugere seu papel na formação de hábitos leitores de quem as frequenta. A questão tem sido mais em relação “a quem não chega” ou “não fica” e, portanto, sobre o potencial de transformação não aproveitado das bibliotecas - na medida que quem poderia se beneficiar de seus serviços, pode não estar chegando.

Com relação aos estudos temáticos, no BebeLê vemos exemplos que mostram o potencial do programa na formação de hábitos leitores de crianças e adultos. Uma das mães comentou que o filho não gostava de livro e que “*Depois [da atividade], ele começou a gostar, levar livros para casa. Quer pegar papel para ler na rua. Vê um papel, quer ler*”. Aqui, percebemos que a atividade cumpriu o seu papel, que é o de criar um ambiente leitor para que, a partir dele, as crianças iniciem um processo de gosto pela leitura. A atividade, por sua vez, apesar de provavelmente facilitar a abertura do caminho para o letramento e a alfabetização, não tem essa como finalidade principal.

Além deste, outro aprendizado fundamental notado é dos adultos, quando dizem que a sua imagem de biblioteca mudou totalmente quando entenderam que as crianças também podem e devem frequentá-la. Apesar de um imaginário social arraigado de que “Biblioteca não é lugar para crianças”, como vemos no estudo completo no **Anexo 2: Estudo completo sobre o BebeLê**, a maioria dos entrevistados disseram que a imagem de biblioteca mudou depois que viram seus filhos interagindo com os mediadores, livros e outras crianças dentro de uma biblioteca!

26

d) Formação para a cidadania pelas bibliotecas

Para trazer elementos sobre o impacto na formação de cidadãos das bibliotecas, trazemos principalmente informações específicas do estudo sobre “A Biblioteca e a Comunidade”, que pode ser visto no **Anexo 4: Estudo sobre “A Biblioteca e a Comunidade”**

Um líder de atendimento que é morador da Zachi Narchi, traz um elemento muito importante, que também foi verificado fortemente no estudo sobre o BebeLê, que é a concepção da população sobre “para quem é uma Biblioteca”. A concepção geral parece ser de que é para pessoas que já leem, cultas, adultas. Dito de outra forma, a concepção geral de biblioteca parece ser bastante *excludente*, o que nos faz pensar na importância que teriam estratégias de trabalho amplas na sociedade (campanhas, etc.), que façam com que as pessoas possam mudar sua percepção.

Esse líder de atendimento disse que existe nas pessoas da comunidade uma percepção difundida de que a biblioteca não é propícia para elas, pois seria para “pessoas



cultas”, apesar de, segundo ele, isso estar mudando aos poucos. Uma assistente social comentou que a distância entre o espaço da biblioteca e a realidade das pessoas pode fazer com que sintam medo de serem discriminadas neste espaço e, por isso, se afastem da biblioteca. Segundo um outro líder de atendimento, as pessoas não sabem que têm direito à este espaço e por isso não o frequentam. Para ele, o bairro onde está localizada a biblioteca é marginalizado por conta da sua história, por ter havido ali uma penitenciária. Sendo assim, os moradores da Zachi Narchi sentem-se subjugados.

“As pessoas entenderam que não podem, nos anos anteriores à biblioteca. E agora estamos tentando falar que sim, elas podem, mas isso é um processo, é algo que ainda leva um tempo. Mas precisamos olhar para isso e tentar acolher. Olhando para o atendimento, o que estamos fazendo é tentar que o atendente seja a conexão com a biblioteca, não só da pessoa que está marginalizada, mas das famílias, dos estudantes.

Para uma das assistentes sociais entrevistadas a realidade das pessoas as afasta da biblioteca, já que geralmente têm formação precária e pouco acesso à informação, vindo à BSP principalmente motivadas pela necessidade de utilizar os computadores, nem percebendo outras possibilidades de uso do espaço.

“Acontece muito de vir uma mãe com crianças e esta subir para os computadores e deixar as crianças no piso infantil. O jovem vem também com esse mesmo objetivo. Acho que é por conta do contexto social dessa família que faz com que ela não se aprofunde em tudo o que a biblioteca pode oferecer”.

27

De modo geral temos, então, algumas imagens presentes:

- A biblioteca é vista como um lugar sagrado, portanto, não uma extensão do cotidiano, mas um “corte” em relação a ele;
- A biblioteca é ainda vista por muitos como um espaço “para poucos”: aqueles que já sabem ler, que tem estudos, que são de uma classe social mais elevada, que têm uma determinada idade, etc.;
- As pessoas não enxergam a biblioteca como espaço público e ao qual têm direito. Ficam com medo de serem discriminadas;
- A biblioteca é compreendida como um espaço para fins específicos, geralmente relacionados ao “estudo”.

O exemplo abaixo é paradigmático no sentido de evidenciar o potencial de algumas estratégias para trazer esse público, como o convite direcionado a partir de um contato prévio com algum membro da comunidade e a indicação de livros ou mesmo de serviços que “falem” da realidade específica vivida pela comunidade (que não precisa ser vista só como a de violência etc., mas que deve ser pesquisada - que realidade é essa e o que pode dialogar com ela?):



“Outro dia convidamos um amigo nosso, o Roberto, ele tem trinta e poucos anos, mas nunca tinha entrado em uma biblioteca, eu e outro rapaz que trabalha aqui convidamos e ele se interessou em fazer a carteirinha. Ele então disse que queria ler um livro, mas que a sua realidade é muito diferente das outras pessoas e queria ler um livro que falasse de situação de rua e tal. Eu então indiquei algumas leituras que tinham a ver com isso, o rapaz levou um livro para casa e depois me surpreendeu porque voltou com toda a família para todos fazerem a carteirinha e desfrutarem do espaço. Aí a gente foi mediando, mediando. Quando ele vai falar de biblioteca, ele sempre cita que nunca tinha lido um livro na vida”.

Esse tipo de imaginário, tão difundido, gera a necessidade de desenvolver formas de acolhimento específico para diferentes públicos, de modo que vínculos de confiança possam, aos poucos, com calma e paciência, serem criados. O **acolhimento**, segundo diversos funcionários, é um primeiro passo para que os públicos marginalizados cheguem na biblioteca, entendam os usos possíveis do espaço e possam participar de atividades e serviços de modo mais consistente. Pode-se dizer que o acolhimento deve ser feito tanto dentro da biblioteca, quanto fora dela. Fora dela para ir chamando o público para perto e dentro para fidelizar o público, quando este se sente à vontade e entende que há muitas coisas interessantes para fazer na biblioteca.

Pensando no acolhimento “de dentro para fora”, uma **comunicação específica** para esses tipos de público, também precisa ser pensada. Nesse sentido, ações que possam ir mais cotidianamente para fora da biblioteca, são fundamentais, assim como ações de “**escuta**” das pessoas e seus desejos e necessidades. A comunicação, neste caso, tem a ver não apenas com “falar” (o que é legal, o que tem na biblioteca, etc.), mas também com “**ouvir**”.

Em relação às atividades voltadas para esses públicos específicos, essas já são, até certo ponto, realizadas, mas ainda precisam ser aprofundadas pela equipe, de acordo com os funcionários. Criar estruturas para acolher e “fisgar” públicos em suas diferenças, são formas mencionadas e que podem contribuir para que as pessoas da comunidade se aproximem do espaço e permaneçam nele.

Podemos concluir, por enquanto, já que essa pesquisa continuará sendo aprofundada em 2016, que a mediação de leitura, neste caso, se dá como um processo longo e difícil. Ela se inicia através de diversas formas de acolhimento, todas igualmente importantes para que o medo, a vergonha e a falta de intimidade com o ambiente da biblioteca sejam aos poucos superados. Estratégias de acolhimento que apareceram em conversa com a equipe como estratégias já realizadas e que podem continuar e intensificar-se, são:

- Ir na comunidade e realizar atividades de aproximação com as pessoas de lá, de divulgação do que ocorre na biblioteca e experiências de leitura;
- Convidar as famílias da comunidade para conhecer a biblioteca e preparar visitas especialmente para elas;
- Realizar escutas e observações tentando entender o que poderia atrair as famílias e outros da comunidade;



- Observar o comportamento das pessoas dentro da biblioteca e criar formas de tornar a sua presença no espaço mais interessante (como o Sarau para os jovens da ETEC ou a atividade Incentivo à Leitura para pessoas que estão esperando para usar o computador, geralmente populações de albergados ou de rua).

4. Síntese das reflexões da BSP e BVL

- Podemos ver que o público está distribuído de forma equilibrada em relação a gênero, havendo pouco mais de 50% do sexo masculino, tanto nos dias de semana quanto aos finais de semana. A exceção é a BVL, que aos finais de semana parece receber mais pessoas do sexo feminino do que masculino.
- Com relação à faixa etária, vemos algumas diferenças entre as bibliotecas: Na BSP, temos uma concentração na faixa dos 16 aos 20 anos e cursando ensino médio, nos dias de semana - possivelmente, como já indicado pela equipe, jovens que estudam na ETEC que fica bem em frente à biblioteca. Já nos finais de semana há uma distribuição mais equilibrada pelas faixas etárias. Essa tendência à presença de públicos de diversas faixas etárias se repete na BVL. Na BVL, a distribuição do público pelas diversas faixas etárias acontece nos dias de semana e se acentua nos finais de semana.
- Em relação à escolaridade, a expectativa era de que com a mudança na estratégia de coleta de informações tivéssemos uma queda e que o público estaria melhor representado. Porém, os dados mostram que há na BSP uma concentração de pessoas com ensino médio completo ou em andamento, especialmente nos dias de semana, mas não apenas; e também de pessoas com ensino superior completo ou em andamento. Os dados acumulados dos últimos três anos mostram uma redução de público com perfil de escolaridade com ensino fundamental completo ou em andamento.
- Nas duas bibliotecas há uma concentração de público que vive perto: cerca de 60% da Região Norte, na BSP; e entre 50% e 60% da Região Oeste na BVL. A BVL recebe mais público de outras regiões nos finais de semana, o que, segundo a equipe, reflete diretamente o movimento de público do Parque Villa Lobos. Segundo a equipe, a frequência de público na BVL é muito influenciada pelo movimento do Parque, o que acontece em menor grau na BSP em relação ao Parque da Juventude. Essa diferença coloca o desafio de pensarmos estratégias diferentes de comunicação e articulação com o público em potencial numa biblioteca e na outra e com relação aos parques nos quais estão inseridas: na BSP a comunicação e articulação com o público podem ser pensadas de forma mais independente em relação ao Parque da Juventude; enquanto na BVL, tais estratégias devem levar em consideração de forma muito importante o que acontece no Parque Villa Lobos.
- De qualquer forma, os 40% de público em média que vão a ambas bibliotecas e são de outras regiões é um número significativo se levarmos em conta o perfil



- tanto da BSP quanto da BVL, de bibliotecas locais, em uma cidade coberta por bibliotecas.
- Com relação aos interesses que trazem os públicos para as bibliotecas, vemos que tanto na BVL, como na BSP, nos dias de semana, o principal interesse é o empréstimo de livros.
 - Vemos que a enorme maioria dos públicos das bibliotecas é de sócios, tanto na BVL, como na BSP, nos dias de semana e finais de semana. A tendência, também em ambas as bibliotecas, é que a proporção de sócios caia um pouco no público de final de semana. Apesar de ter havido mudanças nos procedimentos e orientações no sentido de estimular de forma mais assertiva a associação do público, esse dado também pode evidenciar que os procedimentos para associação estão mais fáceis e amigáveis, pois de fato, ninguém é “obrigado” a se tornar sócio.
 - O interesse por atividades culturais, mesmo com a mudança de estratégia de coleta, pode ser visto como um interesse secundário em relação ao empréstimo de livros, à navegação na Internet e ao próprio ambiente. Apesar disso, a porcentagem de mais ou menos $\frac{1}{4}$ do público que efetivamente frequenta a programação cultural não é um número baixo, considerando a quantidade de ofertas existentes na cidade de São Paulo. Esses dados, de todo modo, nos fazem pensar no que realmente atrai o público e como aproveitar os seus interesses para qualificar a sua presença na biblioteca (no sentido de torná-la de fato oportunidade de desenvolvimento humano, social, etc.).
 - Sobre o tema da comunicação, vemos que as principais formas pelas quais os públicos das bibliotecas tomam conhecimento de sua existência são a partir da indicação de amigos e familiares e passando pela porta ou próximo a elas. Na BSP, o boca-a-boca parece ser mais relevante e na BVL, o passar pela frente - o que confirma a importância da relação biblioteca/Parque Villa Lobos, como já mencionado anteriormente e destacado pela própria equipe. Poderíamos dizer que os informes, banners, etc., têm funcionado mais para atrair o público para as atividades culturais do que para trazer público para dentro das Bibliotecas. Essa conclusão poderia fazer pensar numa questão: o uso dessas estratégias de comunicação tem se dado principalmente “ao redor” das bibliotecas e menos em lugares distantes? Se sim, as próprias bibliotecas chamam bem mais a atenção por si mesmas - o que é também evidenciado pela alta proporção de público que é atraída apenas “passando pela frente” dos equipamentos.
 - As altas notas médias atribuídas pelo público mostram uma satisfação já de três anos com as atividades e os serviços oferecidos. Curioso notar que, com raras exceções, a questão da carga horária aparece muito como um aspecto de menor aprovação pelos públicos dos diversos programas oferecidos. Nos perguntamos se esse dado revela mais uma questão das atividades ou do próprio público - e talvez da nossa realidade atual.



- O estudo qualitativo sobre o BebeLê, mostra que também neste caso, há um sentimento de satisfação de quem participa em relação à atividade, seu preparo e ambiente. Com relação à qualidades das estratégias do BebeLê, percebemos que este é um programa que visa o estímulo à leitura pela via da construção de oportunidades em que adultos e crianças interagem entre si e com a leitura, de forma a que o adulto seja um potencial “agente promotor da leitura” para aquela criança em outras situações além daquela - em casa, por exemplo.
- Com relação ao acervo, mais de 80% do público declara encontrar o título que procura sempre e muitas vezes, e essa porcentagem veio também aumentando ao longo dos anos, o que evidencia o cuidado com a atualização e manutenção de um bom acervo e/ou um maior entendimento da proposta do acervo.
- A BSP lida com um perfil de público muito interessante, se considerarmos o potencial de inclusão que a biblioteca pode ter frente ao público mais “vulnerável”. O estudo preliminar que fizemos em 2015 pede mais aprofundamentos, para compreendermos melhor a vulnerabilidade de uma parte significativa do público, assim como possíveis ações específicas para lidar com ele. De modo geral, na visão das equipes da BSP e do IF, esse público pede uma escuta específica e a elaboração de estratégias também direcionadas.
- Segundo uma das assistentes sociais, existem algumas atividades direcionadas para esses públicos, apesar de ser necessário um aprofundamento da equipe em relação a elas, mas talvez falte também uma comunicação específica voltada para essas pessoas e públicos. Um Projeto de Acolhimento a esse público será testado ainda no primeiro trimestre de 2016.
- Acredita-se que a qualidade das estratégias e a dinamização das bibliotecas são elementos que conduzem à formação de hábitos leitores e à formação de cidadãos. A questão tem sido mais em relação “a quem não chega” ou “não fica” e, portanto, sobre o potencial de transformação não aproveitado das bibliotecas - na medida que quem poderia se beneficiar de seus serviços, pode não estar chegando.
- Um líder de atendimento que é morador da Zachi Narchi, traz um elemento muito importante, que também foi verificado fortemente no estudo sobre o BebeLê, que é a concepção da população sobre “para quem é uma Biblioteca”. A concepção geral parece ser de que é para pessoas que já leem, cultas, adultas. Dito de outra forma, a concepção geral de biblioteca parece ser bastante *excludente*, o que nos faz pensar na importância que teriam estratégias de trabalho amplas na sociedade (campanhas, etc.), que façam com que as pessoas possam mudar sua percepção.
- O **acolhimento**, segundo diversos funcionários, é um primeiro passo para que os públicos marginalizados cheguem na biblioteca, entendam os usos possíveis do espaço e possam participar de atividades e serviços de modo mais consistente.



Pode-se dizer que o acolhimento deve ser feito tanto dentro da biblioteca, quanto fora dela. Fora dela para ir chamando o público para perto e dentro para fidelizar o público, quando este se sente à vontade e entende que há muitas coisas interessantes para fazer na biblioteca.



III. Praler - Prazeres da Leitura

1. Contexto em 2015

O Praler tem como principal propósito incentivar a leitura em instituições diversas não direcionadas especificamente à leitura, mas que podem se beneficiar desta como estratégia de transformação social - como abrigos, escolas, organizações de atendimento à crianças no contra turno da escola, etc. Além da formação de leitores, o programa visa também que a própria instituição aprofunde e qualifique a sua percepção sobre o incentivo à leitura como importante estratégia de inclusão.

Facilitadores realizam atividades de leitura adequadas à realidade e necessidades institucionais específicas e um acervo de livros de boa qualidade, também adequado ao contexto, é doado pelo Programa. O Praler não trabalha apenas com o público final, mas também com o público meio das Instituições, para tentar garantir que as atividades de incentivo à leitura continuem mesmo depois que o programa deixe as instituições parceiras. Ações de formação dos profissionais dessas Instituições são realizadas para que eles se tornem mediadores de leitura ou expandam os seus conhecimentos nesse sentido.

O Praler trabalha com um leque diverso de atividades, dependendo da Instituição: mediação de leitura, oficinas de escrita, formação de educadores das instituições. As atividades são desenvolvidas por facilitadores contratados e possuem um caráter bastante experimental e plural, de acordo com necessidades, desejos e realidades encontradas.

Em 2015, o Praler realizou nove atividades voltadas à formação de profissionais das Instituições parceiras, além de onze voltadas para o público final. Voltar-se de modo mais efetivo para o público meio tem sido um aspecto bastante discutido na equipe do Programa, já que um desafio importante é entender como garantir a continuidade do trabalho com a leitura nas instituições parceiras de forma autônoma, mesmo quando terminadas as ações do Praler. Segundo um dos relatórios da equipe:

“O objetivo é proporcionar aos técnicos e orientadores a vivência prática dessas técnicas para aplicá-las de forma mais assertiva aos públicos que atendem.”

Entender se o trabalho com o público meio está funcionando para manter as mediações e atividades de leitura vivas nas instituições, entender o que está acontecendo nas instituições a partir da passagem do Praler, se existem efeitos residuais que podemos enxergar, foram questões discutidas em 2015 de modo mais constante.

A relação entre a satisfação com o facilitador/adequação das estratégias e os impactos do trabalho nas instituições também apareceu como um ponto importante no trabalho com o público meio das instituições. Foi comentada a importância do facilitador conseguir interferir nos hábitos leitores deste público (ou seja, nos hábitos leitores dos profissionais das instituições), colaborando para que os mediadores em processo de formação passem por uma experiência significativa com a leitura, já que muitos não



são leitores e não têm referências de livros, ambiente leitor e leitura.

As perguntas de avaliação foram agrupadas de modo a tentar espelhar os interesses e questões da equipe diretamente ligadas ao modo como o Praler deve operar: antes das oficinas propriamente ditas (preparo), durante as oficinas (adequação e satisfação com estratégias) e depois delas (impactos). Todo o processo pôde, então, ser compreendido como a intervenção do Praler.

As dimensões de avaliação em 2015 foram:

- Qualidade das estratégias - antes da oficina: a escolha das instituições pela equipe do Praler, preparo da instituição pela equipe do Praler (combinados, expectativas e contrapartidas), estratégias de convocação do público, preparo do formador.
- Qualidade das estratégias - realização das oficinas: a adequação da carga horária, relevância dos temas, qualidade e pertinência dos formadores, andamento da atividade, metodologias, relação com a instituição e seus profissionais.
- Dinamização das bibliotecas ou salas de leitura das instituições: frequência de público no espaço, frequência de uso do acervo e melhora no cuidado com ele.
- Dinamização institucional em relação à leitura: formação de multiplicadores, investimento na melhora da Biblioteca/ sala de leitura, mudança na concepção sobre leitura da instituição e sobre o potencial da leitura e da mediação como estratégias de inclusão.
- Formação de hábitos leitores: o aumento do gosto pela leitura, o desenvolvimento da capacidade de pedir e dar indicações de livros, o aumento do interesse por assuntos culturais e pelo hábito de frequentar bibliotecas e o uso qualificado da Internet.

34

2. A coleta de informações em 2015

Em 2015, decidimos realizar a coleta qualitativa de informações do Praler durante duas ações em uma mesma Instituição e o impacto dessas ações nessa mesma Instituição já observada. Com isso, procuramos tentar respeitar o raciocínio que construímos, da importância de entender o Praler como um Programa que tem três etapas para que se realize: de preparo, de intervenção e de impacto. As coletas visavam abordar todos os pontos e foram:



Fonte	Estratégia	N
Relatórios trimestrais SP Leituras		3
Participantes das oficinas - satisfação	Questionários de satisfação	128
Participantes das oficinas - impactos de curto prazo	Questionário de impactos de curto prazo	44
Facilitadores do Praler	Questionários	9
Gestores/responsáveis das instituições que receberam o Praler	Questionários	9
Membros das instituições - BOMPAR	Entrevistas	3
Ações de formação de mediadores - BOMPAR	Observações	2

3. Achados

a) Qualidade das estratégias - antes da oficina

O preparo corresponde às atividades anteriores à realização da oficina em si, mas que são fundamentais para o bom andamento da mesma: alinhamento de expectativas entre instituição, equipe da SP Leituras e facilitador, acordos, comunicação interna na instituição, entre outros.

De modo geral, os facilitadores mostram que as instituições têm apoiado seu trabalho, e eles se sentem acolhidos:

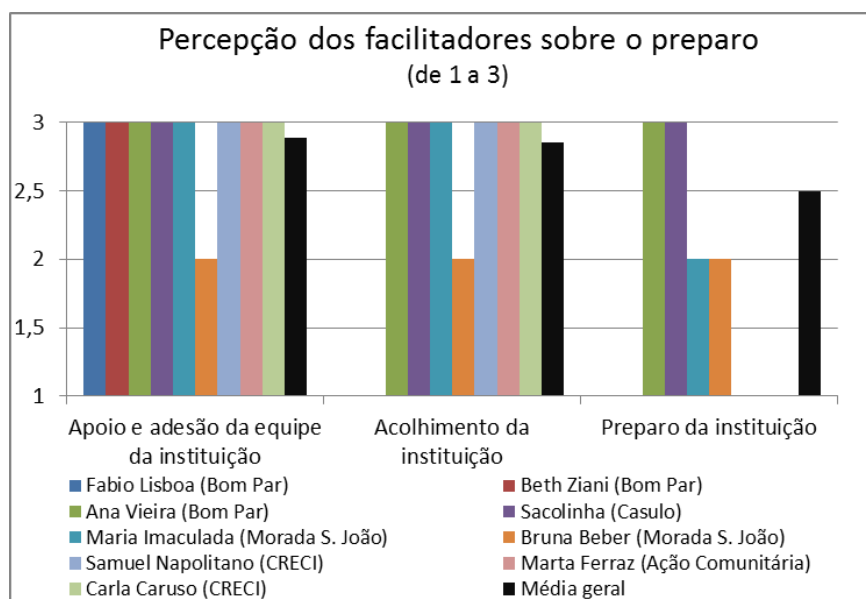


Figura 6: Percepção dos facilitadores do Praler sobre o preparo

A questão principal que emerge é com relação ao preparo da instituição para a atividade - como a comunicação para os participantes - e menos a sensação de apoio e receptividade.

Nas duas observações realizadas no Bompar pela equipe de avaliação, ficou clara uma



aderência da instituição ao programa, e uma participação interessada dos educadores-mediadores em processo de formação. Havia indícios de que a instituição tinha algum trabalho prévio com a leitura, o que foi confirmado em entrevista feita com um assistente social do Bompar. Um trabalho com leitura já estava sendo experimentado na instituição e os funcionários estavam sentindo falta de uma melhor capacitação para este trabalho e por isso entraram em contato com a SP Leituras. Isso faz retomar a questão dos critérios da SP Leituras ao estabelecer parcerias com as instituições: no Bompar, o trabalho prévio com leitura e um interesse dos próprios profissionais por aprofundar a presença dos livros nas atividades promovidas pela instituição, levaram a resultados muito positivos.

Segundo esse mesmo assistente social,

“Eu trouxe a ideia de uma ‘biblioteca psicoativa’ para o Bompar. Não por paixão por livros, mas por ser um mecanismo de intervenção e aproximação com as pessoas que vivem na rua. Esse nome é uma brincadeira, um trocadilho, no qual a substância psicoativa é o livro. A gente já fazia o trabalho de levar os livros para a rua e fizemos várias intervenções, até o momento em que chegamos na Biblioteca do Parque Vila Lobos, porque começamos a querer pegar alguns livros lá e encaminhar uma galera para usar a biblioteca. Então, nós soubemos da SP Leituras”... “Fizemos então uma primeira reunião, na qual veio o pessoal da SP Leituras, do administrativo do Bompar e nós da biblioteca, eles falaram um pouco da proposta, nós falamos sobre as nossas expectativas e foi firmada a parceria”.

36

Uma das facilitadoras comentou que:

“O acolhimento da instituição foi fantástico - a acolhida em si e a preparação de espaços, a simpatia... O grupo estava muito motivado, o que me revelou o bom impacto das oficinas anteriores.”

Nessa frase da formadora, podemos ver vários indicadores do tipo de preparação considerada importante para que o trabalho seja desenvolvido de forma satisfatória: preparação do espaço, motivação do grupo, trabalho continuado com a leitura. É importante também observar que o quórum em praticamente todas as atividades no Bompar foi muito bom.

As ações de formação de mediadores na Ação Comunitária, por outro lado, foram muito comentadas pela equipe da SP Leituras no começo do ano, pois houve um grande desinteresse do grupo, o quórum foi ruim e os combinados que haviam sido feitos com a instituição, não foram cumpridos por esta. Uma evasão grande foi notada. Na ocasião, discutimos se as expectativas da instituição estavam adequadas ao que o Praler ofereceria e, vice-versa, se o Praler estava adequado às necessidades dos técnicos da instituição. Os comentários do facilitador do Praler que atuou na Ação Comunitária e de pessoas do público mostram o tipo de relação que se estabeleceu nesta Instituição e algo sobre um desalinhamento entre as expectativas da organização e do facilitador:



Participante: “...não agregou muito na ampliação do repertório cultural, já que as indicações eram conhecidas da equipe.” Um outro comentário de um participante dessa oficina diz que: “A atividade de reescrever o livro de imagens não foi bem apreciada pela mediadora. A expectativa é que ela iria comentar ou analisar as histórias criadas pelas participantes e isso não ocorreu.”

Facilitador: “O trabalho, durante a manhã, teve início com doze participantes e terminou com cinco. O grupo mostrou-se envolvido e interessado, com alguns saberes sobre o assunto. Já no período da tarde, chegaram atrasadas e ficaram muito no celular durante minha fala. Tinham horário, estavam desorganizadas e a oficina terminou meia hora antes. Não fez falta, pois estavam muito dispersas e não teriam aproveitado muito mais do que foi proposto.”

As duas experiências acima, no Bompar e na Ação Comunitária, sugerem que podem ter havido diferenças na preparação para que o Praler chegasse nas Instituições com mais adesão. A escolha da instituição baseada no interesse prévio do público que deve ser formado como mediador, mostrou-se mais acertada no Bompar.

Já na Ação Comunitária houve um desalinhamento entre o que foi planejado e combinado entre as equipes, tanto que a ação foi encerrada antes do previsto. Os desencontros durante a execução podem ser atribuídos a um processo de reorganização interna da entidade que, inclusive, trocou sua razão social para Vocação. A saída da gestora que estava diretamente envolvida deixou a SP Leituras sem interlocutores por um longo período. Aparentemente, quanto mais a equipe do Praler estiver previamente informada sobre as reais condições da instituição parceira para receber o Programa, mais clareza poderá ter sobre a escolha da parceria, para garantir resultados desejados.

37

b) Qualidade das estratégias - realização das oficinas

A equipe de avaliação observou duas oficinas realizadas no Bompar, a primeira ministrada por Marta Ferraz (Oficina de Leitura Mediada) e a segunda por Beth Ziani (Literatura e Outras Linguagens). Marta Ferraz foi facilitadora da primeira oficina que a turma estava tendo, em um total de quatro oficinas ministradas por diferentes profissionais. Os conteúdos giraram em torno dos conhecimentos sobre as estruturas das histórias, e questões de linguagem que envolvem diferentes tipos de histórias, com especial atenção para os contos de fadas.

A facilitadora trabalhou com diversas histórias, mostrando aspectos que mediadores de leitura podem abordar com diferentes grupos a partir e através dos livros. Falou sobre a moral, por exemplo, que sempre está presente nas histórias e que torna mais fácil conversar sobre conteúdos geralmente difíceis e delicados. Mostrou também releituras de contos clássicos, atualizados para os dias de hoje, discutindo a importância de se ter acesso a diversas camadas de apreensão de uma história, já que quanto mais se sabe do que a originou, mais possibilidades se tem ao lê-la com públicos diferentes.

Marta também trouxe como tema a complexidade da literatura infantil que, segundo ela, não pode ser menosprezada, como se fosse uma “literatura menor”. Isso não foi



somente falado pela professora, mas efetivamente mostrado, quando ia folheando livros para os educadores: releituras de contos clássicos, livros apenas de imagens, livros com ilustrações de grandes artistas. Ao mostrar, comentava também o tipo de interação entre desenho e texto em cada história.

Os educadores que estavam sendo formados como mediadores, não apenas ouviam, mas interagem com a facilitadora, falavam, perguntavam, traziam as suas experiências com leitura e mediação. A partir dessas conversas, Marta dava dicas do que poderia ser trabalhado com as crianças e outros públicos em cada livro comentado e folheado; com isso, se aprofundavam os exemplos, assim como experiências e dúvidas dos educadores iam sendo trazidas.

Marta discutiu também a figura do autor através de comentários escritos pelo ilustrador Fernando Vilela sobre o seu próprio processo criativo: como cria, no que se inspira para criar. Depois de tudo isso, em grupos, os educadores foram convidados a inventar histórias a partir de imagens, fazendo o exercício de sair da descrição das imagens, para a narração.

A aula, de modo geral, proporcionou experiências para os participantes, nas quais eles se colocaram de fato no lugar de alguém que está ouvindo ou conversando sobre livros e histórias. Também foi interessante porque a passagem da vivência para a conversa sobre as estratégias, ou seja, quais eles achavam que poderiam ser levadas para o trabalho com os seus públicos, etc., se dava de forma bem orgânica. Eles iam e voltavam de papel - educandos, educadores - a todo o momento. Aconteceram também vários momentos de reconhecimento dos educadores no que era dito pela facilitadora, o que os instigava a compartilhar experiências que tiveram com a leitura em seus trabalhos, relacionando-as com o que estava sendo dito. Na observação, ficou clara a constituição do vínculo de aprendizagem entre o facilitador e o grupo.

A segunda oficina observada foi ministrada por Beth Ziani e era mais teórica do que a ministrada pela Marta Ferraz. Beth Ziani abordou diversas estratégias de leitura: em silêncio, compartilhada, em voz alta, etc. Conforme as estratégias eram mostradas, ela ia dando várias dicas: estimular os silêncios quando ocorre a leitura; respeitar a forma de leitura do outro; cuidar das diferenças na leitura em voz alta, acolher os erros; ser um modelo de leitura na fluência, mostrar as imagens dos livros quando se está lendo um livro ilustrado, etc. Depois disso, a facilitadora mostrou que um mesmo texto pode ser apresentado como cinema, teatro, música, contação de histórias, ou seja, que há muitas formas de se relacionar com um mesmo texto e a possível integração de linguagens artísticas para tratar da literatura.

As duas estratégias trazidas pela facilitadora no período da observação, lidaram com a questão da diversidade envolvida no trabalho com a literatura e na literatura em si mesma. Segundo Beth Ziani, se este é um território no qual prevalecem singularidades, diferenças, e por isso infinitas possibilidades, o trabalho com ele também deve respeitar esses princípios.

Os dados quantitativos mostram que a avaliação geral das oficinas do Praler pelos



participantes é em geral bem positiva, principalmente com relação à avaliação geral do moderador. Os gráficos abaixo reúnem os dados de dois conjuntos de oficinas. Os dados são apresentados separadamente porque o instrumento foi diferente.

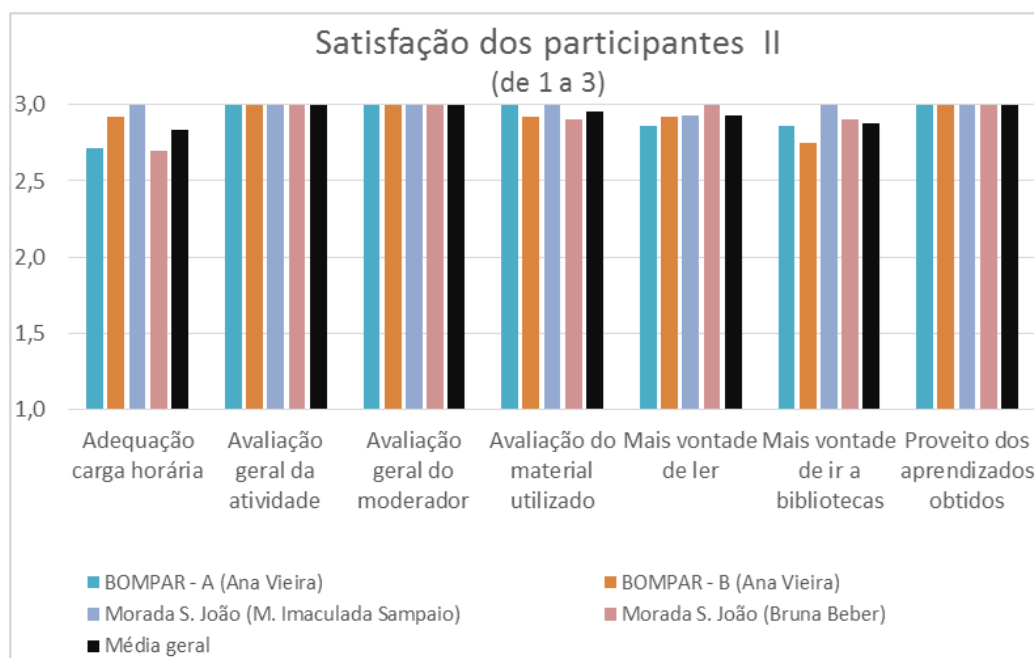
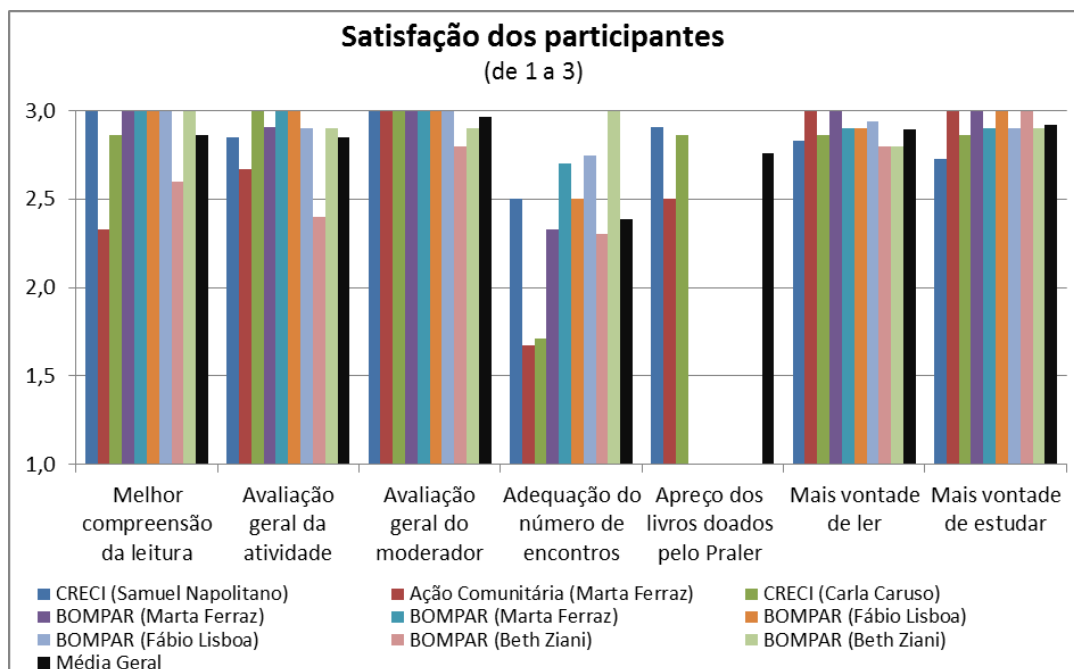


Figura 7: Avaliação dos participantes do Praler sobre a qualidade das estratégias

De modo geral, tanto num conjunto, quanto no outro, o aspecto menos bem avaliado é a carga horária - tanto pelos participantes, quanto pelos facilitadores, como será visto adiante. Os dados qualitativos mostram que há opiniões diversas, mas que apontam para um rearranjo das oficinas em períodos mais curtos para que não fique cansativo,



mas também para o desejo de mais tempo de modo geral. Essas informações sugerem oficinas de maior duração, mas dividida em períodos não muito longos.

“Acho melhor dividir os encontros, achei muita informação para um dia inteiro (fica um pouco repetitivo)”.

Assim como, houve também quem comentou que o curso *“Poderia ser mais dinâmico”,* ou *“mais prático desde o início”.*

Para uma das facilitadoras, apesar do processo ter sido *“rico e intenso”*, a divisão da carga horária talvez *“possibilite uma maior apropriação das estratégias e especialmente uma reflexão mais ampla”.*

Uma coordenadora pedagógica, um assistente social e uma educadora do Bompar disseram, sobre o curso de quatro encontros, cada um ministrado por um facilitador diferente, que foi positivo e que sentiram que um módulo completou o outro.

Em relação aos impactos de *“curto prazo”*, como o aumento da vontade de ler ou de ir a bibliotecas, que já podem ser de alguma forma medidos durante o curso de quatro encontros, temos também alguns pontos interessantes, que indicam resultados positivos, ou seja, parece que os participantes saem mais inclinados e com mais vontade de ler, frequentar bibliotecas, etc.

“A ação provocou em mim uma overdose para leitura, muito mais biblioteca em minha vida, não acho, tenho certeza”.

“Meu desejo para ler aumentou”.

“Reler alguns autores foi maravilhoso. Trouxemos à tona autores adormecidos em nós (em mim)”.

Para confirmar a indicação de efeitos na formação de hábitos leitores, temos que olhar para os resultados de impacto, mais adiante.

Os facilitadores também avaliaram positivamente os quesitos relacionados com a oficina, principalmente a metodologia e a receptividade do grupo ao acervo utilizado.

Com relação à afinidade que sentiram com o grupo, a frequência e assiduidade dos participantes, os dados variaram bastante. Estes aspectos provavelmente revelam diferentes encontros entre grupos e facilitadores, mas também as diferenças de comprometimento de cada instituição com o programa. Ou seja, o preparo na etapa anterior à oficina propriamente dita influencia de maneira importante a frequência dos participantes nela - especialmente quando os participantes são funcionários ou colaboradores da instituição.

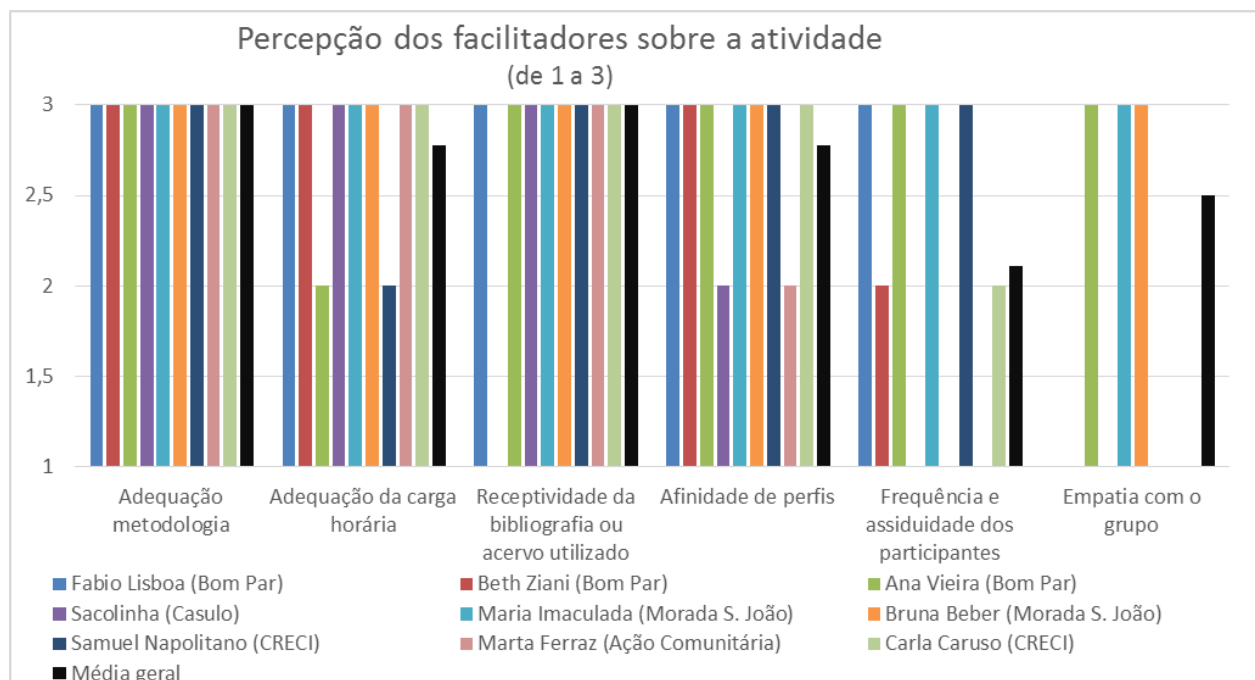


Figura 8: Percepção dos facilitadores do Praler sobre a qualidade das estratégias

Em relação à metodologia, algo destacado por diversos facilitadores foi a oportunidade que deram aos participantes, apreciada por eles, de passar por experiências de “escuta” de leituras:

“As experiências em ouvir textos literários em áudio/CD e o bordado geraram muitas reflexões”.

Um dos participantes comentou: *“Adorei ouvir, ouvir e ouvir as histórias”.*

Outro ponto destacado por alguns facilitadores foi que o curso desenvolveu *“processos de leitura: ouvir o texto, ler o texto, assistir a adaptações e criar a partir da leitura”*. Aqui vemos uma estratégia importante do Praler, percebida também na observação feita pela equipe de avaliação, que é de trabalhar com linguagens múltiplas tendo como ponto de partida um texto específico; ou seja, desdobrar o texto em processos diversos de apreensão e aprendizagem. Nas entrevistas com coordenadores do Bompar que passaram pela formação como mediadores de leitura, eles também comentam que estão aproveitando muito este aprendizado, trabalhando com bordados, teatro, brincadeiras, através e a partir de textos e histórias.

Em relação ao trabalho feito com idosos na Morada São João, no qual uma das oficinas realizadas teve como mote Meus avós me contaram - Oficina de memórias, com a facilitadora Bruna Beber - na qual idosos compartilharam as suas histórias pessoais uns com os outros, entremeadas pela leitura de poemas e outros textos -, aparece, tanto na fala de participantes, quanto na da facilitadora, o interesse dos participantes de “ouvir e serem ouvidos”. Diz Bruna Beber sobre isso:



“Talvez a coisa mais interessante foi perceber que com a intervenção eles estavam ouvindo as histórias uns dos outros e se lembrando de mais histórias e, ainda, se interessando mais pelo outro.”

c) Dinamização das bibliotecas ou salas de leitura das instituições

Resultados nesta esfera se relacionam com o aumento da frequência de público no espaço de leitura da instituição, com a frequência de uso do acervo e melhora no cuidado com ele.

Diversas instituições comentam que o Programa suscitou interesse em ativar ou implementar os seus espaços de leitura. Quase todas demonstram uma vontade de que a parceria tenha continuidade, pois sentem que assim podem aprofundar os conhecimentos adquiridos e torná-los mais consistentes.

De modo geral, vemos nos depoimentos e entrevistas que houve uma qualificação das atividades de leitura e um aumento significativo delas no Bompar, Instituição que passou pelo curso de formação de mediadores.

“Foi feito o cantinho da leitura. Em algumas unidades eles já existiam, mas eram pouco visitados. Esse cantinho é para as crianças pegarem livros na entrada ou saída da escola.”

Em depoimentos de diversos participantes do curso de formação de mediadores e na entrevista com três funcionários do Bompar que também o fizeram, estes disseram estar multiplicando os conhecimentos ao ensinar colegas a usarem os livros de formas mais ricas com os seus públicos, inclusive nos espaços de leitura que já existiam na organização:

“Na UBS em que eu trabalho, nenhum outro profissional participou da capacitação do Praler, mas todos compraram a ideia da Árvore do Saber, que é uma árvore cheia de livros para as pessoas usarem. Para mim foi muito importante participar da capacitação para poder ensinar os outros profissionais a como usarem os livros; então, me ajudou a multiplicar o que eu aprendi.”

“Educadoras que não participaram da capacitação do Praler, estavam com outro projeto, com um baú de fantasias, então as coisas foram unidas. E fizemos o link de tudo, um passou para o outro. Tanto que eu e meu parceiro de trabalho estamos chamando o nosso projeto em 2016 de ‘Baú Literário’.”

“Agora as crianças levam livros para casa. E as famílias estão interagindo mais.”

Em depoimentos de mediadores formados do Bompar foi comentado que o livro tem ajudado na integração “das pessoas com os espaços, na integração entre elas e delas com os profissionais da instituição”.



Em entrevista com o assistente social do Bompar, ele disse que o seu trabalho com leitura foi bastante qualificado depois do Praler, apesar de que os seus hábitos de leitura não foram modificados.

d) Dinamização institucional em relação à leitura

Um dos principais resultados buscados com o Praler é a dinamização institucional em relação à leitura, o que significa a formação de multiplicadores na instituição, o investimento institucional na melhora da biblioteca ou sala de leitura, mudança na concepção sobre leitura da instituição e sobre o potencial da leitura e da mediação como estratégias de inclusão.

Muitos participantes que se formaram como mediadores de leitura para atuarem em suas instituições, comentam que, tendo passado por uma experiência verdadeira de leitura, se sentem mais seguros para atuarem com o seu público, já que entenderam melhor o que as pessoas sentem através da leitura, entraram em contato com ela, aumentaram o seu repertório e treinaram ler de diversas formas.

A gestora de uma Instituição diz: *“Muitos educadores não gostavam de ler. Com o estímulo das oficinas, eles começaram a desenvolver o gosto pela leitura.”*

E um mediador formado: *“Aprendi a ler melhor. Aprendi também a entender melhor as histórias, a interpretá-las.”*

Além desse empoderamento ter sido sentido pelos mediadores durante e logo após o curso, por conta do contato aprofundado com experiências de leitura, nas entrevistas eles dizem que foram se sentindo mais e mais seguros por estarem, de fato, *“lendo mais e melhor”*. Alguns comentam que estão também aprendendo a *“falar melhor”*.

Um mediador entrevistado pela equipe de avaliação comentou que, tendo passado por uma diversidade de formas de leitura, inclusive com facilitadores diferentes, tem mais consciência do que pode e do que quer fazer utilizando a leitura com as pessoas com as quais trabalha. Ele diz que agora tem *“maior poder de decisão e escolha do que fazer”*.

Simone, coordenadora pedagógica do Bompar, disse que tinha a expectativa de que o grupo de educadores *“saísse fortalecido para desenvolver atividades de leitura com as crianças. Com a literatura e a arte é mais fácil das crianças acolherem as propostas. E o curso de fato ajudou a fortalecer os educadores”*.

Muitos participantes dizem que estão *“aplicando as atividades”*, usando os aprendizados em seu dia a dia e que *“As oficinas ajudaram e muito na minha programação semanal”*. Uma mediadora formada que foi entrevistada pela equipe de avaliação diz:

“Eu aprendi muito. Aprendi a contar história. Aprendi a passar as histórias para um



tecido, aquilo me ajudou muito. Aprendi a trabalhar melhor com as histórias. Eu trabalho com crianças grandes e eles são muito agitados. Depois que eu comecei a fazer a capacitação e a ler mais para eles, eles começaram a gostar mais de ler e das histórias. Eu cheguei a levar o que aprendi para a minha faculdade, de pedagogia. Propus um plano de aula com a contação de histórias e outro com a mediação de leitura.”

Segundo a coordenadora pedagógica do Bompar, entrevistada pela equipe de avaliação, o Praler ajudou no passo a passo do trabalho com a leitura. Diz ela: ...“livro tem em todas as unidades, mas a diferença com o Praler foi termos profissionais que nos ensinaram o passo a passo, que falaram: ‘Olha, antes de ler, faça isso, ou faça aquilo’”.

Em seus depoimentos, os profissionais formados também demonstram ter aprendido diversas estratégias, que evidenciam um resultado importante na formação de profissionais que trabalham nessas instituições ao perceberem a mediação e a própria leitura como formas de inclusão e transformação social. Os aprendizados citados por eles, nos depoimentos subsequentes, são:

- Os livros como forma de escutar as pessoas e descobrir as suas histórias;
- As histórias como ferramenta de conexão com o território;
- A leitura como forma de conversar sobre assuntos cotidianos;
- A necessidade de se preparar para ler um livro ou propor uma experiência de leitura para um grupo ou uma pessoa;
- A necessidade de ser leitor para conseguir criar experiências de leitura significativas com os outros;
- A interpretação do texto como parte fundamental da leitura;
- Os livros e histórias como mediadores para as pessoas imaginarem;
- A importância de uma boa “curadoria” do acervo, atentando para cada tipo de público e seus interesses.
- A ocorrência de mais e melhores atividades de mediação na instituição.

“O que fica para os profissionais são aprendizados significativos, porque eles estão ressignificando, recriando as estratégias com histórias nos territórios deles. Porque as crianças muitas vezes não sabem quais as histórias dos seus próprios bairros, quem são as pessoas que moram lá. A influência do Praler foi mostrar que assim como nos livros têm uma infinidade de histórias, existem também histórias nas pessoas e antes não tínhamos esse conhecimento, de nos conhecer também através das histórias.”

“Eu nunca fui muito de ler, o livro para mim sempre foi uma ferramenta de



mediação, para eu me aproximar das pessoas. Mas quando a gente começou a fazer essa capacitação, eu comecei a ter mais clareza em relação ao trabalho que estava sendo executado, qual era o impacto do trabalho.”

“...conforme fizemos a capacitação, eu era essa pessoa que pegava o livro, lia uma história, tinha que comentá-la, e comecei a ver como era bom passar por tudo isso. Agora, quando eu pego um livro eu sei como despertar o interesse de uma pessoa para ler esse livro, isso foi o que mais aprendi no Praler. Pegar um livro e passar para os outros, ter conhecimento sobre um livro e estimular os outros a refletirem sobre esse livro, isso ficou muito marcante. Eu gosto de trabalhar dessa forma, pegar os livros que estou oferecendo, conectar com atual e fazer uma reflexão com as pessoas.”

“Para trabalhar com o imaginário você tem que se preparar antes e os facilitadores se prepararam para trabalhar com a gente. Porque lá a gente era o público e eles faziam a gente imaginar as histórias. A aceitação das crianças é muito melhor dessa forma, quando as histórias são trabalhadas com a imaginação, com o sonhar, a fantasia.”

“Também aprendi que não só o falar, mas o escutar também faz parte da leitura.”

“O Praler me estimulou a conhecer melhor os livros. Antes, alguém falava que tinha livros e eu dizia ‘trás aí’. Agora eu digo: ‘Você tem gibi, mangá, poesia, livros só de figuras, livros pop up? Então, nos ajudou a pensar em outros livros para intervenção e não ficar passivo diante do repertório. Fiquei mais ativo na escolha dos livros com os quais trabalhar, o que cada livro pode suscitar no trabalho.”

“Algumas dicas e comentários sobre como mediar a leitura foram interessantes e contribuíram para ampliar nosso arcabouço de dicas e conselhos úteis para as formações de educadores”.

Muitos participantes comentam também que os aprendizados obtidos colaboraram muito para se sentirem mais seguros, mais confiantes para trabalhar a leitura com os seus públicos ou alunos. Podemos perceber que existe uma relação direta entre passar por experiências significativas com a leitura, a segurança adquirida com isso e, conseqüentemente, a real possibilidade de aproveitamento dos aprendizados no trabalho dos mediadores com seus públicos. Uma facilitadora comentou sobre isso que:

“O (re)estabelecimento da relação: leitura - experiência - prazer foi bastante relevante para o processo, pois ampliou nos participantes a percepção do leitor e as possibilidades de pensar a leitura.”

“Por causa deste curso, a equipe de que faço parte está idealizando um projeto para divulgar a leitura, a escrita, os contos e etc., para nossos usuários.”

“No meu plano de trabalho do ano que vem, eu já coloquei a mediação de leitura pelo menos um dia da semana, todas as semanas do ano.”



Uma coordenadora e uma educadora do Bompar comentaram que o projeto colaborou na relação com as famílias de crianças que frequentam a Instituição, aproximando-as:

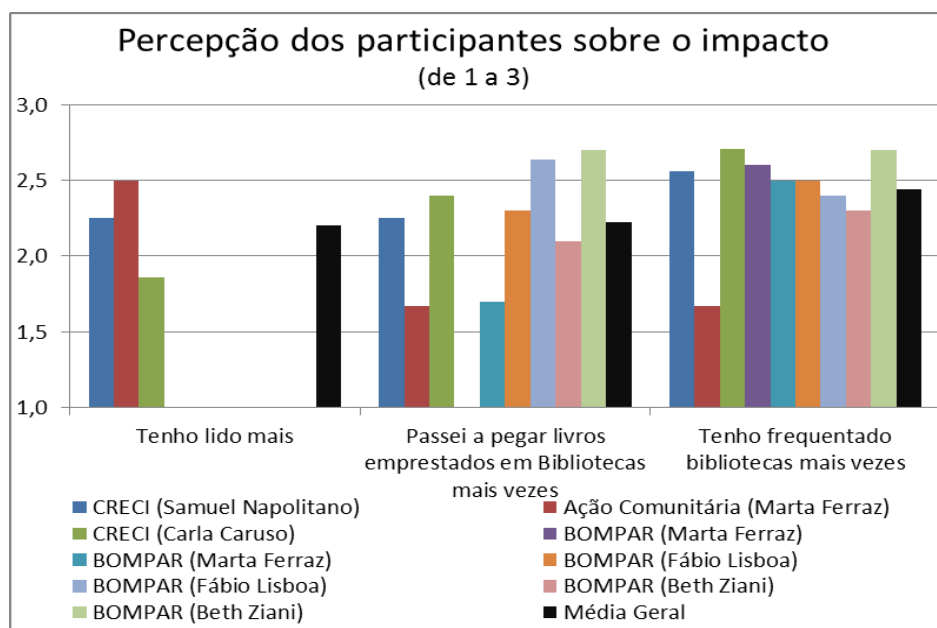
“Agora as crianças estão recriando as histórias dos livros, com bordados, como nós fizemos. Eles levaram o tecido bordado para casa, contaram as histórias recontadas para as famílias. Então, com a leitura houve uma aproximação também com as famílias. E esse foi um procedimento que aprendemos nas oficinas e que foi muito significativo para as educadoras que participaram.”

e) Formação de hábitos leitores

Logo depois de terminadas as oficinas, um questionário de impacto foi aplicado em algumas instituições e depois de mais de um mês do fim delas, entrevistas com participantes da formação de mediadores no Bompar foram feitas. Diferentemente dos impactos de curto prazo, que são algumas inclinações para mudanças de hábitos leitores ou na instituição que podem ser percebidas durante o curso, esses impactos medidos quando terminado um curso de um mês ou depois de um tempo do término do curso, são de médio prazo e apontam que mudanças mais significativas demoram um tempo maior para acontecer e aparecer.

Por exemplo, nos gráficos abaixo podemos ver que o principal impacto, por ora, tem sido na frequência de leitura de livros dos participantes, seguido do aumento na frequência de atividades de leitura nas instituições. Esses resultados, além de interessantes, pois têm a ver com o duplo objetivo do Praler (formação de leitores e impacto institucional), só puderam aparecer como consolidação de um processo e não durante o curso. De fato, alguns gestores comentam que um dos principais resultados do programa é que “despertou interesse pela leitura nos públicos finais”.

46



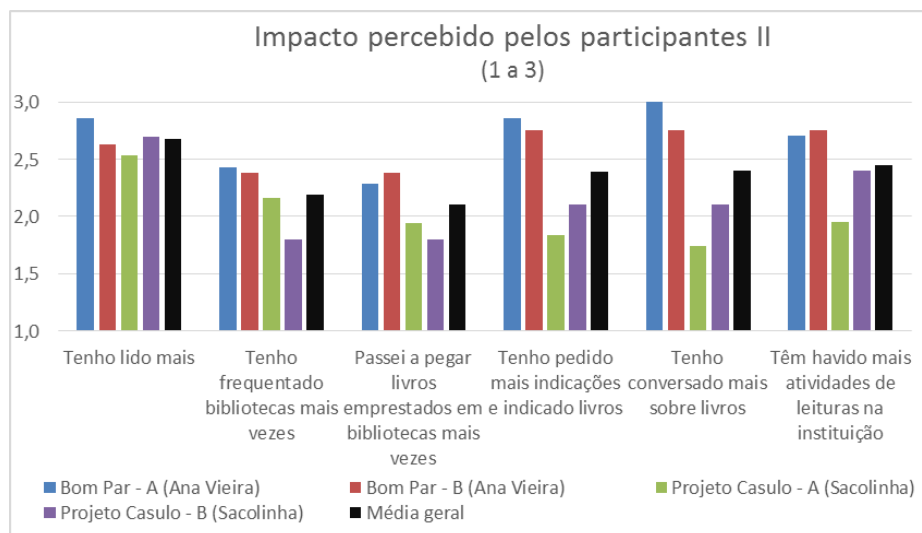


Figura 9: Percepção dos participantes do Praler sobre o impacto das ações

É interessante notar que, por outro lado, os impactos menos significativos têm a ver com o estreitamento da relação com bibliotecas. Os indicadores relativos à relação com bibliotecas - empréstimos de livros, visitas à bibliotecas - apesar de estarem com médias boas, estão bem abaixo de outras médias, como as relativas ao aumento da relação com a leitura. Talvez isso mostre que uma mudança de comportamento que demande um deslocamento ainda maior (ir à uma biblioteca), demore mais para se realizar do que uma mudança que envolve um desejo diferente, novo, que pode ser solucionado de modo mais “simples” - por exemplo, pegando livros que estejam mais “à mão”. Além disso, mostram que não necessariamente para haver mudanças na frequência de leitura das pessoas, elas devam passar a frequentar mais bibliotecas.

Em muitos depoimentos e nas entrevistas presenciais, os profissionais que passaram pela formação de mediadores comentam que estão desenvolvendo mais atividades de leitura, o que tem impactado os públicos finais de diversas formas. As crianças, por exemplo, têm se expressado mais e de modo mais fluente, segundo eles. Houve também um aumento de vocabulário:

“Hoje eu vejo crianças que não falavam e que agora falam. Que eram tímidas e agora se expressam. As crianças, com mais leitura em seu cotidiano, estão mais participativas.”

“E elas estão pegando mais livros, o vocabulário delas está mais rico”.

Os jovens e crianças, segundo alguns educadores, têm se mostrado mais interessados pela leitura. Segundo uma educadora entrevistada, isso está acontecendo porque ela está mais interessada nos livros, tem lido mais e apresentado mais histórias para seus alunos:

“Eu tenho uma aluna que está terminando a escola e ela me pediu de Natal um livro! Eu percebi que alunos que não davam tanta importância para a leitura, começaram a dar mais importância, talvez porque eu contei para eles que fiz o curso e todos os



dias levava algum livro que tinha descoberto, contava as histórias”.

Em relação aos profissionais formados como mediadores, muitos comentam que agora têm lido mais e se interessado mais por interpretar e entender bem o que leem:

“...essas oficinas aguçaram o meu saber”.

“aumentou a minha motivação para a leitura, pois foi possível encontrar o real valor das palavras, frases, mensagens através de interpretações dos textos que me ajudaram a descobrir os ‘por quês”.

Muitos dizem que agora têm *“um novo olhar para a leitura. Quero saber a histórias por trás das palavras”*; que *“os encontros despertaram uma nova forma, uma nova vontade, um redescobrir.”*

4. Síntese das reflexões do Praler

- As experiências sugerem que podem ter havido diferenças na preparação para que o Praler chegasse nas instituições e que as etapas prévias à ação propriamente dita, interferem de modo efetivo para o seu desempenho. Quanto mais a equipe do Praler estiver informada sobre como a Instituição parceira está lidando com essas etapas - por exemplo, como a chegada do Programa foi comunicada aos técnicos da instituição, se há interesse prévio desses ou não, etc. -, mais clareza poderá ter sobre a escolha da parceria, para garantir resultados desejados;
- Nas oficinas de formação de mediadores no Bompar observadas pela equipe de avaliação, chamou atenção que os facilitadores proporcionaram verdadeiras experiências de leitura com os participantes - baseados no princípio de que somente leitores formam leitores;
- As oficinas também lidaram com a questão da diversidade envolvida no trabalho com a literatura e na literatura em si mesma. Segundo Beth Ziani, se este é um território no qual prevalecem singularidades, diferenças, e por isso infinitas possibilidades, o trabalho com ele também deve respeitar esses princípios;
- Na observação das ações do Praler pela equipe de avaliação, ficou clara a constituição do vínculo de aprendizagem entre o facilitador e o grupo;
- A avaliação geral das atividades do Praler pelos participantes é em geral bem positiva, principalmente com relação à atividade, ao moderador e ao proveito dos aprendizados, o que é um excelente indicador tendo em conta que muitas das atividades foram direcionadas para a formação dos multiplicadores;
- Os facilitadores avaliaram positivamente principalmente quesitos relacionados à metodologia, receptividade do grupo e carga horária. Com relação à afinidade que sentiram com o grupo e a frequência e assiduidade dos participantes, os dados variaram bastante;



- Alguns participantes e facilitadores comentaram que um dia inteiro de curso de formação ficou muito pesado, que esses dias poderiam ter sido divididos em dois meio períodos. As informações sobre carga horária, de forma geral, sugerem oficinas de maior duração, mas dividida em períodos não muito longos.
- Uma coordenadora pedagógica, um assistente social e uma educadora do Bompar disseram, sobre o curso de quatro encontros, cada um ministrado por um facilitador diferente que, para eles, um módulo completou o outro;
- Em relação à metodologia, algo destacado por diversos facilitadores foi a oportunidade que deram aos participantes, apreciada pelos últimos, de passar por experiências de “escuta” de livros e histórias;
- Em relação ao trabalho feito com idosos na Morada São João, aparece, tanto na fala de participantes, quanto de facilitadores, o interesse dos participantes de “ouvir e serem ouvidos”;
- Em relação aos resultados de “curto prazo”, ou seja, que já podem ser de alguma forma medidos durante o curso de quatro encontros, temos também alguns pontos interessantes. Os indicadores relativos à relação com bibliotecas - empréstimos de livros, visitas à bibliotecas - e à “vontade” de ler, apesar de estarem com médias boas, estão abaixo de outras médias. Talvez isso mostre que uma mudança de comportamento demore um pouco mais para se efetivar;
- O principal impacto de médio prazo do Praler, ou seja, depois de terminado o curso, foi na frequência de leitura de livros por parte dos participantes, seguido do aumento na frequência de atividades de leitura nas instituições. Esses resultados, além de interessantes, pois têm a ver com o duplo objetivo do Praler (formação de leitores e impacto institucional), só puderam aparecer como consolidação de um processo e não durante a oficina ou curso;
- Muitos participantes, profissionais das instituições, comentam a possibilidade vivida durante o curso de reler autores adormecidos neles, a oportunidade de lerem muitas histórias e uma melhor compreensão sobre a leitura;
- Muitos participantes comentam também que os aprendizados obtidos colaboraram muito para se sentirem mais seguros, mais confiantes para trabalhar a leitura com os seus públicos ou alunos;
- Um mediador entrevistado pela equipe de avaliação comentou que, tendo passado por uma diversidade de formas de leitura, inclusive com facilitadores diferentes, tem mais consciência do que pode e do que quer fazer ao utilizar a leitura com as pessoas com as quais trabalha;
- É interessante notar que, por outro lado, os impactos menos significativos têm a ver com o estreitamento da relação com bibliotecas. Talvez isso mostre que uma mudança de comportamento que demande um deslocamento maior (ir à uma biblioteca), demore mais para se realizar do que uma mudança que envolve um desejo diferente, novo, que pode ser solucionado de modo mais simples - por exemplo, pegando livros que estejam mais “`a mão” e que o aumento da frequência de leitura não necessariamente está atrelado ao aumento de visitas a bibliotecas;



- Mediadores formados nas instituições dizem que depois do curso estão lendo mais e melhor e alguns comentam que estão também aprendendo a “falar melhor”;
- Mediadores formados nas instituições dizem também que estão “aplicando as atividades”, usando de fato os aprendizados em seu dia a dia. Ficou perceptível na avaliação da formação de mediadores, uma relação direta entre passar por experiências significativas com a leitura e o aproveitamento dos aprendizados na atuação profissional de cada um;
- Diversas instituições comentam que o Programa suscitou interesse em ativar ou implementar os seus espaços de leitura;
- Quase todas as instituições demonstram uma vontade de que a parceria tenha continuidade, pois sentem que assim podem aprofundar os conhecimentos adquiridos e torná-los mais consistentes;
- Alguns gestores e educadores formados pelo curso de formação de mediadores comentam também que o Programa “despertou interesse pela leitura nos públicos finais”. Os mediadores formados atribuem isso ao aumento do seu próprio interesse por livros e leitura, que os fazem apresentar mais livros e com estratégias mais interessantes para as crianças.



IV. Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas de São Paulo (SisEB)

1. Contexto em 2015

O propósito do SisEB é “apoiar as bibliotecas na democratização do acesso à informação, ao livro e à leitura, com ações direcionadas para equipes e usuários, para que elas sejam **bibliotecas vivas**, isto é, espaços multiculturais, pontos de encontro de pessoas e de culturas para formar cidadãos e estimular a relação com a comunidade”. Para alcançar esse propósito, a equipe responsável articula uma série de ações, como as capacitações em todo o Estado de São Paulo, que tem sido a atividade mais reconhecida pelos profissionais de bibliotecas, junto com o Seminário Internacional e o Viagem Literária, promovidos anualmente. Além disso, o SisEB realiza captações e doações de acervo, mantém o Portal Aprender Sempre e produz e distribui as publicações “Espalhafatos” e “Notas de Bibliotecas”

A conversa que tem alimentado a equipe é como ajudar com que as bibliotecas se sintam pertencentes de fato ao sistema, utilizem os serviços oferecidos e, além disso, criem espaços e canais de diálogo próprios, valorizando a troca entre as bibliotecas do sistema. Essa expectativa parecia bastante ambiciosa, considerando o contexto do qual se partia, evidenciado em pesquisas anteriores: pouco conhecimento sobre o sistema, baixa interação entre as bibliotecas, dificuldades de cada biblioteca com a Prefeitura Municipal, entre outros.

Por isso, no primeiro semestre focamos um certo esforço, elaborando uma síntese de resultados da avaliação de 2014 que permitisse informar sobre determinados serviços e sobre a própria existência do SisEB. A proposta era apresentar um conjunto de resultados sobre os diferentes serviços, como o Seminário e as capacitações, evidenciando que por trás deles há uma identidade, há o SisEB.

O caminho das avaliações também veio mudando ao longo dos últimos dois anos. O foco estava muito direcionado às capacitações, um serviço importante oferecido pelo SisEB em todo o Estado, com múltiplas temáticas, que são acolhidas também por bibliotecas, etc. Progressivamente a avaliação começou a focar, além dessa, outras atividades, inclusive refletindo esse ganho de consistência na visão do SisEB como um conjunto articulado de ações e “pertencente” às bibliotecas de modo geral.

Com relação às capacitações, a equipe de avaliação e a de Projetos e Programas vêm desenvolvendo métricas para lidar com os dados trimestrais das capacitações. Estes, revelam alguns aspectos das mesmas, como a alta aceitação, alguma questão com a carga horária e uma atenção para temas que possibilitem que as bibliotecas desenvolvam ações sem precisar de terceiros. A hipótese é de que capacitações com esse tipo de tema têm uma taxa de presença e uma aceitação mais altas.

Em 2015, refletindo essa ampliação do foco, um dos questionários utilizados ampliou muito a gama de temas investigados e a base de respondentes. Se antes focava



principalmente em resultados na formação de profissionais depois de passado um período das capacitações; agora contém perguntas sobre os vários serviços e resultados e é direcionado a quem participou das capacitações, mas também a quem recebeu acervo, etc.

O foco de investigação em 2015 pôde então ser sistematizado da seguinte forma:

- Qualidade das estratégias: interesse despertado pelas capacitações em termos de inscrição e de presença, avaliação das mesmas com relação à relevância, qualidade dos formadores e metodologia, carga horária, etc. Pertinência e qualidade dos acervos doados e das publicações. Uso do portal e atualização dos dados cadastrais.
- Formação dos profissionais de bibliotecas - reconhecimento do SisEB. Um grande interesse da equipe é investigar elementos sobre o quanto os profissionais que tomam contato com as ações do SisEB, passam a reconhecer sua existência a se sentirem pertencentes, etc.
- Formação dos profissionais das Bibliotecas: mudanças na concepção a respeito da biblioteca (Biblioteca Viva), qualidade do atendimento, criação de novas atividades culturais e de mediação, etc. O resultado mais direto das capacitações se situa nesta dimensão e para compreender qualquer outro impacto do SisEB, deve-se considerar este um importante ponto de partida.
- Dinamização das bibliotecas: são resultados que derivariam da melhor formação dos profissionais de bibliotecas, como a satisfação do público com o atendimento, a promoção de adequações nos espaços físicos das bibliotecas nas quais atuam os profissionais formados, o aumento da relação com o entorno e uma melhor divulgação da Biblioteca, de modo geral.

52

2. A coleta de informações em 2015

Para dar conta desses interesses foram realizadas as seguintes ações de coleta:

Fonte	Estratégia	N
Relatórios trimestrais SP Leituras		3
Profissionais de bibliotecas	Questionário satisfação	1023
Profissionais e Bibliotecas que usufruíram das ações do SisEB	Questionário à distância	282
Palestrantes das capacitações	Questionário	42

Com relação aos questionários de satisfação, aplicados logo após das capacitações, a própria equipe tem realizado as análises mais essenciais para os relatórios trimestrais entregues à Secretaria de Estado da Cultura. Neste relatório apenas apresentaremos

análises comparativas mais abrangentes, aproveitando essas informações já colhidas e analisadas pela própria equipe.

3. Achados

Dos respondentes do questionário à distância, a principal estratégia de coleta que traz novas informações sobre os resultados relacionados com as ações do SisEB, a maioria é de mulheres, distribuídas em diferentes faixas etárias, principalmente entre 31 e 60 anos e com nível superior

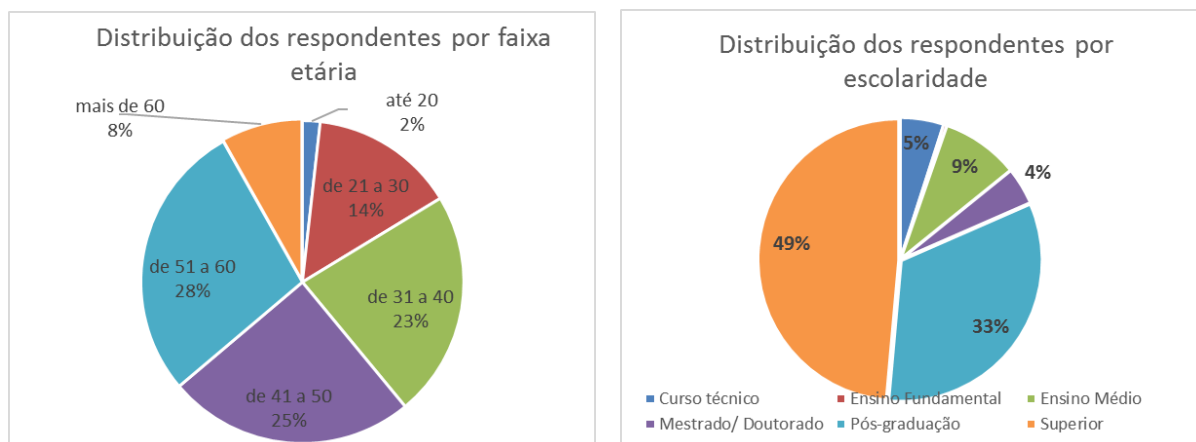


Figura 10: Distribuição dos respondentes do questionário do SisEB por faixa etária e por escolaridade

Dos que responderam, 86,88% trabalham em bibliotecas (243) e, dessas, 75,18% em bibliotecas públicas e 3,55% escolares. O restante, com cerca de 1% cada, em bibliotecas de referência, comunitária ou popular, especializada, pública temática, universitária ou acadêmica. Em relação à região administrativa, temos:

Tabela 5: Distribuição das bibliotecas respondentes por região administrativa

Região administrativa	Quantidade	Porcentagem
São Paulo	88	36,21%
Campinas	23	9,47%
São José do Rio Preto	17	7,00%
Marília	16	6,58%
Presidente Prudente	15	6,17%
Bauru	14	5,76%
Araçatuba	16	6,58%
Ribeirão Preto	11	4,53%
Sorocaba	10	4,12%
São José dos Campos	9	3,70%
Franca	8	3,29%
Central	5	2,06%
Registro	5	2,06%



Região administrativa		
Santos	3	1,23%
Barretos	2	0,82%
Itapeva	1	0,41%
Total	243	100,00%

a) Qualidade das estratégias

Resultados relacionados com a qualidade das estratégias do SisEB se referem ao interesse despertado pelas capacitações, avaliação das mesmas em relação à relevância, qualidade dos formadores e metodologia, carga horária, etc. Também à pertinência e qualidade dos acervos doados e das publicações, ao uso do portal e atualização dos dados cadastrais.

Das 141 pessoas que responderam ter participado de capacitações em 2015, a maioria participou da “Ação Cultural em Bibliotecas”. Embora este dado se refira a quem respondeu ao questionário, podemos ter a distribuição pelas diferentes capacitações como parâmetro para também avaliar o interesse pelos diferentes temas.

Tabela 6: Participação em cada tema de capacitação do SisEB

Capacitações	N	%
Ação Cultural em Bibliotecas - EAD	86	61%
Pequenos reparos em material bibliográfico	41	29%
Relacionamento interpessoal: cooperação e conflito	33	23%
Dinamização do espaço físico e virtual em bibliotecas	27	19%
Equipes de alto desempenho	26	18%
Biblioteca pública e educação: os desafios para formar leitores	25	18%
Formação de leitores na cultura digital	23	16%
Redes sociais: oportunidades de diálogo com a comunidade	23	16%
A linguagem quadrinística formando leitores hoje	22	16%
Importância dos contos de fadas na formação da personalidade leitora	22	16%
Histórias que saem dos livros: contar histórias em 5s	20	14%
Bibliotecas em rede: como formar parcerias em sua região	16	11%
Histórias contadas com origamis	12	9%
Empreendedorismo: desbloqueando a criatividade	11	8%
Panorama da literatura infantojuvenil	8	6%

54

Com relação às taxas de comparecimento, nos parece que um dos principais aspectos que influenciam o compromisso das pessoas em ir ao evento é a maior oferta de cursos na região. Por exemplo: cidades de maior porte de Regiões Administrativas vizinhas a da Região Metropolitana de São Paulo têm taxas menores de comparecimento, como é o caso de Jundiaí (52%). Sorocaba (59%) e Campinas (62%).

Já os municípios com as taxas de comparecimento mais altas foram Adamantina, Promissão, Tarumã, Buritama e Caraguatatuba. Essa análise reforça a importância de



que um dos critérios para hospedagem das capacitações seja a necessidade, também levando em consideração que possivelmente municípios de menor porte têm menos oportunidades e que, por isso, valorizam quando há uma: *“Gostaria que acontecesse mais cursos e oficinas na região de São José do Rio Preto”*. [Gostaria que o SisEB] *“Estendesse reuniões para o Vale do Ribeira”*. *“Maior presença no interior e parcerias com o terceiro setor uma vez que temos pouquíssimas bibliotecas públicas e tendem a diminuir por falta absoluta de vontade política do poder público em todo o Vale do Paraíba, com raríssimas exceções”*. *“Que os temas de todas as oficinas estivessem nas presentes em todas as regiões”*. *“Precisamos de mais oficinas de literatura ... em nossa região de Presidente Prudente”*.

Os dados de frequência e taxa de comparecimento podem ser vistos no **Anexo 5: Dados de inscrição e taxa de comparecimento as capacitações do SisEB**,

Alinhado com os dados de satisfação produzidos a cada capacitação, as avaliações de todos os quesitos relacionados a elas são bastante positivas.

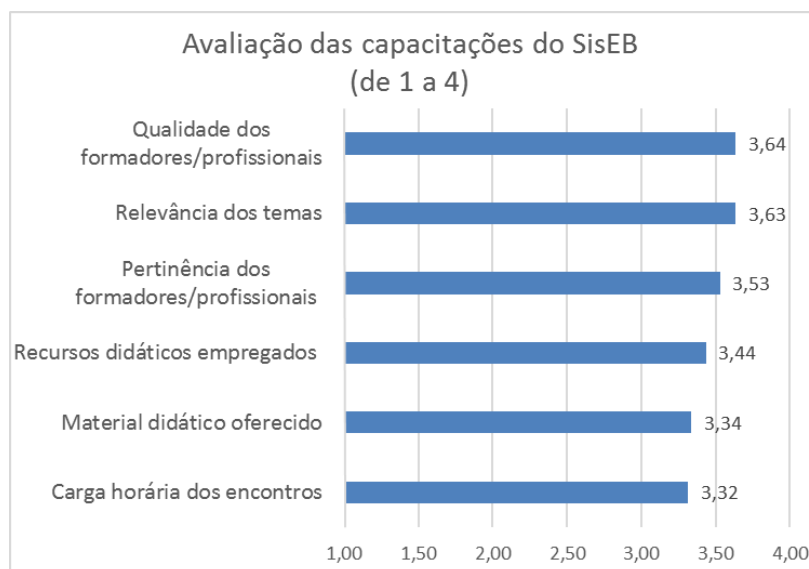


Figura 11: Avaliação dos participantes das capacitações do SisEB em 2015 em relação às suas estratégias - questionário à distância

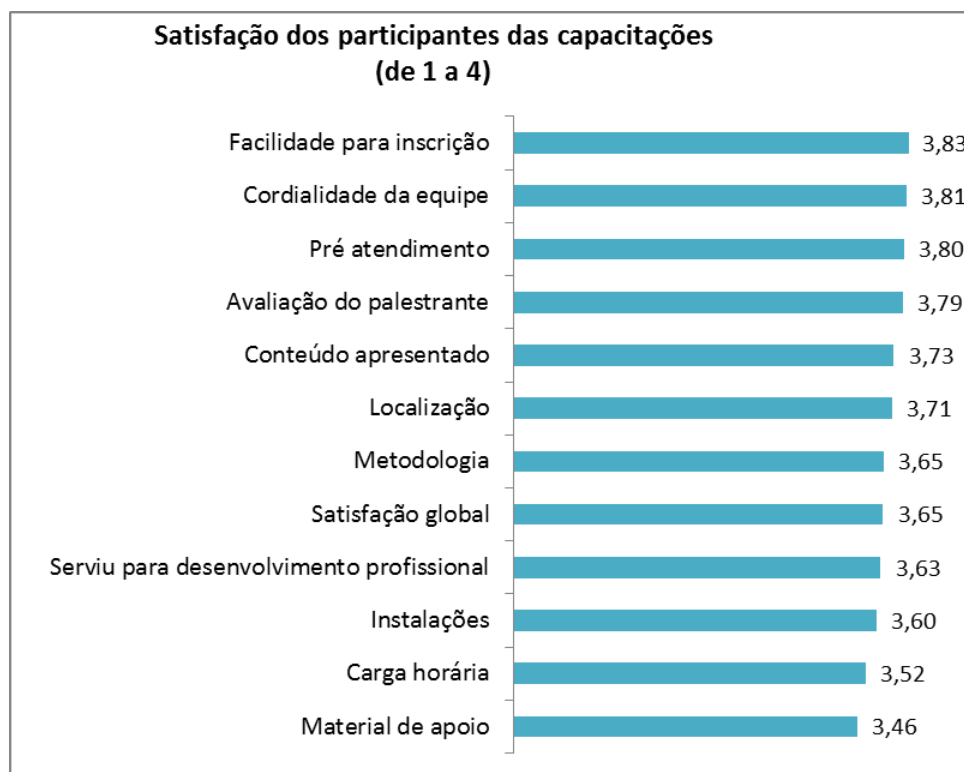


Figura 12: Avaliação dos participantes das capacitações do SisEB em 2015 em relação às suas estratégias - questionário de satisfação

Estas informações também estão alinhadas com as produzidas nos relatórios trimestrais, em que os quesitos relacionados aos formadores e a relevância são muito bem avaliados e a questão da carga horária fica um pouco menos bem avaliada. Futuramente, talvez seja o caso de fazer alguma investigação um pouco mais aprofundada sobre as expectativas dos participantes em relação a esse quesito para conhecermos as razões da maior insatisfação aí colocada.

Os dados do questionário de satisfação aplicado logo após as capacitações também evidenciam um atendimento de muita qualidade, na visão dos participantes, oferecido pela equipe de Projetos e Programas em relação à inscrição, cordialidade, atendimento de dúvidas e fornecimento de informações. A qualidade do atendimento prestada pela equipe fica ainda mais evidente na avaliação dos palestrantes, que atribuem notas máximas aos quesitos relacionados com esse atendimento, em especial à logística, alimentação, viagem, questões administrativas, etc. Do nosso ponto de vista, esses dados confirmam uma maturidade da equipe com relação à operação das capacitações, oferecendo conforto aos palestrantes e possibilitando uma execução competente mesmo com uma equipe reduzida (a equipe de Projetos e Programas dá conta de diversas atividades do SisEB como o Viagem Literária, o Seminário Internacional, as capacitações presenciais e a distância, entre outros).



Figura 13: Avaliação das estratégias do SisEB pelos palestrantes

Os palestrantes também fazem depoimentos positivos sobre o acolhimento das equipes locais, com algumas ressalvas à infraestrutura local ou questões como acústica, microfone, apoio de som. Ou seja, as equipes que recebem as capacitações são bastante acolhedoras e prestativas, havendo algumas dificuldades com relação à logística e apoio de infra. Uma possibilidade é fortalecer as orientações sobre essas questões nas orientações prévias dadas pela equipe da SP Leituras, reconhecendo que nem sempre essas orientações dão conta de solucionar o problema, mas certamente podem ajudar.

Com relação aos temas, a equipe tem estado bastante direcionada a promover assuntos que sejam mais “pés no chão”, no sentido de promover capacitações que permitam aperfeiçoamentos nas bibliotecas que estejam ao máximo sob a governabilidade da própria equipe. Os formadores, por sua vez, são selecionados após um histórico e experiência da equipe, o que parece estar surtindo efeito. A relevância dos temas já abordados é reconhecida quantitativa e qualitativamente, ao mesmo tempo em que algumas sugestões interessantes foram dadas.

- Temas já tratados como: literatura, pequenos reparos em material de bibliográfico, contação de histórias, mediação de leitura, gestão de pessoas, entre



outros. *“Acho que todo ano devia-se ter uma oficina para ensinar todo o processo de uma biblioteca, como: Aquisição de livros, termos, catalogação organização, tomo, cadastro de leitores, empréstimos e outras rotinas. Avalio que esta oficina seja importante, pois temos uma rotatividade de funcionários/estagiários e esta oficina nos ajudaria muito. Ou quem sabe produzir um “NOTAS DE BIBLIOTECA” Explicando passo a passo, com modelos”.*

- Muitos pedem mais oportunidades para formação EAD. *“O curso EAD em Ação cultural é excelente, fica uma sugestão, que tal criarem um no mesmo formato, porém em gestão de bibliotecas públicas”.* *“Gostaria que tivesse mais cursos EAD e que os outros cursos fossem aplicados em cidades mais perto da região que moramos pois em locais muito longe pra mim é muito difícil de participar”.*
- Temas relacionados à relação entre a biblioteca e a cultura digital. *“Bibliotecas digitais, ebook’s, futuro tecnológicos das bibliotecas”, “videogames e cultura digital”.* *“Informatização e softwares livres para bibliotecas”.*
- Temas técnicos. *“Informatização de acervos. Tipos, qualidade, como fazer, recursos necessários”.* *“Sentimos muito a falta de atividades e temas que preparem melhor os auxiliares de bibliotecas que, na sua maioria, não têm condições de aproveitar melhor as abordagens oferecidas pelo SisEB”.* *“Gestão de acervos e Política de desenvolvimento de coleções, em especial os tópicos sobre desbaste e descarte”.* *“Capacitações para a área técnica da Biblioteconomia: trabalhar com acervos especiais”.*
- Parcerias e colaboração: *“Como a biblioteca escolar pode ser parceira da biblioteca pública na promoção da leitura, formação de leitores e acesso à informação”, “Relação educação escolar e biblioteca pública”, “realizar contatos com escolas ao redor da biblioteca pública formando parcerias de cunho educacional, cultural e social com essa comunidade”.*
- Temas relacionados à inclusão social e marginalidade: *“Literatura marginal e cultura afro-brasileira”, “Acessibilidade em bibliotecas. Tráfico de drogas no entorno das bibliotecas. Bibliotecas de periferia”.* *“Acredito que já abordam sobre acessibilidade, mas seria interessante aprofundar essa temática em diversos aspectos, tais como: braille, dislexia, libras, autismo etc.”*
- Temas relacionados à sustentabilidade das bibliotecas: *“Que tal criar um fundo municipal para bibliotecas públicas?”.*
- *“Vejamos um tema sempre adiado em nossos círculos: a formação de público, o trabalho com o leitor potencial”.*
- Surpreendentemente, já vemos pessoas demandas relacionadas com a gestão e a sustentabilidade das bibliotecas. *“Temas pertinentes à gestão, organização e*



otimização dos processos empreendidos no setor”. “Liderança e administração de Bibliotecas Públicas ONGs, Sociedades e Associações (contrato, regimento e estatuto)”.

- *“Adoro os temas abordados, e sei que os temas são voltados para os bibliotecários e para as pessoas que trabalham na biblioteca. Mas nós que trabalhamos em biblioteca sabemos do nosso papel. Gostaria que fosse pensado em algum tema voltado para os secretários (as) de cultura de cada município, para que eles saibam do papel da biblioteca, pois muitos nem sabem e por isso às vezes deixam de fazer algo pela biblioteca. Temas como: Conhecer os serviços da biblioteca. Ou, Você sabe qual o papel da biblioteca? Ou, Você conhece a biblioteca do seu município e o seu acervo? Ou, Investir no acervo da biblioteca é transformar cidadãos melhores. Alguma coisa relacionada a isso, espero que tenha ajudado. E obrigada!”.*
- *“Acredito que vocês conseguem sempre abordar todos os temas pertinentes. Nem sempre, é possível participar porque não temos muito apoio por parte dos dirigentes municipais que não proporciona os meios para que possamos ir e participar dos eventos”.*
- *“Sinto-me pertencente ao SisEB pelo fato de participar dessa grande corrente que é atuar em uma biblioteca pública do Estado de São Paulo. Trocando e interagindo com outros profissionais de bibliotecas públicas. Agregando informações e conhecimento. Mas ao mesmo tempo, me sinto orfã, pois dependemos dos recursos, da estrutura da Prefeitura da cidade em que atuamos, e nem sempre somos atendidos”.*
- *“Por falta de vontade política das autoridades não participamos mais das diversas atividades oferecidas”. “Ótimas atividades, porém não participamos mais devido a falta de recursos do município”.*

59

Como mostram os últimos depoimentos, apesar da relevância dos temas já tratados e da qualidade das capacitações, o desafio das bibliotecas, porém, ainda parece ser o de aproximação com o poder público, mais especificamente as Prefeituras Municipais que as sustentam, como veremos na seção de resultados na dinamização das bibliotecas. Nesse sentido, há sempre um limite sobre o que as bibliotecas podem fazer sozinhas, sem mobilizar o seu principal apoiador. Talvez um desafio para o SisEB seja pensar em capacitações e espaços de troca de informações entre bibliotecas que sejam possíveis de serem implementados pelas próprias equipes, e também em outros temas que as ajudem a pensar estratégias de fortalecimento frente às Prefeituras ou para pensarem sua sustentabilidade de forma ampla. Quer dizer, parece sempre haver uma busca por fomentar o fazer das bibliotecas, sua atuação perante o público e sua razão de existir; mas também olhando para elas em suas relações com apoiadores e com a sociedade como um todo.

Ainda na qualidade das estratégias, em relação aos acervos doados (o captado através de doações e a coleção básica, que foi uma coleção selecionada e comprada) e as publicações elaboradas para envio às bibliotecas, que se relacionam à qualidade das estratégias do SisEB, vemos novamente dados muito positivos.

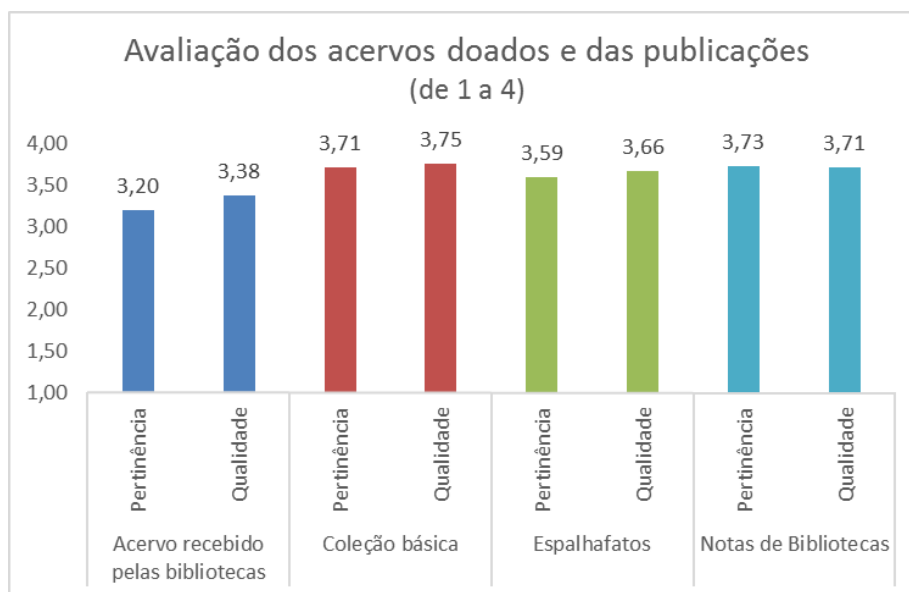


Figura 14: Avaliação da pertinência e qualidade dos acervos doados e publicações do SisEB

As notas médias foram todas batente positivas, principalmente a publicação “Notas de Bibliotecas” e o acervo da Coleção Básica. Os critérios utilizados talvez não tenham sido diferenciados, já que a pertinência e a qualidade estiveram bastante próximas em todas as publicações avaliadas. É importante desenvolvermos critérios que as pessoas compreendam mais facilmente, para que possamos obter informações aprofundadas sobre essas publicações.

b) Formação dos profissionais de bibliotecas - reconhecimento do SisEB

Um esforço que tem sido realizado nos últimos anos, diz respeito ao fortalecimento da imagem e da identidade do SisEB, como ações de comunicação e uma divulgação mais clara nas ações realizadas sobre o Sistema como articulador dessas ações.

Em relação ao conhecimento e uso dos diferentes serviços oferecidos pela SP Leituras em relação ao SisEB, temos que os serviços mais utilizados em 2015 foram o Jornal Espalhafatos e os cursos, palestras e oficinas. Os canais virtuais, portal Aprender Sempre e o Cadastro de Bibliotecas Públicas são bastante utilizados, também.

Um depoimento no questionário mostra também a presença do *Espalhafatos* para as

bibliotecas: *“Tanto nós funcionários da Biblioteca Pública Municipal, neste ano de 2015 sentimos a falta do Jornal Espalhafatos e muito mais os Usuários desta Biblioteca (último recebido foi Abril/Maio de 2015)”*.

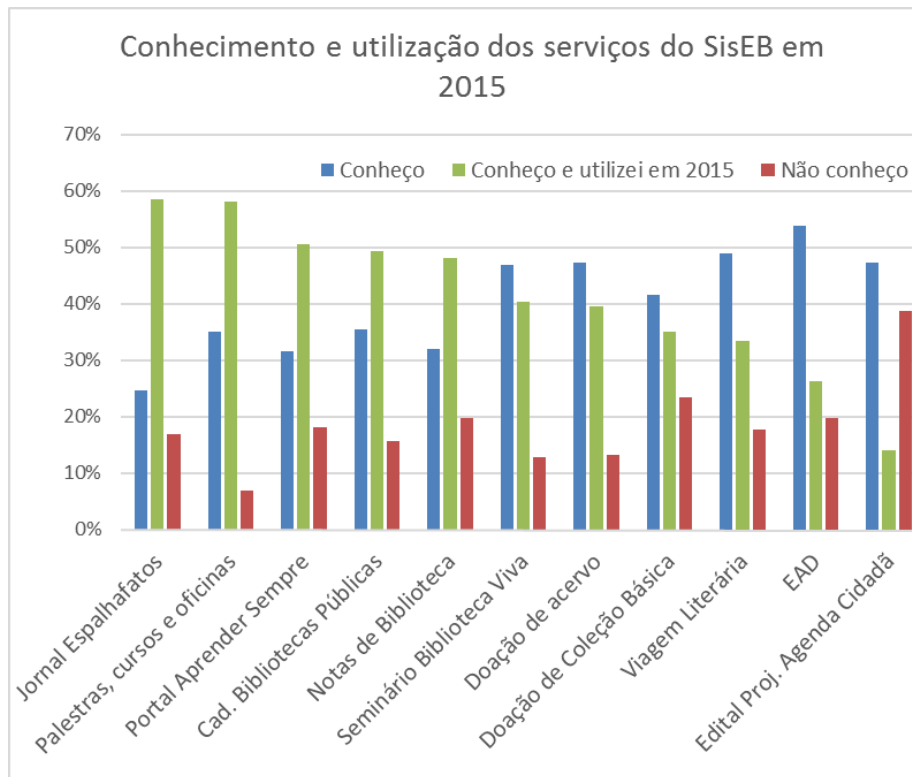


Figura 15: Conhecimento e uso em 2015 dos serviços do SisEB

Há uma gama de serviços que são mais conhecidos do que utilizados, como o Seminário Biblioteca Viva, a doação de acervo, o chamamento para a doação da coleção básica, o Viagem Literária e a formação à distância - EAD. Este grupo de serviços faz pensar no por quê, apesar de serem tão conhecidos, não são tão utilizados.

Os serviços com maior taxa de desconhecimento são o Edital Projeto Agenda Cidadã e o chamamento para doação da Coleção Básica. Esses são serviços mais pontuais e elaborados diretamente pela Unidade de Difusão Cultural, Bibliotecas e Leitura da Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo.

Algo que também chamou nossa atenção foram relatos que evidenciam uma percepção mais integrada do SisEB - ou seja, o que antes era percebido como ações independentes, agora os profissionais manifestam saber que se tratam de ações do SisEB. Do nosso ponto de vista isso é fruto do esforço intencional da equipe, que em 2015, em todas as ações reforçou o discurso da integração e a própria identidade do SisEB.

“Esse ano foi muito importante para mim quanto profissional. Além de sediar uma



capacitação do SiSEB, fiz parte de uma turma de EAD, o que ajudou muito a entender a parte de ação cultural para bibliotecas. E também tivemos a satisfação de sermos contemplados com o edital de atualização de acervo (Coleção Básica)”.

“Não só as atividades tem dado essa real sensação de pertencimento ao SisEB, assim como todo o material, suporte e cursos oferecidos. Tudo isso contribui para que eu possa melhorar enquanto profissional”.

“Todo o trabalho desenvolvido pelo Siseb através de cursos, palestras, oficinas, capacitações, programas (Viagem Literária) nos faz sentir totalmente inserido ao SisEB.”

Ao serem perguntados sobre o sentimento de pertencimento em relação ao SisEB, 76% dos respondentes dizem que as atividades das quais têm participado têm contribuído para o fortalecimento dessa sensação.

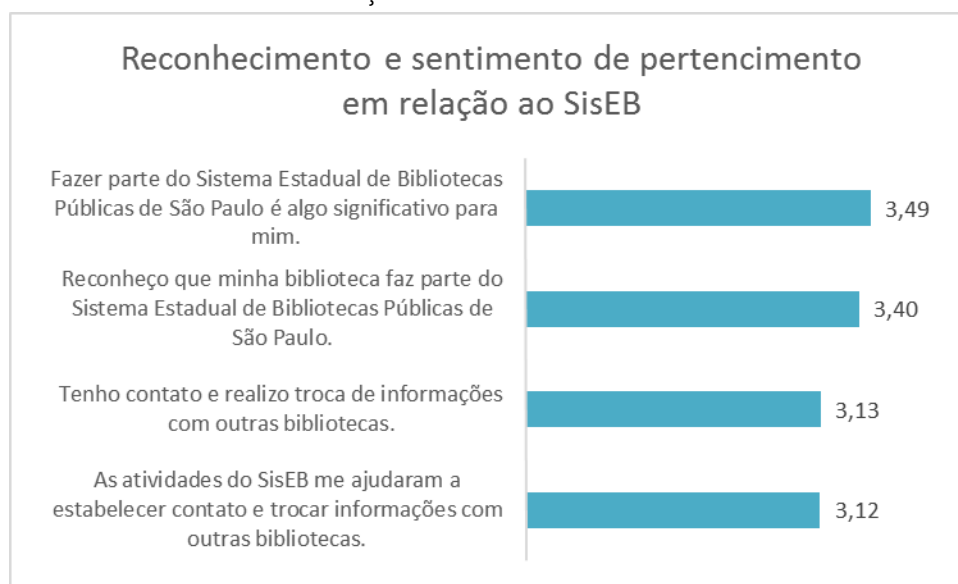


Figura 16: Reconhecimento e pertencimento em relação ao SisEB

Os dados indicam que a relação com o SisEB é de reconhecimento e de valorização, mas a visão do SisEB como espaço de articulação com as bibliotecas ainda não é predominante. A visão predominante é de que o SisEB é algo que “alguém” faz, um atendimento prestado, como fica claro nos depoimentos elogiosíssimos logo abaixo:

“É muito bom sentir que podemos confiar (somos retribuídos) e que estamos caminhando junto em relação a leitura e a biblioteca, pois o poder publico local nos relega sempre um segundo, terceiro, último lugar nas prioridades. Sempre somos acolhidos em nossas dúvidas e o retorno que vocês nos dão é ótimo. Percebe-se o engajamento nos cursos; nos eventos, como o Viagem Literária; nos livros que recebemos, e principalmente no diálogo sempre aberto que vocês mantem com a gente”.



“Direcionamento, apoio e reconhecimento definem as atitudes do Sistema e da equipe da SP Leituras para com as bibliotecas do Estado de São Paulo, assim, mais que pertencimento, o SisEB garante o sentido para a nossa atuação”.

“Somos muito bem recebidos pela equipe do SISEB e esperamos que este atendimento continue no ano vindouro”.

Na nossa leitura, isso evidencia resultados na promoção da imagem do SisEB, no fortalecimento de sua identidade, mas também mostra a necessidade de se pensarem estratégias de estímulo ao fortalecimento da rede que o SisEB enquanto sistema pressupõe. Aí reside um grande desafio, como a própria equipe costuma debater, já que existem no campo de análise de redes, indicadores que nos permitem enxergar uma rede funcionando, mas não se sabe tão bem como se faz para estimular uma rede sem que isso gere dependência, sem que se ocupe um papel central, o que acaba produzindo uma situação que é prejudicial para a própria rede.

De qualquer maneira, os dados evidenciam um papel importante na motivação e formação dos profissionais para o fato de se sentirem pertencente a uma comunidade que o SisEB representa - mesmo que percebida majoritariamente como ação de um agente específico. Como exploraremos melhor adiante, o sentimento de pertencimento ao SisEB tem uma função de manter os profissionais dispersos nas bibliotecas em diversos municípios do estado de São Paulo como unidos de alguma forma, e juntos numa “causa”.

“Fazer parte do SisEB faz a diferença. Fortalece nosso trabalho e nos orienta. Assim podemos analisar se estamos no caminho certo. Sem o SisEB seria muito difícil avançar”.

“As atividades fortalecem o Sistema, valorizam o profissional, muitas vezes esquecidos no interior do nosso Estado, sem condições de fazer curso, sem voz... O SISEB precisa se fortalecer cada vez mais, pois é ele que irá fortalecer nossas bibliotecas públicas. Não acredito em um Estado leitor, na mudança da nossa sociedade, sem bibliotecas públicas de qualidade! Que venham outros Editais! O SISEB somos nós!”.

E, como em outras oportunidades, há depoimentos de profissionais que mostram estarem avançando para uma visão do SisEB enquanto rede, que apesar de não serem maioria, são bastante significativos:

“No início da carreira não sabia do sistema e não conhecia as bibliotecas e o profissionais vizinhos... hoje os conheço, troco experiências, nos reunimos e trocamos até acervo. Dividimos alegrias e “tristezas”. O Siseb também nos agrega. Gostaríamos que pudéssemos pensar juntos sobre um sistema de informatização que para o futuro pudéssemos pensar em uma grande rede... As atividades e cursos relacionados a gerenciamento e a ações culturais devem sempre estar presentes, é algo que



precisamos sempre inovar e aprender”.

“Percebo que durante esta gestão a biblioteca publica em qual trabalho mudou totalmente acredito que seja pelo fato de realmente estar ligada ao Siseb. Antes não tínhamos nada e hoje temos muito, pois participamos de atividades e temos essa integração entre bibliotecas.”.

Alguns depoimentos deixam sugestões de ações para o SisEB, de maneira geral.

- Apoio na divulgação das ações das bibliotecas: *“Mesmo participando de várias ações promovidas pelo SisEB, ainda sinto falta de um canal de comunicação mais direto, como por exemplo não sei onde divulgar as ações promovidas em minha cidade, pedi a divulgação de um evento e nada, nem um post se quer, uma sugestão é que os municípios passem com ao menos um mês de antecedência o que está acontecendo e isso seja divulgado, mas o que vejo são sempre os mesmos e ações menores, porem não menos importantes sendo negligenciadas”.* *“Nossa biblioteca realizou, em 2015, muitas atividades educativas e interessantes. Sentimos falta, enquanto profissionais que necessitam de muito apoio, falta de divulgação, também por parte do SisEB, das nossas atividades como um estímulo e reconhecimento”.*
- Canais de troca entre as bibliotecas: *“Sinto falta também de um espaço em que os bibliotecários e profissionais de bibliotecas possam debater suas ideias”.* *“Outra sugestão é criarem canais específicos para as diversas temáticas que envolvem a biblioteca pública, tais como um espaço exclusivo para divulgarmos o que acontece em nossa cidade, iniciativas e projetos”.*
- E uma provocação: *“O SisEB, nos últimos 5 anos, conseguiu promover uma integração dos profissionais que atuam no estado, entretanto, acredito que falta para o Siseb, estar mais presente (fisicamente) nas bibliotecas públicas. Entendo que toda relação deve ser uma via de mão dupla e o cenário atual se apresenta da seguinte forma: o Siseb nos capacita e pertencemos ao Siseb mas, o Siseb nos conhece? em quantas bibliotecas públicas o gestor do SisEB já esteve presente? Acredito que para tomar ações assertivas para todo o estado é necessário conhecer nossa realidade”.*
- *“Todos os temas propostos são pertinentes, excelentes. eu proponho que os cursos sejam transmitidos em tempo real pela internet ou disponibilizados no portal. A distância é nosso único problema para participar efetivamente em todas as atividades”.*
- *“Os cursos presenciais também serem realizados em EAD”.*
- *“Gostaria que fossem doadas novamente as “Coleções Básicas” para as Bibliotecas integrantes do Siseb. Os livros que compõem as Coleções Básicas são excelentes e estimulam os empréstimos e a frequência da população nas bibliotecas. Como não*



temos recursos próprios para abastecimento de nosso acervo, a Coleção Básica é fundamental para proporcionarmos obras de qualidade e também para incentivarmos pontualmente o hábito da leitura em nosso município”.

c) Formação dos profissionais das Bibliotecas

A formação dos profissionais das Bibliotecas está relacionada com mudanças na concepção a respeito da biblioteca (Biblioteca Viva), na qualidade do atendimento, criação de novas atividades culturais e de mediação, etc. O resultado mais direto das capacitações se situa nesta dimensão e para compreender qualquer outro impacto do SisEB, deve-se considerar este um importante ponto de partida.

Interessante notar que, como em outros programas analisados neste relatório, os impactos das capacitações, cursos, palestras, etc., na formação das pessoas, parecem ser compostos por tempos e variáveis diferentes para cada tipo de aprendizado.



Figura 17: Resultados das capacitações do SisEB na formação dos profissionais de bibliotecas



Aprendizados mais ligados a uma mudança de percepção, de compreensão, podem ser medidos durante ou logo após terminado o “processo”; aprendizados que exigem deslocamentos maiores, principalmente externos, ou mesmo outros aprendizados agregados, levam mais tempo.

“Dar mais importância à biblioteca” e “compreender melhor o que significa uma biblioteca viva”, aparecem em primeiro lugar e são indicadores que têm a ver com percepções e compreensões, ou melhor, uma dimensão da sensibilidade e intelectual. Diversos depoimentos reforçam a importância das capacitações no atribuir mais importância às próprias bibliotecas, na motivação para trabalhar com elas e no reconhecimento da existência de um espaço de busca de apoio. Na nossa visão, essa é uma dimensão muito importante, pois lida com o fator humano dos profissionais e que ajuda a sustentar profissionais interessados, motivados para um melhor atendimento e em busca de qualificação.

“O SISEB promove encontros e oportunidades que além de trazer novos conhecimentos para os funcionários que trabalham em bibliotecas públicas também aumentam a nossa autoestima profissionalmente”.

“Participando do Siseb, eu vejo que várias bibliotecas são como a que eu trabalho, e assim não me sinto tão só. Pois quando nos encontramos nas capacitações nos identificamos com varias situações. E o Siseb tem ajudado muito as bibliotecas, pois ele faz com nós não nos esqueçamos do papel da biblioteca e também nós mantem animados para enfrentar as dificuldades do dia a dia”.

“Sim, as atividades das quais participei me impulsionaram ao objetivo de atender da maneira mais eficaz e próxima o usuário, como SUJEITO-ATIVO da biblioteca, centro cultural e de convivência”.

“É através do SisEB, é que tomamos consciência da importância do trabalho que realizamos, mesmo estando sozinhos em um município pequeno. Nos encontros podemos ver a importância do trabalho que realizamos”.

“Já tive algumas dúvidas e recorri ao SiSeb e me senti acolhida. Isso faz com que nos sentimos de alguma forma mais protegida. O trabalho do SiSeb é muito importante”.

“Na verdade me sinto orgulhoso de trabalhar nessa biblioteca que faz parte do Siseb, todos os encontros são ótimos e me faz sentir em casa, é muito gratificante”.

Além desse tipo de contribuição, os participantes dizem terem “se desenvolvido melhor profissionalmente”, “Conseguido aplicar conhecimentos na prática” e “se sentido mais apto para promover ambientes de leitura”, que vêm logo em seguida e indicam empoderamento e movimentos em direção a novas ações.



Logo depois, começam a aparecer indicadores em que as transformações vêm mais concretamente, como “contribuir para melhorar a organização e gestão da biblioteca”, “realizar ações para melhorar o atendimento da biblioteca”, “realizar mais ou melhorar as ações culturais da biblioteca”. Essas são transformações objetivas e significativas, mas ainda realizadas no ambiente da biblioteca, ou seja, no ambiente ao alcance dos profissionais.

Em último lugar vêm ações de escuta e integração com a comunidade da biblioteca e, aqui, podemos atribuir este resultado à maior complexidade que este tipo de ação envolve, por dizer respeito a uma saída do ambiente e de conhecimentos mais próximos, talvez sendo necessárias outras aprendizagens para isso. E também ao tempo que este tipo de transformação pede. Em penúltimo lugar, está a melhora do espaço físico da biblioteca, o que também envolve planejamento e recursos. Como já visto, conseguir aporte das prefeituras e incrementar a relação das bibliotecas com os poderes municipais, não é algo simples.

d) Dinamização das bibliotecas

Espera-se que principalmente as bibliotecas que recebem as capacitações do SisEB apresentem resultados relacionados com a sua dinamização, como, por exemplo, se articular com outras bibliotecas da região e outras instituições, como escolas, de forma a viabilizar um bom público para a própria capacitação. É a oportunidade de oferecer algo a instituições vinculadas com leitura.

Para as bibliotecas, há diferentes motivações para candidatarem-se a sede das capacitações do SisEB, desde possibilitar à própria equipe uma capacitação no município, o desejo de articular-se localmente, de possibilitar uma oportunidade de formação para outras equipes da região, de tornarem-se mais visíveis para o próprio município e para a região.

Os dados evidenciam que o principal resultado de acolher uma capacitação, tem a ver com a articulação da biblioteca com outras organizações da região, tornar-se mais conhecida, etc.

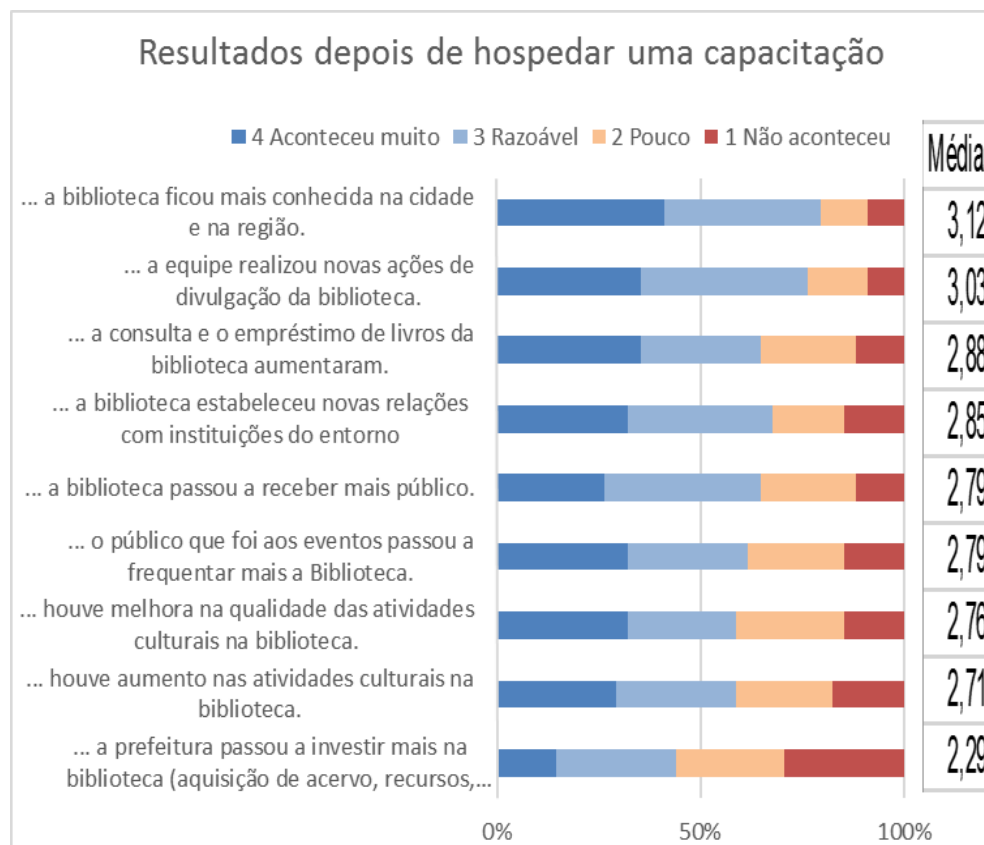


Figura 18: Resultados para as bibliotecas depois de hospedarem uma capacitação do SisEB

Os resultados mais mencionados têm a ver com a articulação das bibliotecas localmente, com a ampliação da sua visibilidade na cidade e região, a realização de ações de divulgação da biblioteca pela equipe e o estabelecimento de novas relações com instituições do entorno, como outras bibliotecas, escolas, equipamentos públicos.

“Ela ter se tornado uma referência e um apoio para profissionais da área de várias instituições, além do público interessado.”

“Ter sediado a capacitação do SisEB permitiu ampliarmos os nossos horizontes com relação a dinamização das estruturas do ambiente e a postura dos colaboradores, igualmente possibilitou o intercâmbio de informações entre os onze municípios participantes da ação e entre as bibliotecas da própria cidade que, a partir de então, passaram a trabalhar de forma mais articulada”.

“A diferença é que outras pessoas conhecem a nossa biblioteca e assim compartilhamos experiências e contato.”

“A Biblioteca ficou mais conhecida e reconhecida, vieram participantes de outras cidades e muitos da cidade sede, os que não participaram lamentaram e questionam quando haverá outra capacitação”.



Como no relato acima, algumas bibliotecas apresentaram resultados não previstos pela equipe de avaliação (e que não estão entre as categorias apresentadas), relacionados com a motivação dos funcionários depois de receberem a capacitação. Os relatos, de alguma forma, também relacionam a articulação e divulgação da biblioteca com a motivação e participação dos colaboradores, como podemos ver abaixo:

“Funcionários ficaram mais participativos”

“Sediar essa ou outra capacitação do SISEB torna nossa biblioteca mais participativa, estimula os servidores a participarem e se envolverem nas questões da biblioteca. As capacitações também são uma forma de divulgar a nossa biblioteca entre outras bibliotecas da região”.

E da motivação com uma melhora do atendimento.

“A atuação dos funcionários junto ao público melhorou muito”.

Há também evidências quantitativas de dinamização no sentido do aumento do empréstimo e da consulta de livros e do aumento de público.

O resultado mencionado como o que menos aconteceu é o aumento de investimento da Prefeitura em relação à Biblioteca. Como já relatado, o maior desafio das bibliotecas ainda parece ser o de conseguir um apoio consistente das prefeituras municipais e/ou mudar as estratégias de sustentação delas:

“A programação do SisEB, foi acompanhada pelos convites realizados, mas por cortes de gastos municipais não houve a possibilidade de ir à nenhuma”.

Há um depoimento que sugere que a proposta de receber uma capacitação do SisEB não ficou muito clara: *“Não observo resultados mais positivos pois não há a intenção de ter a oficina com o propósito de divulgação da biblioteca, mas apenas de promoção pessoal”.* O respondente acima manifesta uma opinião contrária à divulgação da biblioteca através da oficina, o que mostra um certo mal entendido com relação à proposta, que é, sim, aproveitar a oficina como oportunidade de articulação e divulgação”.

Um respondente sintetiza: *“Aprendizado, motivação e maior comprometimento da equipe. Grande divulgação da biblioteca na cidade”.*

4. Síntese das reflexões do Siseb

- A conversa que tem alimentado a equipe de Projetos e Programas é como ajudar com que as bibliotecas se sintam pertencentes de fato ao sistema, utilizem os serviços oferecidos e, além disso, criem espaços e canais de diálogo próprios, valorizando a troca entre as bibliotecas do sistema.
- Em relação ao conhecimento e uso dos diferentes serviços oferecidos pelo SisEB,



temos que os serviços mais utilizados em 2015 foram o jornal Espalhafatos e os cursos, palestras e oficinas, incluindo o Viagem Literária. Os canais virtuais, portal Aprender Sempre e o Cadastro de Bibliotecas Públicas são bastante utilizados, também.

- Há uma gama de serviços que são mais conhecidos do que utilizados, como o Seminário Biblioteca Viva, a doação de acervo, o chamamento para a doação da coleção básica, o Viagem Literária e a formação à distância - EAD. Este grupo de serviços, por contar com restrições de vagas e recursos, apesar de serem tão conhecidos, não são tão utilizados.
- As avaliações de todos os quesitos relacionados às capacitações são bastante positivas.
- Com relação aos temas, a equipe tem estado bastante direcionada a promover assuntos que sejam mais “pés no chão”, no sentido de promover capacitações que permitam aperfeiçoamentos nas bibliotecas que estejam ao máximo sob a governabilidade da própria equipe. Os dados evidenciam que os temas tratados são relevantes para os participantes.
- O desafio das bibliotecas, porém, ainda parece ser o de aproximação com o poder público, mais especificamente as Prefeituras Municipais que as sustentam. Nesse sentido, há sempre um limite sobre o que as bibliotecas podem fazer sozinhas, sem mobilizar o seu principal apoiador. Talvez um desafio para o SisEB seja pensar em capacitações e espaços de troca de informações entre bibliotecas que sejam possíveis de serem implementados pelas próprias equipes, e também em outros temas que as ajudem a pensar estratégias de fortalecimento frente às Prefeituras ou para pensarem sua sustentabilidade de forma ampla.
- Em relação aos acervos doados (o captado através de doações e a coleção básica, que foi uma coleção selecionada e comprada) e as publicações elaboradas para envio às bibliotecas, vemos novamente dados muito positivos.
- Um esforço que tem sido realizado nos últimos anos, diz respeito ao fortalecimento da imagem e da identidade do SisEB, como ações de comunicação e uma divulgação mais clara nas ações realizadas sobre o Sistema como articulador dessas ações. Ao serem perguntados sobre o sentimento de pertencimento em relação ao SisEB, 76% dos respondentes dizem que as atividades das quais têm participado têm contribuído para o fortalecimento dessa sensação.
- Na nossa leitura, os dados sobre percepção do SisEB evidenciam resultados na promoção da imagem do SisEB, no fortalecimento de sua identidade, mas também mostra a necessidade de se pensarem estratégias de estímulo ao fortalecimento da rede que o SisEB enquanto sistema pressupõe. Aí reside um grande desafio, como a própria equipe costuma debater, já que existem no campo de análise de redes,



indicadores que nos permitem enxergar uma rede funcionando, mas não se sabe tão bem como se faz para estimular uma rede sem que isso gere dependência, sem que se ocupe um papel central, o que acaba produzindo uma situação que é prejudicial para a própria rede. Os dados evidenciam que há um maior reconhecimento do Sistema como conjunto de ações, promovidas por um agente específico (no caso a SP leituras, ou a Secretaria, ou...) e o reconhecimento de uma liderança. Essa percepção pode ser vista como uma etapa necessária no desenvolvimento do SisEB em que a dependência de um agente específico existe, mas que gradualmente possa haver a migração para uma imagem de rede mais horizontal propriamente dita.

- Os dados evidenciam que o principal resultado de acolher uma capacitação, tem a ver com a articulação da biblioteca com outras organizações da região, tornar-se mais conhecida, etc. Os resultados mais mencionados têm a ver com a articulação das bibliotecas localmente, com a ampliação da sua visibilidade na cidade e região, a realização de ações de divulgação da biblioteca pela equipe e o estabelecimento de novas relações com instituições do entorno, como outras bibliotecas, escolas, equipamentos públicos.
- Com relação ao desenvolvimento dos profissionais de bibliotecas, “Dar mais importância à biblioteca” e “compreender melhor o que significa uma biblioteca viva”, aparecem em primeiro lugar e são indicadores que têm a ver com percepções e compreensões, ou melhor, uma dimensão da sensibilidade e intelectual. Diversos depoimentos reforçam a importância das capacitações no atribuir mais importância às próprias bibliotecas e também na motivação para trabalhar com elas. Na nossa visão, essa é uma dimensão muito importante, pois lida com o fator humano dos profissionais e que ajuda a sustentar profissionais interessados, motivados para um melhor atendimento e em busca de qualificação.



V. Viagem Literária

1. Contexto em 2015

O Programa Viagem Literária tem como principal objetivo dinamizar a programação cultural das bibliotecas das diversas cidades do Estado de São Paulo. Isso é feito levando autores e contadores de histórias para encontros com seus respectivos públicos.

Na medida em que as equipes das bibliotecas devem se envolver em todo o processo de planejamento e produção da atividade (divulgação, parcerias com outras instituições, preparação de público, produção do evento e avaliação), o Programa acaba resultando também na formação dos profissionais envolvidos.

Ao colaborar na formação das equipes - ou ativar saberes prévios presentes nelas - e atrair públicos potenciais (que muitas vezes não tinham antes nenhuma relação com biblioteca), a ideia é que os eventos pontuais levados pelo Programa Viagem Literária qualifiquem e fomentem processos culturais nas/das bibliotecas.

Em 2015, por conta de uma redução orçamentária, aconteceram apenas dois módulos - Bate-papo com o escritor - Módulo Infantojuvenil; e Bate-papo com o escritor - Módulo Adulto.

No ano passado, professores das escolas que participaram dos eventos e equipes das bibliotecas, comentaram a importância de desmistificar a figura dos autores. Nos depoimentos, inclusive dos públicos, fica claro que quando jovens e adultos têm a oportunidade de conversar com os escritores, ouvir a sua história de vida e de como criam um livro, a relação com a literatura parece ficar mais possível, mais próxima, incentivando-os a lerem e escreverem mais.

A equipe optou, portanto, por uma logística que tornasse possível ocorrer esses dois módulos, aproveitando o mesmo transporte para que dois autores diferentes fossem às mesmas cidades e fizessem, em um mesmo dia, o bate papo infanto-juvenil e o bate-papo adulto, na mesma biblioteca, porém em horários diferentes. Em 2015, então, o Viagem Literária ocorreu em 80 cidades do Estado de São Paulo, e antes dos eventos começarem foi realizado um encontro inicial na BSP entre equipes de todas as bibliotecas atendidas para troca de experiências entre bibliotecas que já participaram em anos anteriores e bibliotecas que estão participando pela primeira vez, e para que a equipe da SP Leituras pudesse apresentar o projeto como um todo presencialmente.

Este ano, junto à equipe de Projetos e Programas da SP Leituras, responsável pelo Viagem Literária, chegamos à formulação de que o programa não se reduz a um evento pontual, mas ocorre através de diversas etapas e que é um “processo” que se torna relevante para a biblioteca receptora e sua equipe.

O evento pontual é, portanto, apenas uma das etapas de um processo maior, no qual é central: a aprendizagem da equipe da biblioteca de como levar à cabo uma programação cultural, em todas as suas etapas, para que possam depois fazê-lo de forma autônoma; e a aproximação da biblioteca em relação à comunidade e públicos. O evento funciona, assim, como uma estratégia interventiva, pois, para que ocorra, deve contar com um antes e um depois dele. A compreensão do programa evidenciou



quatro etapas para que o evento ocorra e seus resultados e impactos sejam perenes e as questões de avaliação giraram em torno de cada uma dessas etapas, procurando aprofundar o conhecimento sobre resultados e desafios presentes em cada uma delas.

1) Planejamento (da SP Leituras e das bibliotecas receptoras): procura-se entender como a parceria entre SP Leituras e equipes das bibliotecas têm servido à formação dos profissionais envolvidos, o que se aprende de novo nesta etapa e como ela colabora para o objetivo final do programa, que é a dinamização da biblioteca.

2) Divulgação e Preparação de público: uma questão que tem acompanhado o programa, é até que ponto as diferenças entre uma coisa e outra têm ficado claras para todos os envolvidos na produção do evento. A divulgação foca a atração de públicos e o estabelecimento de parcerias para o evento, enquanto o preparo, além da atração de público, também foca a qualificação da interação do público com o autor e o estímulo a atividades de fomento à leitura antes e após o encontro. Além desta questão, outra que aparece é de como ampliar tanto a divulgação, quanto a preparação de público para conseguir chamar também a comunidade de um modo geral para o evento, garantindo a presença de todos os públicos, e não apenas das escolas. E, efetivamente, quais estratégias de divulgação e preparação de público têm sido utilizadas e quais resultados têm atingido.

3) Evento: a avaliação procura entender a relação entre a adequação das estratégias e a satisfação dos públicos, equipes das bibliotecas e autores, assim como captar impactos de curto prazo. Além disso, quais impressões as bibliotecas têm de autores e públicos; os autores têm das bibliotecas e públicos e os públicos têm dos autores e bibliotecas.

4) Resultados do evento na dinamização da biblioteca: Depois de passado o evento, os resultados miram impactos na dinamização da biblioteca, na formação dos profissionais das bibliotecas e nos hábitos leitores dos públicos. Algumas perguntas norteiam esse Programa, como perguntas “amplas”. O papel de mediadora da biblioteca, entre as cidades nas quais estão inseridas e a formação e fomento de públicos leitores. Até que ponto as bibliotecas que recebem o programa têm conseguido colaborar para o aprofundamento dessa relação; qualificam suas atividades culturais depois do evento para criar vínculos mais sólidos com as comunidades, dinamizando o espaço a partir dos territórios locais; ou têm pressionado poderes públicos para garantir recursos para tal, são aspectos importantes no desenvolvimento deste papel mediador das bibliotecas.

Articulando esses interesses com as dimensões gerais para as quais a avaliação como um todo observa, temos o seguinte:

- **Qualidade das estratégias:** a relevância da atividade e a pertinência dos autores, as metodologias e estratégias utilizadas, as ações de preparo da biblioteca, de divulgação e de preparo de público, a produção do evento e o apoio prestado pela equipe da SP leituras.
- **Formação de profissionais de bibliotecas:** a mudança de concepção e visão da equipe a respeito da sua própria biblioteca, assim como a criação de novas atividades.



- Dinamização das bibliotecas: o aumento na frequência de público e de uso do acervo, melhorias estruturais na biblioteca e aprofundamento da sua relação com instituições do entorno. Percepção sobre um aprimoramento no apoio da Prefeitura à biblioteca e realização de atividades culturais.

2. A coleta de informações em 2015

No Viagem Literária, são aplicados questionários com os públicos, com os autores e com as equipes das bibliotecas participantes. Em 2015, para compor a amostra, foram escolhidos somente alguns dos “roteiros” realizados, marcadamente alguns com autores mais conhecidos e outros com autores menos conhecidos do público. O intuito era, justamente, comparar os resultados em função dessa variável, ou seja, em que medida o fato dos autores serem mais ou menos consagrados e conhecidos influencia os resultados obtidos no Viagem Literária no município?

Para dar conta das informações necessárias para responder às perguntas de avaliação do Programa, optou-se pelas seguintes estratégias e fontes de informação:

Fonte	Estratégia	N
Encontro Inicial com as bibliotecas para apresentação do Programa	Observação	1
Participantes dos eventos	Questionário autoaplicado	1497
Bibliotecas que receberam os Eventos do Viagem Literária	Questionários por módulo preenchido por e-mail	79
Bibliotecas que receberam os Eventos do Viagem Literária	Questionário on-line de impacto	60

74

3. Achados

Os resultados serão apresentados a partir dos grandes eixos e também levando-se em consideração a lógica de compreensão do programa elaborada este ano.

a) Qualidade das estratégias

Se refere a relevância das atividades e a pertinência dos autores, as metodologias e estratégias utilizadas, as ações de preparo da biblioteca, de divulgação e de preparo de público, a produção do evento e o apoio prestado pela equipe da SP leituras.

Módulo Inicial Viagem Literária

Em reunião entre a equipe do Viagem Literária e a equipe do Instituto Fonte, foram discutidos alguns objetivos importantes para o encontro inicial do Viagem Literária,



único momento em 2015 que os profissionais das equipes de todas as bibliotecas participantes do programa se encontrariam presencialmente entre si e com a equipe da SP Leituras. Os objetivos do encontro eram: compartilhar passos da produção do evento, promover troca de conhecimentos sobre todas as etapas do programa, levando-se em consideração o planejamento, a divulgação e o preparo de público, o evento e os resultados na dinamização; apresentar resultados da avaliação de 2014 para debater alguns aspectos sobre o como aproveitar o potencial criado pelo evento para formação de hábitos leitores e vinculação com a biblioteca e problematizar o papel da biblioteca na comunidade, apontando para sua função mediadora e catalisadora de conhecimentos.

O Módulo Inicial do Viagem Literária é, de fato, um momento importante de troca de experiências entre as bibliotecas participantes do Viagem Literária e no qual as equipes das bibliotecas têm oportunidade de tirar dúvidas com a equipe da SP Leituras e seus colegas.

Em relação ao ano passado, houve um aproveitamento maior do encontro para contextualizar o SiSeb, pois muitas bibliotecas ainda não se reconhecem como pertencentes ao sistema, o que é, portanto, uma questão ainda bastante discutida pela equipe de Projetos e Programas. Esta, por isso, cada vez mais tem aproveitado as oportunidades que aparecem para contextualizar a relação das bibliotecas e de cada programa com o SisEB.

Foi muito importante também a contextualização feita pela equipe da SP Leituras do VL como processo, discutindo cada etapa envolvida e o papel das bibliotecas e equipes em cada uma dessas etapas, o que gerou uma série de dúvidas que puderam ser discutidas e refletidas conjuntamente.

Questões que apareceram na avaliação do ano anterior puderam também ser tratadas, como o fato da comunidade não ter tido uma presença significativa no evento - o que mostra que a divulgação foi feita majoritariamente enfocando a parceria com escolas, não alcançando outros públicos.

Exemplos e casos trazidos pelas equipes das bibliotecas que participaram do VL em anos anteriores preencheram as discussões com experiências concretas de divulgação e preparação da biblioteca e do público: Um bibliotecário que soltou rojão na sua cidade - que é bem pequena - para chamar o pessoal pro evento; Esse mesmo criou um salão do livro para incentivar o pessoal a ler; Uma bibliotecária que sempre articula entrevistas dos escritores para a rádio local, aproveitando a sua passagem pela cidade e que cria pautas para jornais, antes do escritor chegar; Essa mesma vai nas salas de aula conversar com os alunos sobre o escritor que virá; Para quem não consegue participar do evento do VL, ela cria formas de dar continuidade a este tipo de programação, levando escritores locais para também dialogarem com o público.

Os bibliotecários sugeriram que a equipe da SP Leituras faça entrevistas com cada escritor que vai participar do VL naquele ano e mande essas entrevistas para todas as cidades, que poderiam aproveitar o material de diversas formas.

Uma outra sugestão foi fazer, além do clássico VL com autores famosos, mais um módulo em cada cidade com autores locais, para incentivar a cena literária nas diversas cidades e trabalhar com a comunidade/contexto específico de cada

biblioteca.

Na leitura das avaliações que as cidades fizeram do VL, foi possível ver que o encontro inicial teve uma importância enorme para que o planejamento da atividade pudesse ser feito de modo mais apropriado e consistente pelas equipes das bibliotecas, o que impactou diretamente na qualidade dos eventos este ano, em geral com resultados excelentes.

Qualidade do planejamento, da divulgação e preparo de público

Este ano, os autores se surpreenderam, de modo geral, muito positivamente com a preparação das bibliotecas para lhes receberem.

É possível perceber, nos gráficos abaixo, que houve uma percepção geral de um bom planejamento, divulgação e preparo de público:

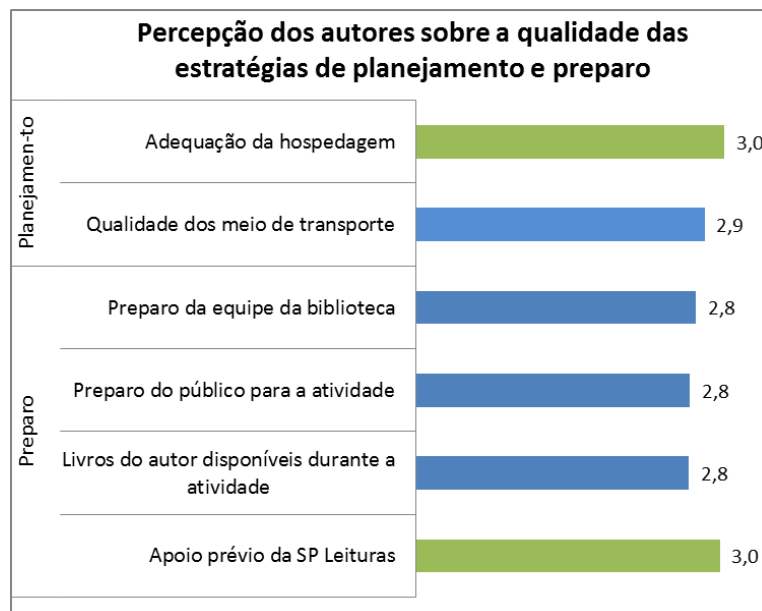


Figura 19: Percepção dos autores sobre a qualidade das estratégias de planejamento e preparo

A percepção dos autores foi, de modo geral, bem positiva, sendo que as notas médias ficaram todas acima de 2,7. Alguns autores dizem que este foi o melhor Viagem Literária de todos, pois sentiram que estava mais organizado do que os anteriores. Depoimentos dos autores reforçam essa visão:

“Todos os funcionários da biblioteca, sobretudo a bibliotecária, conheciam e tinham lido todos os meus livros”.

“Praticamente todos os funcionários da biblioteca tinham lido meus livros, e vieram falar comigo. Estavam todos empolgadíssimos. Fizeram um trabalho incrível”.

“...a equipe toda do projeto estava um bocado envolvida e emocionada, em todas as



etapas do evento. Esse envolvimento e essa emoção fazem toda a diferença para um autor. E tudo o que faz diferença para um autor acaba fazendo diferença para o público também, claro. Uma menina de uns quatorze anos, no final do evento, me disse que tinha amado tudo o que eu falei e me pediu sugestões de livros para ler. Achei lindo. Foi a primeira vez na vida, em vinte anos, que uma menina me pede sugestões de leitura no final de um encontro literário”.

Em relação à logística, alguns autores dizem ter ficado muito cansados por dormir em cidades vizinhas, sugerindo que nas próximas edições possam dormir na cidade do evento. Alguns autores e equipes das bibliotecas comentam que foi cansativo duas conversas no mesmo dia, tanto para autores, quanto para as equipes. Já outras equipes dizem ter aproveitado esse formato de receber dois autores num mesmo dia.

Muitos autores comentam a recepção calorosa das equipes. Em muitas bibliotecas havia cartazes contando sobre a trajetória do autor ou seus livros expostos e disponíveis e decorações preparadas com motivos ou ilustrações dos livros dos autores. As equipes das bibliotecas aparecem em muitos depoimentos dos autores como tendo tido um papel fundamental neste sentido. Muitos autores comentam que funcionários ligaram pessoalmente para eles para saberem mais sobre o planejamento do dia para poder realizar um trabalho mais preciso de divulgação e preparação. Isso foi algo bastante apreciado pelos autores, que tiveram assim a oportunidade de estabelecer conversas importantes com essas equipes e, assim, entenderam melhor o contexto no qual iriam falar. Essa hospitalidade é um indicador da importância que as equipes das bibliotecas atribuem ao Viagem Literária e ajuda muito o autor a ter maior segurança para optar por uma determinada abordagem.

As equipes das bibliotecas de modo geral não tiveram dificuldades em acolher o evento, sendo muito elogiosas em relação à equipe da SP Leituras pela logística bem estruturada e por ter colaborado em seu planejamento para que pudessem entender como acolher o evento da melhor forma possível. As avaliações das cidades sobre as atividades de planejamento prévio foram positivas, como é possível ver na Figura 20: Percepção das “cidades” sobre a qualidade das estratégias de planejamento e preparo. O encontro inicial com todas as bibliotecas, realizado em São Paulo, e também do guia explicativo enviado pela SP Leituras, no qual consta o passo a passo sobre o programa (divulgação, produção, acolhimento dos autores, objetivos, etc.), aparecem em praticamente todos os depoimentos das bibliotecas como tendo sido fundamentais.

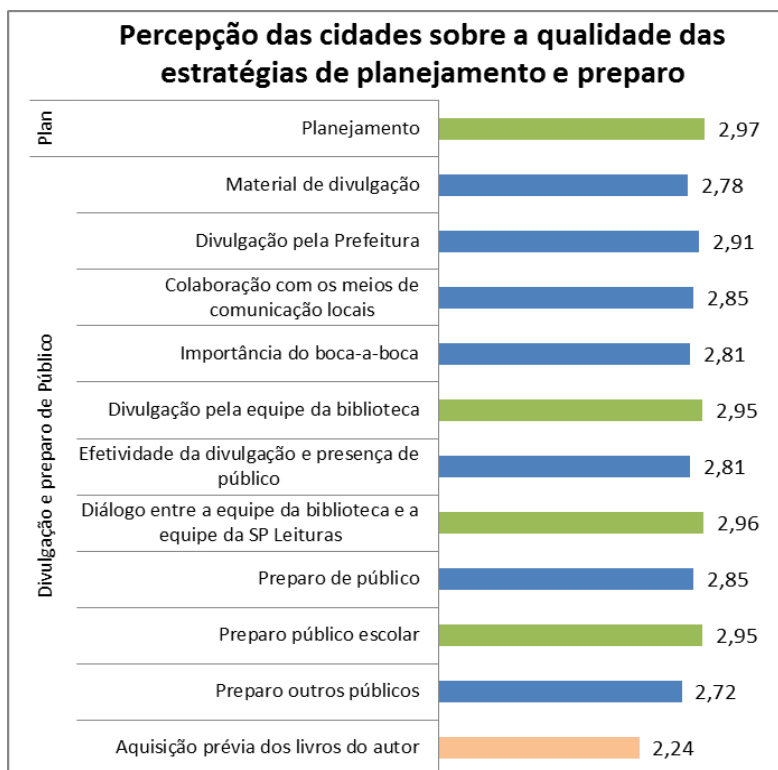


Figura 20: Percepção das “cidades” sobre a qualidade das estratégias de planejamento e preparo

O planejamento é fundamental, pois quanto mais as equipes estão preparadas, mais habilidade têm para estabelecer parceria de qualidade com escolas e outras instituições, melhores condições têm de criar estratégias de divulgação interessantes e de conversar com propriedade sobre o autor e o evento com a imprensa local, etc. Nesse sentido, destaca-se o preparo do público escolar, do ponto de vista das cidades.

Muitas das bibliotecas, em seus depoimentos, declaram e mostram realmente o planejamento da divulgação feito com cuidado: conversas com Secretarias, prefeituras e escolas; contato e estratégias de abordagem da imprensa local, e outras estratégias criativas inventadas pelas equipes. Este ano, as bibliotecas em geral parecem ter tido mais apoio de suas prefeituras e secretarias. O material enviado pela SP Leituras para ajudar na divulgação também foi muito utilizado e colaborou, segundo muitas bibliotecas, para que se preparassem para divulgar a vinda dos autores apropriadamente, apesar desse ter sido um quesito medianamente avaliado pelas cidades (2,78, numa variação de 1 a 3), como pode ser visto no gráfico acima.

“Houve reunião e planejamento da equipe da Biblioteca. Preparamos a divulgação e colocamos em prática (banner, distribuição de Cartazes, folders, divulgação nas redes sociais, e-mail, site, facebook) parcerias com os meios de comunicação local. Expusemos as obras dos autores convidados com destaque em nossa biblioteca”.

A maioria dos autores diz ter se surpreendido com a criatividade das equipes das bibliotecas para atrair públicos e sua capacidade para tal, e há vários exemplos dessa criatividade:

- *“Utilizamos todos os meios de comunicação falada, escrita e virtual. Gravamos*



- também, uma fala do escritor Caio Riter convidando a população Venceslauense para esse momento”.*
- Diversos autores dizem ter dado entrevistas para rádios comunitárias e em uma das cidades inclusive passagens do romance do autor convidado foram dramatizadas numa leitura para a rádio local.
 - Houve em uma biblioteca *“a divulgação de trechos dos livros dos autores convidados (cada livro emprestado na biblioteca levava junto o convite para o evento e um trecho do livro dos autores)”*.
 - Em uma outra cidade, a equipe da biblioteca fez um *“pedágio na entrada da cidade e nós entregávamos um convite com a história dos autores, suas obras e prêmios para todos que passavam e explicávamos a todos sobre o programa”*.
 - Algumas bibliotecas colocaram faixas nas ruas, usaram carros de som, colaram cartazes em diversos locais das cidades, criaram materiais contando sobre vida e obra dos autores e distribuíram em diversos locais e muitas, desta vez, criaram estratégias de divulgação na própria biblioteca, com cartazes, decoração com motivos dos livros dos autores convidados, material específico composto por panfleto do evento, trecho do livro, biografia e marcador de livro personalizado com foto para ser distribuído ao público, protetores de tela dos computadores da biblioteca com fotos dos autores convidados e seus livros.
 - Muitas equipes das bibliotecas dizem que ligaram para alguns públicos para convidá-los pessoalmente para o evento e os incentivarem a convidar outras pessoas.

Muitas bibliotecas e autores comentam a importância também do “boca a boca” sobre o evento, que foi avaliada pelas cidades como de igual importância em comparação com outras estratégias de comunicação ($M=2,81$, como outras e menos que a efetividade da divulgação feita pela equipe da biblioteca, com média igual a $2,95$), como mostra a Figura 20: Percepção das “cidades” sobre a qualidade das estratégias que expressa a visão dos representantes das cidades.

Uma estratégia de divulgação comum em muitas bibliotecas também foi o uso do Facebook e a mobilização da imprensa local, de associações de escritores e, como usualmente, das escolas.

“A divulgação foi tão eficiente que atraiu jovens que não estavam ali por causa da escola. Eles ficaram sabendo do evento (e já conheciam meus livros) e foram assistir”.

O comprometimento da biblioteca na preparação do evento, na divulgação, na constituição de parcerias e mobilização da comunidade para receber um autor em sua cidade, está diretamente relacionado com a qualidade da preparação do público de modo geral. Este ano a questão do preparo do público foi especialmente debatida no Módulo Inicial, no qual destacou-se o preparo a partir de diversas estratégias, que não apenas os públicos do ambiente escolar, ou seja, que as bibliotecas não precisam se limitar a este ambiente no intuito de garantir quantidade e qualidade de presença. O preparo foi melhor avaliado pelas cidades e pelos autores que deram média de $2,8$ (de



1 a 3) para esse quesito. Do ponto de vista dos participantes, porém, a média para “leitura prévia” foi de apenas 2,14.

Em depoimentos, diversas bibliotecas dizem que fez parte da fase de planejamento definir quem gostariam que fosse o seu público e como fariam para convidá-lo. Diversas bibliotecas criaram também estratégias diferenciadas de preparação de público para escolas, públicos assíduos nas bibliotecas e públicos potencias. Houve desta vez preparação da população em geral em muitas cidades. Em uma cidade isso foi feito através da criação de um festival literário. Os dados mostram que no que se refere ao preparo com o público escolar a totalidade dos municípios pelo menos fez alguma ação (alcançando média 2,95), enquanto que o preparo de outros públicos não foi possível em alguns municípios como Araçariguama, Bady Bassitt, Diadema, Piedade e São João Das Duas Pontes, o que baixou a média para 2,72, como mostra a Figura 20: Percepção das “cidades” sobre a qualidade das estratégias. Nas demais, alguma estratégia parece ter sido buscada.

Alguns exemplos de ações de preparo de público foram:

- Muitas bibliotecas visitaram as escolas. Uma delas chegou a participar das reuniões de professores, nas quais apresentaram o programa e entregaram um livreto sobre o Viagem Literária. Essa mesma biblioteca realizou um pré-encontro uma semana antes com as escolas que iriam participar. Neste encontro, os jovens tiveram oportunidades de criar perguntas sobre o livro que leram com seus professores, que foi entregue pelos bibliotecários na ocasião da visita às escolas.
- Em outra biblioteca, cada professora que traria sua turma podia escolher dois livros disponíveis do autor para trabalhar com seus alunos.
- Uma bibliotecária diz que conseguiu *“parcerias com alguns professores que aceitaram trabalhar a obra, biografia e vídeos indicados pela biblioteca, para preparar os alunos”*.
- Outra comenta: *“Disponibilizamos os livros dos autores convidados para empréstimo, além de enviar junto com cada livro emprestado trechos dos livros e entrevistas do autor (esse procedimento foi feito com o Edson Gabriel Garcia também), para que os usuários tivessem uma primeira mostra do estilo do escritor”*.
- O público escolar bem preparado geralmente mostra envolvimento grande dos professores, portanto seu engajamento também faz parte das atividades de preparo de público. *“Ótima impressão de todo o evento e do envolvimento dos professores. Os alunos estavam preparados e foi possível perceber que conheciam parte de minha obra. Posterior ao evento, fui em uma escola pública, a convite de outros professores e também lá percebi o envolvimento de mais gente nesta minha passagem por Mococa”*.
- Algumas bibliotecas chegaram a fazer um planejamento compartilhado com coordenadores pedagógicos e professores: *“No planejamento foram definidas parcerias com as escolas municipais, estadual, ETEC e privada. O material de*



divulgação atendeu a demanda do evento. Distribuimos a relação dos livros indicados pelos autores, cópias avulsas de contos, poesias, frases, biografias dos autores e ilustradores e matérias de eventos retirados dos sites e facebook para os professores trabalharem junto aos alunos”. “Tanto Andréa, a bibliotecária, quanto Edilene, a coordenadora, fizeram um trabalho importante com as escolas. Havia muitos livros meus na biblioteca e as crianças leram previamente. As professoras estavam super atentas e felizes com o encontro e prepararam bem seus alunos”.

- Quando o público está bem preparado, geralmente surpreende os autores com perguntas inteligentes, criativas, pertinentes e aprofundadas sobre livros lidos. Por isso, autores também comentam ações prévias de preparo de público: *“A bibliotecária Adriana Menezes é muito especial. Fez um super trabalho, comprou vários livros, as crianças estavam afiadas para o encontro. Havia três adolescentes leitoras e frequentadoras da biblioteca que também participaram. Aliás, passaram o dia todo na biblioteca para também encontrar, à noite, com o escritor Sergio Rodrigues”.*

Ainda há alguns autores que sentem e relatam a falta de preparação prévia do público em algumas cidades. Quando não é feito nenhum trabalho prévio nem diretamente com as obras, nem com materiais diversos, como os de internet, os autores apontam que isso claramente compromete a qualidade da conversa estabelecida. Mesmo quando, por conta da espontaneidade do público, uma boa conversa acaba acontecendo, sobre assuntos mais genéricos relacionados à leitura e literatura, não necessariamente sobre o autor e suas obras, os autores consideram que, apesar de atingir alguns dos objetivos do Programa, esses não são amplamente atingidos como quando há trabalho prévio com os livros. Um importante aspecto do Programa apareceu em 2015, neste sentido, que pode ser descrito da seguinte forma: *a qualidade da preparação do público colabora para que o Programa Viagem Literária atinja amplamente o seu objetivo, que é dinamizar a biblioteca.*

Portanto, para que esta dinamização de fato ocorra, não apenas no momento do encontro, pontualmente, mas como prática na biblioteca, é necessário que as equipes se envolvam no programa como processo e, garantindo a preparação do público, colaborem para que haja formação de público. Porque quando equipes das bibliotecas e seus públicos vivem uma experiência processual com a leitura, lendo livros de autores com os quais depois têm a oportunidade de encontrar, conversar, mostrar suas perguntas ou seu trabalho nas bibliotecas, os vínculos se tornam muito mais significativos e intensos, possibilitando a continuidade de processos de aprofundamento com o espaço da biblioteca e a leitura.

Apesar de ficar evidente que este ano houve um significativo avanço em relação à preparação dos públicos por parte das bibliotecas e uma maior compreensão dos significados disso, muitas bibliotecas ainda confundem o que é divulgação e preparação de público, o que se evidencia em seus depoimentos. Mesmo quando estão fazendo as duas coisas e tendo resultados positivos em termos de quantidade e qualidade de públicos, ainda há uma certa mistura entre o que é uma coisa e outra.

Nas poucas bibliotecas em que os públicos não estavam bem preparados, isso pode ter ocorrido, portanto, por conta desta confusão da equipe: a equipe divulgou bem e



achou que com isso já estava resolvendo o problema de preparação e qualificação do público.

Este ano, por conta de uma preparação de público muito mais bem feita nas bibliotecas em geral, nota-se que, enquanto a divulgação tem a função de atrair públicos diversos (escolares, da comunidade, de poetas e escritores, etc.), a preparação dos públicos tem uma função a mais, que é a de qualificar a presença desses públicos, enriquecendo a experiência para todos.

O evento

Em relação ao evento em si, os dados sobre os quesitos que sinalizam a qualidade das estratégias são muito positivos.

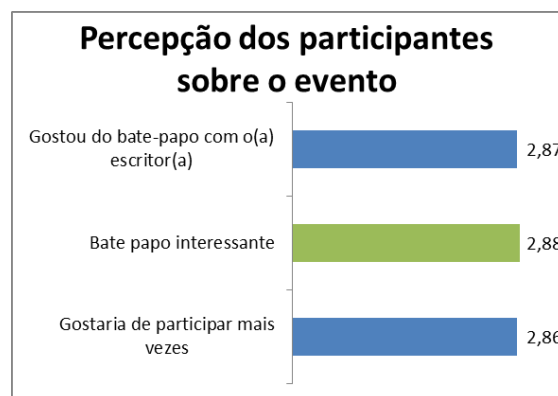


Figura 21: Percepção dos participantes sobre o evento do Viagem Literária

O público avalia especialmente bem a questão do quanto o evento foi interessante, enquanto as cidades destacam a questão da produção do evento e também o interesse despertado pelo Módulo Infanto-juvenil:

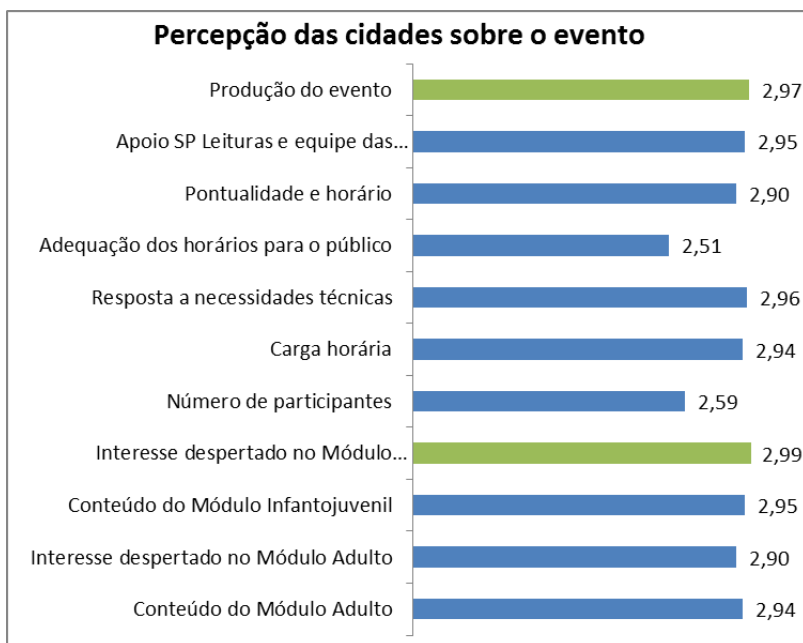


Figura 22: Percepção das cidades sobre o evento do Viagem Literária

Já os autores têm uma percepção muito positiva de todos os quesitos, o que também fala da relevância do programa na sensibilização de autores para a questão da biblioteca pública. Muitos relatam ter vivido uma experiência importante.

83

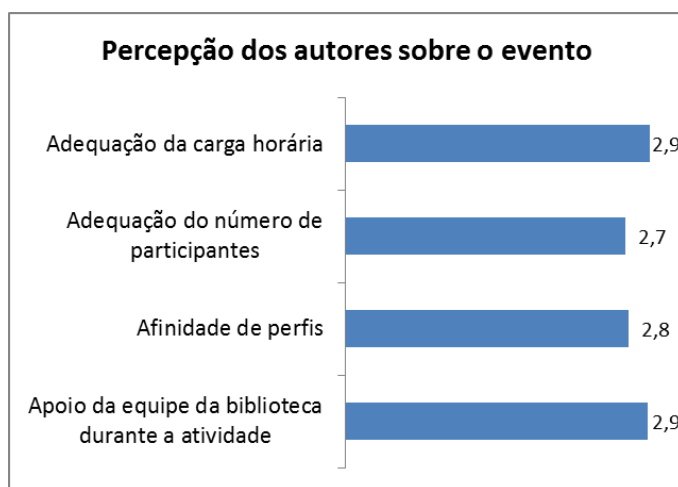


Figura 23: Percepção dos autores sobre o evento do Viagem Literária

O grande aspecto positivo relacionado ao interesse levantado pelo evento é a percepção de identificação dos públicos com o autor presente, ou a criação de um universo comum e uma possibilidade de troca que existe em qualquer encontro:

“A bibliotecária e o mediador (poeta da cidade) foram muito agradáveis e solícitos. Falei bastante da minha trajetória e notei identificação por parte deles. Os poetas mais velhos que foram assistir o evento me abraçaram com muita emoção, foi uma troca humana muito boa e eu quase chorei”.



“Os garotos estavam falantes e perguntaram muito sobre referências para escrever. Como eu gosto de jogos de computador e de cinema, pudemos falar sobre a história por trás de cada um”.

Em uma cidade na qual viveu a poeta Cora Coralina e, por isso, tem uma relação importante com a poesia, a presença de uma convidada poeta foi muito apreciada por todos. Em outro caso, há na cidade uma faculdade de jornalismo e uma das autoras era jornalista investigativa, o que atraiu muitos fãs dela. A sintonia entre autores e contextos locais parece ser bem interessante como estratégia intencional para o programa, e como acontecimento sem intenção, também. Interessante é, mesmo nos casos em que não houve intenção, aproveitar a oportunidade de alguma forma:

“No todo, biblioteca, mediação e público estavam perfeitamente em sintonia e conheciam o meu trabalho. O público era formado sobretudo por estudantes da rede pública, poetas locais, professoras e curiosos”.

“A autora convidada, DANIELA ARBEX, foi de uma felicidade ímpar para nossa Biblioteca. Pois ela é jornalista. E suas obras são fruto de um Jornalismo Investigativo. Temos Faculdade de Jornalismo na nossa cidade e ela já era conhecida por alguns alunos desta Faculdade, que a tem como Referência na profissão que querem seguir. Ela encontrou aqui alguns que já eram “Fãs” dela. Interessaram-se muito. Participaram também alunos do Ensino Médio. Fizeram muitas questões engajadas, com muito interesse nas Obras e Vida da autora”.

Além das afinidades de “vida” entre o público e o autor, outro interesse do público é sobre como cria um escritor, de onde tira inspiração; também sobre o lado comercial da escrita, como fazem para publicar um livro.

“Os alunos ficaram encantados em conhecer os bastidores da minha criação”.

“Fui procurado por um adolescente que quer ser escritor e me pediu dicas e conselhos para escrever melhor”.

Os autores utilizaram estratégias variadas com os públicos. Leituras em voz alta, histórias engraçadas, discussões sobre questões críticas e atuais, conversas filosóficas sobre a vida e sobre arte; conversas sobre leitura e literatura, sobre o processo criativo do escritor. Alguns autores narram conversas muito divertidas com crianças e jovens, que versam sobre sonhos e fantasias. Muitas bibliotecárias, em seus depoimentos, reconhecem que as conversas foram extremamente divertidas, arrancando risadas das plateias. A espontaneidade do autor se mostra fundamental para que aproveite as oportunidades de encontro - com ele, com a escrita, com o universo literário - que acontece em cada situação.

“Fizemos também a leitura, em voz alta, de um poema do livro Poemas para Assombrar, que sempre gera muita risada (vampiro). Os adolescentes se mantiveram atentos o tempo todo e eles leram um pequeno artigo que fiz para a revista Carta Escola, sobre a ausência de personagens negros na literatura infanto-juvenil. O que gerou uma discussão sobre o tema”.

“O encontro já começou antes do horário marcado. Um garoto trouxe seu livro ilustrado para que eu desse um palpite: Fadas muito divertidas que acompanhavam



meninos e meninas. A fantasia correu solta nesse encontro porque além das narrativas dos livros, falamos sobre os sonhos, e algumas crianças narraram suas aventuras noturnas. E a essas mesclaram-se histórias lidas, tanto dos meus livros quanto de outros autores. Aqui também, falamos sobre a literatura como fonte do imaginário humano”.

“Fizemos uma orquestra noturna com um poema do livro Caixinha de Música. Fizemos uma brincadeira com um poema do livro Receitas de Olhar em que no final cada um grita seu nome”.

“A situação mais interessante foi fazer a leitura com eles do meu poema Banquete do livro Caixinha de Música como o livro indica, em ritmo de RAP, já que a Biblioteca oferece oficina de rap e o professor estava presente. Ele fez meu poema com as crianças. Eles amaram”.

Nas conversas sobre literatura, os autores aproveitam para falar sobre outros autores, além de si mesmos, para falar dos clássicos, comparando-os a literatura contemporânea. Um assunto também muito tratado por diferentes autores é o impacto da internet na vida contemporânea. Os autores procuram criar com isso formas de transformar o evento em um verdadeiro momento de formação, de expansão de repertório literário e reflexão.

“Outro aspecto interessante é levantar questões sobre alguns livros da literatura infanto-juvenil de destaque, como o Harry Potter, que é bem lido, ou muito assistido, e levar a pensar que muitos dos seres fantásticos ali presentes fazem parte da literatura universal, como por exemplo, dos bestiários medievais. Uma forma de dizer que a literatura se faz da literatura. Parece que a ideia de a literatura como fonte do imaginário humano se estabeleceu entre os participantes”.

Outro assunto bastante presente são as histórias dos autores e pessoas dos públicos com bibliotecas, como começaram a frequentá-las, a importância delas em suas vidas.

“Apontei para a riqueza da biblioteca que continha tantos livros. Uma das adolescentes contou que quando era criança ia à Biblioteca para brincar com as amigas, uma das janelas servia como lugar de imaginar. Ali, as três paravam e “viam” personagens e depois contavam para outros colegas”.

“Conversamos sobre a literatura e a biblioteca como porta e janela para um admirável mundo novo”.

Também é possível ver nos depoimentos de públicos, autores e equipes, que os autores trabalham muito a questão das palavras e o aumento do vocabulário como estratégia. Além disso, têm uma preocupação grande de deixar clara a importância da interpretação na leitura, de atribuir sentidos singulares ao que se está lendo, a partir do lugar da pessoa que lê, o que também sinaliza possíveis resultados do Viagem Literária na formação de hábitos leitores nos públicos. Diz sobre isso a gestora da biblioteca de Lençóis Paulista:

“Tenho algo muito especial e emocionante para contar e gostaria muito que fosse repassado para a Escritora Carla Caruso. Quando ela veio aqui em Lençóis, teve uma escola em que a professora leu e trabalhou 2 livros com os alunos; durante o encontro



um garoto chamado Gabriel chamou a atenção da Carla porque ele fez uma leitura muito diferente dos livros a partir das ilustrações, e conversaram bastante durante o encontro. Ontem conversando com a professora, ela me contou que depois do Viagem ele fez a carteirinha da biblioteca e já leu 5 livros, mas o mais interessante é que ele tem um aprendizado para a leitura e a escrita defasado em relação aos outros colegas, mas que depois do Viagem a leitura e a escrita dele melhoraram. Não é lindo isso?! Acredito que estamos plantando sementes para o futuro.”

A diversidade de tipos de textos também é bastante trabalhada:

“Como tenho um trabalho diversificado: poesia, conto, romance, biografia e paradidático, procuro enfatizar a questão da diversidade dos tipos de textos e suas respectivas linguagens. Percebi que foi uma questão que chamou a atenção dos leitores ali presentes. Fez pensar”.

Muitos bibliotecários comentam a simplicidade do evento, no qual um autor tem a capacidade de capturar a plateia “apenas” com uma boa conversa. Também chama atenção de todos o carisma dos autores e sua capacidade de envolver os públicos, o que certamente, segundo eles, deixou mais gente interessada em literatura em suas cidades. A maioria das equipes das bibliotecas dizem que os autores têm técnicas diversas para conversar com o público, com sons e formas de interpretar os seus próprios textos que chegam a criar situações parecidas a uma contação de histórias.

De modo geral, o público gostou muito das conversas, e muitos dizem que gostariam de ler mais livros e conhecer mais autores. Várias pessoas dizem que a partir de agora voltará à biblioteca mais vezes. Em diversos depoimentos, o público diz que chamou atenção a simplicidade dos autores e que adorou escutar as suas histórias de vida.

Pensando na questão da quantidade de público presente, tanto a percepção das cidades, como dos autores, é de um aspecto menos bem sucedido - talvez um potencial não utilizado em sua plenitude. Por outro lado, alguns participantes comentam que o espaço estava cheio demais e sem condições adequadas para receber tanta gente: calor, com som precário. Nesses casos, é preciso ressaltar para as bibliotecas que quantidade é importante, mas o conforto também, e tudo isso deve sempre ser bem equilibrado.

Uma hipótese da equipe é de que autores mais conhecidos atrairiam mais público, porém, vemos que a percepção dos autores em relação a esse quesito foi a mesma para autores mais conhecidos e menos. Na verdade, as notas médias atribuídas a todos os quesitos de avaliação pelos participantes foram praticamente as mesmas para autores mais e menos conhecidos.

Apesar de ainda haver menos presença de público espontâneo das comunidades do que de público agendado (geralmente escolas) nos encontros, dessa vez essa presença parece ter aumentado em relação ao ano anterior, especialmente de autores locais, participantes de clubes de leitura, interessados por literatura, etc. Os dados de presença mostram que cerca de 81% do público do Módulo Infante-juvenil foi agendado e 72% no Módulo Adulto.



“Havia um pequeno público espontâneo, cerca de 15 pessoas, adultas, que já conheciam o meu trabalho ou estava ali para ouvir sobre leitura e literatura”.

“Tive cerca de 155 adultos, muita gente simples, escritores locais, estudantes, professores. Vê-se que a preparação foi intensa. Tirar gente de casa à tarde no interior (digo litoral) sei o que é”.

O escritor Sérgio Rodrigues comenta, por exemplo: *“Pederneiras foi um dos pontos altos da viagem. O pequeno espaço destinado à plateia lotou, e os participantes tiveram que se espalhar pelo espaço entre as estantes, ficando de pé ou sentando-se no chão. Muitos de meus livros estavam disponíveis, com dois ou mais exemplares de cada um. Não faltaram perguntas informadas de pessoas que de fato os tinham lido - em especial de uma moça de 17 anos, Milena, que sonha em ser escritora e me presenteou com um conto de sua autoria inspirado em meu primeiro livro, ‘O homem que matou o escritor’. O entusiasmo do público chegou a ser comovente. Ficou claro para mim que a bibliotecária Adriana Menezes conseguiu construir em torno de si uma vibrante comunidade leitora, uma façanha e tanto em cidade tão pequena”.*

O papel dos bibliotecários e suas equipes evidencia-se como fundamental para garantir que haja não apenas quantidade de público, mas qualidade também nas parcerias estabelecidas. Ou seja, não basta “combinar” com uma escola para que algumas turmas participem, como se o agendamento fosse suprir o problema de público. Porque isso pode ter como consequência tanto que o público venha e esteja mal preparado, ou que simplesmente o público não apareça. Em pelo menos duas cidades, o público não apareceu e aqui é necessário tentar entender que tipo de parceria foi feita com a escola.

Alguns autores apontam a heterogeneidade do público como problemática, pois, segundo estes, um público mais homogêneo facilitaria a conversa.

“Ao contrário de Presidente Venceslau [em que o público era muito misturado], o público era predominantemente adulto e de estudantes do ensino médio. Isso facilitou muito o contato e a conversa fluiu, ninguém queria sair da sala. A maioria conhecia meus livros”.

Outros, pelo contrário, gostam do público diverso:

“Duas horas de conversa ininterrupta, com intensa participação do público. Interessante notar que, embora houvesse muitas turmas de estudantes levadas pelos professores, não faltavam também participantes “civis” de todas as faixas etárias”.

Em 2015 impressionou bastante os autores e equipes das bibliotecas, a quantidade de leitores presentes nos encontros, pessoas preparadas para ouvir, interessadas por literatura, por aprofundar-se. Autores relataram que esse ano tiveram que fazer sessão de autógrafos, com livros adquiridos pelo público, algo raro de acontecer, segundo eles.

Em poucas ocasiões, os autores dizem que o público não sabia muito bem o que estava fazendo ali e, nesses casos, alguns dizem que é preferível um pequeno grupo de interessados, que vão ao evento espontaneamente, do que lotar o local com alunos que estão ali por obrigação, que não sabem o que está ocorrendo, etc.



Com relação à carga horária, tanto autores quanto cidades avaliam muito positivamente, como mostram a Figura 22: Percepção das cidades sobre o evento do Viagem Literária, e a Figura 23: Percepção dos autores sobre o evento do Viagem Literária.

Um autor disse que a carga horária da conversa é adequada, mas que é muito engessada e que *“se houvesse mais tempo em cada cidade, o bate-papo também poderia ser com os bibliotecários e/ou professores, potencializando reciprocamente os resultados dos encontros”*. No comentário de outros bibliotecários, aparecem situações nas quais o evento acabou por extrapolar o horário determinado. Um autor foi de fato visitar escolas, tendo conversado a tarde toda com a Associação de Escritores da cidade, etc. Realmente, a presença dos autores nas cidades dispara oportunidades que podem ser interessantes e representa um potencial do programa que poderia ser explorado em próximas edições, se outras variáveis permitissem.

Uma estratégia complementar para o evento foi realizada por diversas bibliotecas que optaram por ter alguém de suas equipes ou de suas cidades como mediadores nos encontros, o que foi bem recebido pelos autores, que apontaram essa como uma estratégia que colaborou no bom ritmo da conversa e facilitou a aproximação com os públicos. Os autores gostam muito quando as equipes das bibliotecas ficam presentes durante todo o encontro, participando ativamente da atividade. Quando as equipes apenas recebem os autores, mas não permanecem na atividade, isso causa bastante estranheza.

Em algumas cidades, os mediadores eram autores locais, o que também foi bem recebido pelos autores, que podem assim estabelecer algum vínculo com a cena local. Os mediadores geralmente trazem também mais público para a conversa.

Outra coisa interessante aconteceu este ano. Apesar do Viagem Literária não levar o módulo de contação de histórias para as cidades, várias bibliotecas prepararam teatro e contação de histórias para abrir ou fechar os encontros, baseados nas obras dos autores convidados. Além disso, outros tipos de intervenções foram feitas por bibliotecas e mesmo pelos públicos, criando ambientes em que não era apenas o autor que falava sobre sua vida e obra, mas também os seus leitores. Segundo os autores, essas intervenções foram muito produtivas e surpreendentes.

“O evento abriu com uma garotinha lendo um conto de ‘Cobras em compota’, um texto meu”.

“A professora Jal me surpreendeu por ser leitora de minhas obras há muito tempo. E pela homenagem que me fez, de surpresa, pedindo para ler um texto meu, CHUVA, publicado há mais de vinte e cinco anos num livro já esgotado. Ela leu o conto, adequado à turma, com muita emoção. Emocionei-me também”.

“O encontro foi aberto por uma sessão de leituras dramáticas de textos teatrais de um dos meus livros que, pelo que entendi, não consta do acervo da biblioteca. Na sequência, um aluno de uma escola particular fez uma brilhante resenha de outro



livro meu - este, pareceu-me, faz parte do acervo”.

“Fizeram uma contação de histórias inspirada no meu livro Valentina. O público interagiu muito bem, durante a contação e ao longo da minha fala, demonstrando que estava bem aquecido para o nosso encontro”.

Diversos autores relatam o acolhimento da equipe das bibliotecas em relação ao público durante o evento. Um dos autores inclusive relata que a bibliotecária aproveitou o encontro para convidar as crianças a fazer seus cadastros e buscar livros. A questão de aproveitar a oportunidade do evento para a biblioteca estreitar vínculos com o público esteve presente em 2014 e este ano há exemplos de ações nesse sentido: *“Havia um senhor muito simples que fez várias perguntas e a bibliotecária e o público tratou de modo muito carinhoso a sua intervenção”.*

b) Formação de profissionais de bibliotecas

Diversas equipes demonstram que aprenderam com a parceria com a comunidade. Uma bibliotecária diz sobre isso:

“Percebemos que as parcerias com a sociedade possibilitam o sucesso do programa, envolvendo a todos como uma teia”.

Este ano, em seus depoimentos, muitos profissionais demonstraram uma melhor compreensão de que o Viagem Literária faz parte do Siseb.

Alguns bibliotecários comentam que com o trabalho intenso de divulgação e preparação do público, as suas equipes estão mais preparadas para este tipo de processo e estão tendo mais oportunidade de aprender sobre acolhimento dos públicos nas bibliotecas.

Diversas bibliotecas disseram que depois do Viagem Literária passaram a realizar muito mais atividades culturais em suas bibliotecas, parcerias com escolas e diversos outros setores da sociedade, permitindo que a biblioteca seja ocupada por saraus, clubes literários, grupos de contadores de histórias, etc.

Este ano as equipes tiveram muito mais clareza sobre a necessidade de planejamento para que o evento ocorresse com qualidade, especialmente na divulgação e preparação de públicos que queriam convidar, como ficou demonstrado na seção anterior, sobre a qualidade das estratégias de planejamento, divulgação e preparo de público. Na nossa visão, esse é um resultado fundamental do Viagem Literária, que mostra sua capacidade de estabelecer resultados perenes e independentes da ação direta da SP Leituras, nas cidades que experimentam o programa.

Algumas bibliotecárias disseram que o VL foi muito importante para a formação dos professores que vieram acompanhando os seus alunos, o que certamente terá um impacto também na formação deles:

“As professoras que estavam ali presentes perceberem algumas questões fundamentais da literatura. Elas saíram dizendo que iriam pesquisar as histórias de



Câmara Cascudo, porque presenciaram o grande interesse das crianças no reconto do Couro de Piolho. As crianças puderam compartilhar suas fantasias, medos, sonhos, enredos tendo a literatura como um dos ‘lugares’ para esse universo do imaginário”.

c) Dinamização das bibliotecas

O resultado na dinamização das bibliotecas se refere ao aumento na frequência de público e de uso do acervo e aprofundamento da sua relação com instituições do entorno, inclusive poder público, assim como a realização de atividades culturais. Para mensurar esses efeitos, envia-se às cidades um questionário eletrônico, passado algum tempo após o evento, cujos dados estão apresentados abaixo:



90

Figura 24: Resultados do Viagem Literária na dinamização das bibliotecas, na perspectiva das cidades

Como em anos anteriores, o Viagem Literária produz resultados de médio prazo muito visíveis no aumento da frequência de público e a biblioteca se torna muito mais conhecida nas cidades. Praticamente todas as equipes dizem que houve aumento significativo de visitas de escolas nas bibliotecas. Alguns comentam que agora têm estabelecido mais parcerias com professores, que também fica evidente na figura acima, em que o principal impacto foi o aumento da frequência das escolas que foram ao evento, à biblioteca.



Todos os quesitos com média acima de 2,8, mostram resultados consistentes do programa, com exceção da questão do aumento do apoio da Prefeitura após o evento.

Curioso notar que em algumas cidades, o poder público municipal esteve presente e tal presença foi notada. Há casos em que o Secretário de Cultura, ou prefeito, ficaram e participaram da conversa proposta pelo autor, não utilizando-a como plataforma eleitoral, mas de fato se beneficiando da atividade. Em alguns casos, os autores reclamaram bastante, pois a primeira dama ou prefeito apareceram no meio da conversa, fizeram discursos descabidos e foram embora. A questão da relação das bibliotecas com o poder público municipal é ambígua: a biblioteca quer e precisa de apoio do poder público, que em algumas oportunidades não conhece nada sobre a biblioteca municipal. Quando toma conhecimento do Viagem Literária, o poder público pensa então que esta pode ser uma oportunidade de se fazer presente, assim como a biblioteca quer esta presença, que pode significar um apoio maior necessário; mas a partir disso, a relação não necessariamente se torna mais consistente. O grande desafio parece ser justamente esse: como fazer da atenção produzida pelo evento do Viagem Literária uma oportunidade de aproximação efetiva da Prefeitura com sua própria biblioteca?

Houve também um maior investimento no acervo de algumas bibliotecas.

Em depoimentos, diversas equipes dizem que depois do processo do Viagem Literária, houve um aumento substancial de pessoas que passaram a frequentar a biblioteca, pessoas que nunca haviam entrado nesse espaço. Alunos que antes vieram com suas escolas, voltam às bibliotecas perguntando quando haverá outros eventos, de forma autônoma, querendo emprestar livros. A maioria das bibliotecas declara que o Programa deu muita visibilidade à Biblioteca, aproximando as pessoas dela:

“Hoje, quando fomos em uma das escolas divulgar outra atividade, os alunos ainda comentavam o evento realizado na sexta-feira e perguntaram se podiam vir estudar na biblioteca”.

Uma bibliotecária diz que o Viagem Literária ... *“representa uma etapa importante de afirmação de nossa biblioteca como um centro de cultura, que pode receber e realizar ações cujo resultado já é possível notar a partir de agora”.*

Alguns autores dizem que imediatamente após a conversa, algumas pessoas do público *“requisitaram os exemplares dos meus livros que estavam na biblioteca”.* Segundo diversos bibliotecários, em depoimento, aumentou o número de empréstimos de livros e a procura por livros dos autores convidados nos dias subsequentes foi relevante.

Segundo uma autora que esteve numa biblioteca anteriormente, o espaço da biblioteca está *“completamente mudado, muito mais adequado do que vi na visita anterior. A biblioteca está estruturada e todo o local melhor pensado para receber diferentes atividades dos leitores, com computadores, salas de leitura, cadeiras confortáveis para o público”.*

Há também resultados no que se refere ao aumento de atividades culturais nas bibliotecas, como mostra a Figura 24: Resultados do Viagem Literária na dinamização das bibliotecas, na perspectiva das cidades:



“Ações culturais foram implantadas, e mantidas, na biblioteca; o espaço passou a ser mais requisitado p/ essa direção. Escola cadastrou alunos em campanha de incentivo à leitura; incentivaremos essa prática às demais escolas. Não houvesse uma redução tão drástica nas ações do Viagem Literária, os resultados poderiam ser melhores; é muito, muito pouco o que foi feito neste ano, comparando-se com o projeto inicial; a logística montada neste ano pode ser econômica, mas pouco produtiva, muito embora as duas palestras foram muito boas e interativas. A Viagem com apresentações teatralizadas também tem um efeito muito interativo com crianças menores, e faz falta”.

“As atividades oferecidas pela biblioteca continuaram acontecendo depois da Viagem Literária, tivemos a realização da Semana Nacional do livro e da Biblioteca, Saraus Literários e Lançamentos de livros dos autores da cidade. Houve um aumento considerável de público nessas atividades. E antes de começar os eventos, sempre divulgamos as atividades que já aconteceram e ressaltamos a importância do recebimento do Viagem Literária, os autores que a Biblioteca recebeu, no caso, foram a Márcia Tiburi e Flávio Carneiro, convidamos a população para ler as suas obras e continuamos divulgando informações sobre a notoriedade deles no cenário literário. Isso funciona muito bem, pois os livros dos dois autores encontram-se emprestados e o meu público sempre pede “livros com assuntos do mesmo tema dos autores famosos que vieram na Biblioteca”. Essa é a oportunidade que tenho de divulgar meu acervo. Embora tenha ainda um acervo que está bem defasado, porque não existe verba para compra de livros. (Mas a aquisição exigida dos 3 exemplares da Márcia Tiburi e do Flávio Carneiro foi cumprida)”.

92

Os exemplos dados na seção anterior de intervenções das próprias bibliotecas durante o evento também mostram que elas aproveitam a oportunidade para mobilizar seus próprios recursos para a oferta de ações culturais.

Diversas bibliotecárias comentam que professores parceiros observam melhora na leitura e escrita dos seus alunos depois da participação do Viagem Literária. Também muitos profissionais das bibliotecas dizem ver uma mudança significativa no interesse por leitura em suas cidades. Atribuem ao VL o aumento de um público fiel.

Muitos participantes do evento declaram ter agora muito mais vontade de conhecerem novos livros e autores e participantes que passam a escrever ou publicam livros aparecem em depoimentos de autores, equipes das bibliotecas ou mesmo do público. Diz um autor sobre isso:

“Encontrei um adolescente que há três anos, quando fui lá, conversou comigo sobre escrever livros e desta vez me presentou com uma edição de um romance pela Chiado Editora. Fiquei muito feliz”.

Finalmente, há depoimentos de bibliotecas que investiram no acervo a partir do Viagem Literária:

“Investimos no acervo dos autores que vieram à Biblioteca. Temos notado um aumento nos empréstimos de livros na Biblioteca. Acreditamos que se devem, em parte, as ações culturais desenvolvidas na biblioteca. E, com a presença do Projeto “Viagem Literária”, ganhamos notoriedade na mídia local. Os recursos financeiros não são muitos, mas desde que assumimos a gestão da biblioteca conquistamos algumas



vitórias e continuamos trabalhando para consolidar o novo conceito de Biblioteca Viva em nossa cidade”.

“Toda essa melhora no acervo e no aumento dos leitores cadastrados foi devido a esse projeto, que nós procuramos, dentro dessa parceria, cumprir todos os objetivos propostos. A única dificuldade foi de encontrar todas as obras dos autores, nas livrarias mais próximas. Sugerimos que nos ajudem nesse sentido. Este projeto possibilitou uma aproximação dos leitores e escritores, enriquecendo a cultura local”.

4. Síntese das reflexões do Viagem Literária

- Este ano, junto à equipe de Projetos e Programas da SP Leituras, responsável pelo Viagem Literária, chegamos à formulação de que o programa não se reduz a um evento pontual, mas ocorre através de diversas etapas e que é um “processo” que se torna relevante para a aprendizagem da equipe da biblioteca de como levar à cabo uma programação cultural, em todas as suas etapas, para que possam depois fazê-lo de forma autônoma; e a aproximação da biblioteca em relação à comunidade e públicos.
- Na leitura das avaliações que as cidades fizeram do VL, foi possível ver que o encontro inicial teve uma importância enorme para que o planejamento da atividade pudesse ser feito de modo mais apropriado e consistente pelas equipes das bibliotecas, o que impactou diretamente na qualidade dos eventos este ano, em geral com resultados excelentes.
- Este ano, os autores se surpreenderam, de modo geral, muito positivamente com a preparação das bibliotecas para lhes receberem. Destacam-se especialmente atividades de planejamento que se referem ao preparo das equipes da SP Leituras e das bibliotecas.
- As equipes das bibliotecas de modo geral não tiveram dificuldades em acolher o evento, sendo muito elogiosas em relação à equipe da SP Leituras pela logística bem estruturada e por ter colaborado em seu planejamento para que pudessem entender como acolher o evento da melhor forma possível.
- Muitas das bibliotecas, em seus depoimentos, declaram e mostram realmente o planejamento da divulgação feito com cuidado. Este ano, as bibliotecas em geral parecem ter tido mais apoio de suas prefeituras e secretarias na divulgação. A maioria dos autores diz ter se surpreendido com a criatividade das equipes das bibliotecas para atrair públicos e sua capacidade para tal.
- O comprometimento da biblioteca na preparação do evento, na divulgação, na constituição de parcerias e mobilização da comunidade para receber um autor em sua cidade, está diretamente relacionado com a qualidade da preparação do público de modo geral. Este ano a questão do preparo do público foi especialmente debatida no Módulo Inicial, no qual destacou-se o preparo a partir de diversas estratégias, que não apenas os públicos do ambiente escolar, ou seja, que as bibliotecas não precisam se limitar a este ambiente no intuito de garantir



quantidade e qualidade de presença. O preparo foi melhor avaliado pelas cidades e pelos autores que deram média de 2,8 (de 1 a 3) para esse quesito. Do ponto de vista dos participantes, porém, a média para “leitura prévia” foi de apenas 2,14.

- Ainda há alguns autores que sentem e relatam a falta de preparação prévia do público em algumas cidades. Quando não é feito nenhum trabalho prévio nem diretamente com as obras, nem com materiais diversos, como os de internet, os autores apontam que isso claramente compromete a qualidade da conversa estabelecida.
- Um importante aspecto do Programa apareceu em 2015, que pode ser descrito da seguinte forma: a qualidade da preparação do público colabora para que o Programa Viagem Literária atinja amplamente o seu objetivo, que é dinamizar a biblioteca. Para que esta dinamização de fato ocorra, não apenas no momento do encontro, pontualmente, mas como prática na biblioteca, é necessário que as equipes se envolvam no programa como processo e, garantindo a preparação do público, colaborem para que haja formação de público. Porque quando equipes das bibliotecas e seus públicos vivem uma experiência processual com a leitura, lendo livros de autores com os quais depois têm a oportunidade de encontrar, conversar, mostrar suas perguntas ou seu trabalho nas bibliotecas, os vínculos se tornam muito mais significativos e intensos, possibilitando a continuidade de processos de aprofundamento com o espaço da biblioteca e a leitura.
- Apesar de ficar evidente que este ano houve um significativo avanço em relação à preparação dos públicos por parte das bibliotecas e uma maior compreensão dos significados disso, muitas bibliotecas ainda confundem o que é divulgação e preparação de público, o que se evidencia em seus depoimentos. Mesmo quando estão fazendo as duas coisas e tendo resultados positivos em termos de quantidade e qualidade de públicos, ainda há uma certa mistura entre o que é uma coisa e outra.
- Este ano, por conta de uma preparação de público muito mais bem feita nas bibliotecas em geral, nota-se que, enquanto a divulgação tem a função de atrair públicos diversos (escolares, da comunidade, de poetas e escritores, etc.), a preparação dos públicos tem uma função a mais, que é a de qualificar a presença desses públicos, enriquecendo a experiência para todos.
- Em relação ao evento em si, os dados sobre os quesitos que sinalizam a qualidade das estratégias são muito positivos. O público avalia especialmente bem a questão do quanto o evento foi interessante, enquanto as cidades destacam a questão da produção do evento e também o interesse despertado pelo Módulo Infantojuvenil.
- Já os autores têm uma percepção muito positiva de todos os quesitos e relatam ter passado uma experiência “marcante”, o que também fala da relevância do programa na sensibilização de autores para a questão da biblioteca pública.
- Muitos bibliotecários comentam a simplicidade do evento, no qual um autor tem a capacidade de capturar a plateia “apenas” com uma boa conversa. Também chama atenção de todos o carisma dos autores e sua capacidade de envolver os públicos, o que certamente, segundo eles, deixou mais gente interessada em literatura em



suas cidades. A maioria das bibliotecárias diz que os autores têm técnicas diversas para conversar com o público, com sons e formas de interpretar os seus próprios textos que chegam a criar situações parecidas a uma contação de histórias.

- De modo geral, o público gostou muito das conversas, e muitos dizem que gostariam de ler mais livros e conhecer mais autores. Várias pessoas dizem que a partir de agora voltará à biblioteca mais vezes. Em diversos depoimentos, o público diz que chamou atenção a simplicidade dos autores e que adorou escutar as suas histórias de vida.
- Pensando na questão da quantidade de público presente, tanto a percepção das cidades, como dos autores, é de um aspecto menos bem sucedido - talvez um potencial não utilizado em sua plenitude. Por outro lado, alguns participantes comentam que o espaço estava cheio demais e sem condições adequadas para receber tanta gente: calor, com som precário. Nesses casos, é preciso ressaltar para as bibliotecas que quantidade é importante, mas o conforto também, e tudo isso deve sempre ser bem equilibrado.
- Apesar de ainda haver menos presença de público espontâneo das comunidades do que de público agendado (geralmente escolas) nos encontros, dessa vez essa presença parece ter aumentado em relação ao ano anterior, especialmente de autores locais, participantes de clubes de leitura, interessados por literatura, etc.
- O papel dos bibliotecários e suas equipes evidencia-se como fundamental para garantir que haja não apenas quantidade de público, mas qualidade também nas parcerias estabelecidas. Ou seja, não basta “combinar” com uma escola para que algumas turmas participem, como se o agendamento fosse suprir o problema de público. Porque isso pode ter como consequência tanto que o público venha e esteja mal preparado, ou que simplesmente o público não apareça. Em pelo menos duas cidades, uma parte do público não apareceu e aqui é necessário tentar entender que tipo de parceria foi feita com a escola.
- Em 2015 impressionou bastante os autores e equipes das bibliotecas, a quantidade de leitores presentes nos encontros, pessoas preparadas para ouvir, interessadas por literatura, por aprofundar-se.
- A questão do aproveitar a oportunidade do evento para a biblioteca estreitar vínculos com o público esteve presente em 2014 e este ano há exemplos de ações nesse sentido.
- Alguns bibliotecários comentam que com o trabalho intenso de divulgação e preparação do público, as suas equipes estão mais preparadas para este tipo de processo e estão tendo mais oportunidade de aprender sobre acolhimento dos públicos nas bibliotecas.
- Diversas bibliotecas disseram que depois do Viagem Literária passaram a realizar muito mais atividades culturais em suas bibliotecas, parcerias com escolas e diversos outros setores da sociedade, permitindo que a biblioteca seja ocupada por saraus, clubes literários, grupos de contadores de histórias, etc.



- Este ano as equipes tiveram muito mais clareza sobre a necessidade de planejamento para que o evento ocorresse com qualidade, especialmente na divulgação e preparação de públicos que queriam convidar. Na nossa visão, esse é um resultado fundamental do Viagem Literária, que mostra sua capacidade de estabelecer resultados perenes e independentes da ação direta da SP Leituras, nas cidades que experimentam o programa.
- Como em anos anteriores, o Viagem Literária produz resultados de médio prazo muito visíveis no aumento da frequência de público e a biblioteca se torna muito mais conhecida nas cidades. Praticamente todas as equipes dizem que houve aumento significativo de visitas de escolas nas bibliotecas. Alguns comentam que agora têm estabelecido mais parcerias com professores, que também fica evidente na figura acima, em que o principal impacto foi o aumento da frequência das escolas que foram ao evento, à biblioteca.
- A questão da relação das bibliotecas com o poder público municipal é ambígua: a biblioteca quer e precisa de apoio do poder público, que em algumas oportunidades não conhece nada sobre a biblioteca municipal. Quando toma conhecimento do Viagem Literária, o poder público pensa então que esta pode ser uma oportunidade de se fazer presente, assim como a biblioteca quer esta presença, que pode significar um apoio maior necessário; mas a partir disso, a relação não necessariamente se torna mais consistente. O grande desafio parece ser justamente esse: como fazer da atenção produzida pelo evento do Viagem Literária uma oportunidade de aproximação efetiva da Prefeitura com sua própria biblioteca?
- Diversos bibliotecários comentam que professores parceiros observam melhora na leitura e escrita dos seus alunos depois da participação do Viagem Literária. Também muitos profissionais das bibliotecas dizem ver uma mudança significativa no interesse por leitura em suas cidades. Atribuem ao VL o aumento de um público fiel.
- Muitos participantes do evento declaram ter agora muito mais vontade de conhecerem novos livros e autores e participantes que passam a escrever ou publicam livros aparecem em depoimentos de autores, equipes das bibliotecas ou mesmo do público.



Anexo 1: Matriz de avaliação

BSP e BVL

1) Qualidade das estratégias	das	Satisfação do público com as atividades
		Relevância dos temas (programação)
		Qualidade dos formadores/ mediadores/ profissionais
		Pertinência dos formadores (adequação do perfil ao contexto/ público local)
		Metodologias e estratégias de formação utilizadas
		Satisfação do público com o atendimento
		Satisfação do público com o espaço físico (móveis, iluminação, arquitetura, espaço)
		Satisfação do público com o acervo
		Melhora no cuidado com o acervo (Baixa de acervo)
		Uso do acervo (empréstimo, renovação)
		Aumento do acervo
		Forma pela qual o público toma conhecimento da BSP e suas atividades
2) Dinamização da Biblioteca	da	Frequência de público (na Biblioteca e na programação)
		<i>Perfil do público</i>
		Perfil socioeconômico, educacional, etário
		Semana X Final de semana
		Usuários-sócios e usuários-visitantes
		Preferências temáticas
		Demandas e preferências em relação à cultura (<u>expressões ou linguagens, artistas</u>)
		Demandas e preferências em relação à leitura (gêneros literários, autores)
		Expectativas com relação à BSP
		Acesso à Internet (frequência)
		Relação entre diferentes grupos de usuários
		Cadastro de novos sócios
3) Formação hábitos leitores	de	Frequência na leitura de livros ou outros materiais
		Frequência a bibliotecas ou espaços de leitura
		Conversas sobre livros
		Interesse pelo estudo e assuntos culturais
		Busca e dá indicações de livros
		Manifestação de preferências
		Busca livros de forma autônoma
		Uso qualificado da internet (acesso a sites/blogs, etc. ligados à cultura e literatura)
4) Formação cidadãos	de	Retomar os estudos ou começar a estudar
		Estabelecer novos vínculos
		Se sentir mais capaz para a produção artística e cultural



Praler

1) Qualidade das estratégias - antes da oficina:	Escolha das instituições pela equipe do Praler (perfil institucional, critérios de escolha)
	Preparo da instituição pela equipe do Praler (combinados, expectativas e contrapartidas)
	Convocação do público (como se deu, expectativas)
	Preparo do formador (pesquisa a realidade de leitura da instituição, vínculo com instituição, expectativas)
2) Qualidade das estratégias - realização das oficinas	Número de participantes nas ações
	Relevância dos temas
	Qualidade dos formadores/ mediadores/ profissionais
	Pertinência dos formadores (adequação do perfil ao contexto/ público local)
	Qualidade da troca entre formadores e participantes
	Relação dos formadores com a instituição (conhecimento da realidade de leitura na instituição, tipo de vínculo estabelecido com a instituição)
	Metodologias e estratégias de formação utilizadas
	Pertinência e qualidade do acervo utilizado
	Quantidade de encontros
Carga Horária	
3) Dinamização das bibliotecas ou salas de leitura	Frequência de público no espaço
	Frequência de uso do acervo (consulta e empréstimo)
	Melhora no cuidado com o acervo
4) Dinamização institucional em relação à leitura	Formação de multiplicadores (mediadores de leitura)
	Ações realizadas pelos multiplicadores formados
	Melhora da Biblioteca/ sala de leitura (adequação espaço físico - móveis, iluminação, arquitetura, espaço)
	Mudança de concepção sobre leitura
	Mudança de concepção sobre o potencial da leitura e da mediação (para profissionais da instituição) como estratégia de inclusão e transformação social
Novas atividades envolvendo leitura	
5) Formação de hábitos leitores	Frequência na leitura de livros ou outros materiais
	Frequência a bibliotecas ou espaços de leitura
	Busca livros de forma autônoma
	Conversas sobre livros
	Interesse pelo estudo e assuntos culturais
	Busca e dá indicações de livros
	Manifestação de preferências



SisEB

1) Qualidade das estratégias	Capacitações e seminários
	Número de participantes nas ações
	Relevância dos temas
	Qualidade dos formadores/ mediadores/ profissionais
	Pertinência dos formadores (adequação do perfil ao contexto/ público local)
	Metodologias e estratégias de formação utilizadas
	Carga horária
	Doação de acervo
	Pertinência e qualidade do acervo doado
	Quantidade satisfatória
	Periodicidade
	Utilidade e tipos de uso
	Publicações
	Pertinência dos temas
	Conteúdos,
	Acessibilidade da linguagem
	Atratividade
	Utilidade e tipo de uso
	Siseb Itinerante
	Assessoria Técnica, Advocacy, Portal, Redes Sociais, Atualização de informações no Bibliotecas Paulistas
2) Qualidade das estratégias - reconhecimento do SisEB	Contato entre bibliotecas/Possibilidades criadas de interação
	Troca de informações entre bibliotecas
	Acesso a serviços oferecidos pelo SisEB
	Identificação com o Sistema
3) Formação dos profissionais das Bibliotecas	Concepção da equipe a respeito da biblioteca (Biblioteca Viva)
	Qualidade do atendimento
	Criação de novas atividades
	Busca autônoma de informações relevantes
	Busca de mais formação
4) Dinamização das bibliotecas	Satisfação do público com o atendimento
	Adequação espaço físico (móveis, iluminação, arquitetura, espaço)
	Relação com instituições do entorno (escolas, equipamentos públicos)
	Apoio da Prefeitura (atualização acervo, disponibilização recursos, etc)
	Atividades culturais na biblioteca (quantidade e qualidade)
	Divulgação da Biblioteca
Reverberações nas instituições participantes do evento (escolas, por exemplo)	



Viagem Literária

1) Qualidade das estratégias	das	Número de participantes nas ações
		Relevância da atividade
		Pertinência dos autores (adequação do perfil ao contexto/ público local)
		Metodologias e estratégias utilizadas
		Carga Horária
		Preparação da biblioteca/ instituições parceiras antes do evento
		Preparação do público para escutar/dialogar com o autor
		Produção do evento
		Utilização do Guia de divulgação do evento para as cidades
		Relação estabelecida com a SP Leituras (quantidade e qualidade do contato)
2) Formação profissionais bibliotecas	de de	Concepção da equipe a respeito da biblioteca
		Criação de novas atividades
3) Dinamização das bibliotecas	das	Frequência de público (na Biblioteca e na programação)
		Uso do Acervo (consulta e empréstimo)
		Adequação espaço físico (móveis, iluminação, arquitetura, espaço)
		Relação com instituições do entorno (escolas, equipamentos públicos)
		Apoio da Prefeitura (atualização acervo, disponibilização recursos, etc)
		Atividades culturais na biblioteca (quantidade e qualidade)
		Divulgação da Biblioteca
Reverberações nas instituições participantes do evento (escolas, por exemplo)		



Anexo 2: Estudo completo sobre o Bebelê

O Bebelê é uma atividade de leitura para bebês e seus acompanhantes. Apesar de focada nos bebês e crianças pequenas, tem uma intenção clara de mostrar para os seus cuidadores a importância da leitura para este público, e formas para que ela seja mais envolvente.

Nesta atividade, tanto quando é realizada dentro da biblioteca, quanto no parque, os mediadores de leitura arrumam um espaço apropriado, no qual livros e bonecos relacionados às histórias são espalhados para que os bebês, crianças pequenas e seus cuidadores sintam-se à vontade para interagir. Os mediadores cantam músicas, contam histórias dos livros, conversando com as crianças a partir de suas perguntas ou comentários e há um tempo reservado, antes e depois da leitura direta do livro, para que os participantes manipulem autonomamente livros e bonecos. Depois de encerrada a atividade, os participantes são convidados a levarem emprestados para casa kits com um livro e bonecos relacionados.

A respeito do Bebelê, algumas inquietações e perguntas mobilizavam a equipe:

- Qual o perfil dos participantes?
- Qual a satisfação dos participantes em relação à atividade?
- Quais estratégias têm sido privilegiadas na atividade? Elas estão adequadas para cumprir os objetivos do Programa?
- A atividade tem sido divulgada de forma adequada?
- Quais as motivações para participar da atividade ou para não participar dela?
- O que pode ajudar a compreender a frequência de público na atividade? Mais especificamente, como o público de modo geral enxerga a relação entre uma biblioteca e um bebê?
- Para o público que frequenta, que resultados podemos observar na sua aprendizagem e nos hábitos leitores?

Perfil do público

De modo geral, notamos que o público é composto em sua maioria por mulheres jovens (entre 28 e 35 anos) de classe média, interessadas em mostrar o universo da leitura para os filhos pequenos (de 1 a 8 anos). Apesar deste interesse de que os filhos se tornem leitores, essas mulheres, em sua maioria, se declaram como não leitoras e não são frequentadoras de bibliotecas em geral.

Quando a atividade foi dentro, tanto na BSP, quanto na BVL, pudemos notar que os pais muitas vezes vêm, mas ficam afastados, cuidando de outros filhos, ou andando em volta, mas não se aproximam muito. Já na atividade realizada fora da BSP, no Parque, havia pais interessados, junto com as mães e filhos, ou sozinhos com os filhos. Parece haver aí alguma dificuldade específica de “entrar em uma biblioteca”, em parte pela percepção de que biblioteca não “combina com criança”, e menos ainda com uma



criança que esteja acompanhada apenas do seu pai.

Além disso, percebemos que os frequentadores da atividade, quando esta ocorre dentro da biblioteca, vêm de regiões próximas a elas (região norte na BSP e oeste na BVL). Porém, na observação realizada no dia em que a atividade foi fora da BSP, em um domingo, havia pessoas de outras regiões, como Região Sul, por exemplo, e Região Leste. Essas pessoas não conheciam a atividade, mas eram frequentadoras do Parque aos fins de semana e os filhos acabaram se interessando em ficar no Bebelê. Isso mostra um potencial a ser explorado na atração dessas pessoas de regiões distantes para as atividades de final de semana, não apenas no parque, mas também dentro da biblioteca.

Nas ações realizadas no parque, havia perfis mais heterogêneos de participantes em relação não apenas a gênero, mas também classe social, região da cidade onde mora e o que motiva a estar na atividade. Parece mais fácil atrair públicos de perfis mais variados aí, o que é natural, já que a ação está em contato direto com um tipo de espaço público (o parque) que parece ser compreendido como “aberto” com mais facilidade do que a biblioteca.

Satisfação dos participantes em relação à atividade

De modo geral, para quem participa, há um sentimento de satisfação em relação à atividade, seu preparo e ambiente. O fato do ambiente ser acolhedor, especialmente preparado para a atividade, foi algo comentado por todos. Os PVC, pufes, almofadas, livros espalhados no chão, bichos de pelúcia e fantoches para pegar, ver e brincar à vontade, são muito apreciados. Essa organização espacial, somada à atitude dos atendentes de deixar todos muito à vontade, parecem ser os grandes responsáveis pelo envolvimento de pais e crianças com a atividade. O fato de que não era a primeira vez que cerca de um terço dos entrevistados estava indo ao Bebelê, também evidencia satisfação.

Nas observações, os comentários e interferências mais interessantes dos mediadores vinham a partir da interação com aquilo que naturalmente estava acontecendo entre livros e crianças. As crianças pegavam livros, cada uma olhava um, faziam perguntas para seus pais ou para os mediadores, mostravam algo para outras crianças. Às vezes, pequenas rodas se formavam em volta de um determinado livro que interessara a todos, e alguns dos mediadores procuravam dialogar com essa situação, apoiando as crianças em suas descobertas, conversando com elas e mediando conversas entre elas.

Muitos pais comentaram que gostaram especialmente desta interação mais livre das crianças com os livros, das crianças-livros-atendentes, das crianças-livros-crianças e das crianças-livros-pais.

Se o objetivo do Programa é proporcionar aos pais/mães ou cuidadores de modo geral, exemplos de habilidades que colaboram para uma relação prazerosa entre crianças e livros, a estratégia de não privilegiar ou adultos ou crianças, mas de colocar a relação entre pais/mães/cuidadores e crianças como central, parece ser, de fato, a mais adequada.

Proporcionar a interação direta entre pessoas e livros, subvertendo a tradição do que geralmente significa uma biblioteca no imaginário das pessoas (de que ela serve para



proteger os livros e não para facilitar a leitura), nos pareceu um princípio metodológico muito importante desta ação.

A maioria dos mediadores interagem com as situações de modo a potencializar o que está ocorrendo, algo apreciado por todos. Porém, o momento da leitura do livro em voz alta não agradou tanto assim. Alguns pais explicitaram essa sensação: “A mediação de leitura em si feita pelos atendentes não foi tão atraente”, como comentou um casal que parecia ter mais intimidade com a questão da leitura.

Uma mãe que estava indo pela primeira vez especialmente para a atividade, também disse: “Gostei da atividade, principalmente dessa liberdade das crianças poderem interagir com os livros, mas a leitura em si não envolveu tanto as crianças”.

Cabe aqui refletir porque o princípio do Programa de proporcionar ambientes de liberdade que potencializem boas interações entre crianças-livros, crianças-livros-pais/mães/cuidadores, não continua se manifestando no momento da leitura dos livros em voz alta. Parece que neste momento, toda a escuta que os mediadores têm, em geral, aos participantes e situações, se perde na suposta necessidade de “cumprir bem uma tarefa”, no caso, ler um livro do começo ao fim para crianças e seus cuidadores. Uma questão que se coloca então é de quais são as habilidades que precisam ser desenvolvidas pelos mediadores, para que sua escuta da situação continue presente mesmo neste momento.

Os acervos escolhidos aparentemente privilegiam histórias de bichos e livros-brinquedo e são focados para crianças pequenas. Apesar de ser um aspecto apreciado por alguns pais, outros disseram que poderia ter mais variedade de livros.

É interessante atentar para pontos envolvidos nesta observação de alguns pais. Por exemplo, na possibilidade de haver livros que sejam para pequenos, mas interessem também aos irmãos mais velhos, que muitas vezes acompanham os mais novos no momento do Bebelê.

Além disso, na escolha do acervo feita por cada mediador, nos parece importante que este se sinta à vontade e confiante com cada livro escolhido. Que leia antes cada livro que escolhe, se familiarize com ele, com o tema abordado, etc. Neste sentido, ocorreu uma situação que nos chamou atenção, quando uma mediadora ficou desconfortável quando uma criança escolheu um livro sobre cocô e pediu a ela que o lesse. Aqui está envolvido tanto o preparo anterior, como já dito, ou seja, conhecer e se sentir à vontade com cada livro escolhido para o acervo da atividade; como também uma abertura do mediador/a para ampliar seu próprio repertório, algo que faz parte de um processo de aprendizagem e pode ser conquistado através de conversas com outros mediadores, líderes da equipe, etc. Existe muita literatura de qualidade para crianças muito pequenas. Importante que os mediadores/as possam conhecê-la, ver o que dela está disponível na BSP/BVL e estudá-la.

Todos gostam e comentam do kit: o principal fator de satisfação com o kit é que este pode ser levado para casa. Além de ter livros e brinquedos que podem ser utilizados no ambiente familiar, alguns pais e mães disseram que este começa a criar uma relação de vínculo com o espaço da Biblioteca, de compreensão do que significa



emprestar e devolver livros e objetos.

Divulgação

Em geral, as pessoas tomam conhecimento da atividade através de uma soma de estratégias: noticiários de televisão, notícias e comentários nas redes sociais e internet, boca a boca e passando pelo parque. Sobre este último aspecto de conhecimento da atividade, alguns comentaram que viram o banner e se interessaram pela atividade, voltando especialmente para ela. Outros a viram acontecendo no parque e decidiram ficar. O mesmo ocorre quando a atividade é dentro da Biblioteca: alguns tomam conhecimento da Biblioteca ao frequentar o parque, entram por curiosidade e acabam conhecendo também a atividade.

Os entrevistados conhecem a atividade de modos diversos, também de acordo com o lugar - se é fora ou dentro da biblioteca. Na BSP do lado de fora, 2 das 4 pessoas entrevistadas estavam no parque e foram atraídas porque os seus filhos quiseram ficar e acabaram gostando. Esses entrevistados, que disseram ser frequentadores assíduos do parque aos finais de semana, se mostraram satisfeitos de conhecerem o BebeLê, porque assim podem vir ao parque domingo também contando com essa atividade. Esse parece ser um tipo de público a ser explorado nas ações de comunicação. Uma das pessoas disse que sempre vem andar de bicicleta durante a semana no parque e, ao ver o banner, ficou com isso na cabeça e voltou especialmente para a atividade num domingo. A quarta pessoa disse que prestou um serviço para a BSP, conheceu a atividade e passou a frequentá-la, tanto dentro, quanto fora do parque - esta já era a quinta vez que estava vindo com sua filha pequena.

104

Na BSP e na BVL do lado de dentro, as pessoas declararam ter vindo para a biblioteca e conhecido a atividade ou terem vindo diretamente para a atividade.

Principalmente na BVL, muitas das pessoas disseram ter visto na internet ou na televisão notícias sobre a biblioteca e, pesquisando mais sobre ela, tomaram conhecimento do BebeLê em particular, se interessando em trazer seus filhos pequenos. Isso mostra que as diversas formas de comunicação têm sua eficiência para que as pessoas entendam que a biblioteca é dos bebês e crianças também, e a importância de começar a ler desde cedo.

Motivações e frequência na atividade

Na atividade realizada fora da biblioteca, há mais frequência de pessoas que, no entanto, vão à atividade de forma menos regular. Dentro, a atividade parece atrair menos pessoas que, porém, acabam por criar uma relação mais regular. Quem estabelece uma rotina - geralmente semanal ou quinzenal - parece ser quem veio de modo mais intencional seja para a biblioteca, seja para esta atividade específica. Mas, ambos os casos - tanto de quem já veio desde a primeira vez intencionalmente, quanto de pessoas que conheceram por acaso e acabaram gostando e vindo novamente -, parecem estar relacionados ao perfil socioeconômico das pessoas: pessoas que tiveram ou tem mais acesso aos estudos, parecem ser as que estabelecem uma rotina mais regular.

Imagem de Biblioteca



A atividade, quando é realizada fora da BSP, cria uma relação bem orgânica com o parque ao redor, com o que está ocorrendo em um dia de descanso, domingo: pessoas brincando, famílias interagindo, adultos conversando, amigos andando de bicicleta. Ela parece totalmente integrada a esta paisagem. As pessoas passam, observam, ficam, vão embora, outras ficam do começo ao fim. É uma atividade totalmente permeável. Por outro lado, levar um bebê, uma criança pequena, e mesmo uma criança maior na biblioteca como uma forma de diversão é algo considerado “inusitado” pela maioria dos entrevistados. Os depoimentos abaixo mostram esse aspecto:

“Eu pensava que a biblioteca era mais para gente grande. Ai, meu marido disse daqui. Achava que seria chato. Que a criança ia ficar gritando e todo mundo ia repreender. Agora vejo que a ideia é de ser mais à vontade”.

“Eu vim na BVL porque vi em algum lugar sobre ela, não lembro se foi na TV ou na internet. Mesmo tendo visto que havia atividades para crianças, quando estava entrando falei para o meu filho de 4 anos que ele teria que ficar quieto, que não podia correr, essas coisas. Mas, quando entrei e vi esse espaço e que tanto ele como nós, adultos, podíamos ficar à vontade, fiquei feliz”.

Motivações

Nota-se, por exemplo, que sempre há muitas crianças, de diversas idades, nos computadores, jogando, mesmo enquanto há uma atividade como o BebeLê acontecendo. Isso levanta a questão “Será que os jogos e computadores podem estar competindo com a atividade de leitura?”. Por outro lado, tanto os jogos quanto os computadores são atrativos que trazem crianças e jovens para a biblioteca e que podem funcionar como salto para uma atividade relacionada com leitura. A relação da leitura com as atividades no computador são um aspecto que realmente merece atenção, no sentido de distinguir o que pode ser considerado uma atividade que incentiva o desenvolvimento de capacidades críticas de leitura de maneira ampla, e o que não necessariamente o faz.

Na atividade que ocorreu na BSP, dentro da biblioteca, na hora em que muitas crianças começaram a chegar - pois antes havia apenas 3 crianças e 2 mães -, a atividade acabou. Elas queriam brincar, pular pelos pufes, se divertir, porém o rapaz da produção pediu para saírem de cima do “tablado”, sem oferecer outra alternativa. Uma pergunta que fica é como envolver mais essas crianças, como lidar com essas estripulias, usando-as para atraí-las para a atividade?

Também havia algumas crianças lendo sozinhas, com seus pais por perto - estes, por sua vez, às vezes lendo outros livros, às vezes dormindo. Talvez aqui haja uma questão de não incentivo do adulto com o qual essa criança tem mais vínculo para estarem na atividade. Quando há esse incentivo, por outro lado, a motivação para estar na atividade é quase sempre certa.

Impacto de aprendizagem no público ou em seus hábitos leitores

Uma das mães comentou que o filho não gostava de livro e que “Depois [da atividade], ele começou a gostar, levar livros para casa. Quer pegar papel para ler na rua. Vê um papel, quer ler”. Aqui, percebemos que a atividade cumpriu o seu papel, que é o de



criar um ambiente leitor para que, a partir dele, as crianças iniciem um processo de gosto pela leitura. A atividade, por sua vez, apesar de provavelmente facilitar a abertura do caminho para o letramento e a alfabetização, não tem essa como finalidade principal.

Além deste, outro aprendizado notado é dos adultos, quando dizem que a sua imagem de biblioteca mudou totalmente quando entenderam que as crianças também podem e devem frequentá-la. Apesar de um imaginário social arraigado em relação ao que é ou pode ser uma Biblioteca, como vimos, a maioria dos entrevistados disseram que a imagem de biblioteca mudou depois que viram seus filhos interagindo com os mediadores, livros e outras crianças dentro de uma biblioteca!

Algumas reflexões finais

O BebeLê é um programa que visa o estímulo à leitura pela via da construção de oportunidades em que adultos e crianças interagem entre si e com a leitura, de forma a que o adulto seja um potencial “agente promotor da leitura” para aquela criança em outras situações além daquela - em casa, por exemplo. São oferecidos diversos “exemplos” do que pode ajudar: a construção de um ambiente acolhedor, a interação espontânea e prazerosa entre livro-criança-adulto, a leitura de um livro agradável, etc. Nesse sentido, as estratégias mostram estar sendo efetivas ao gerarem oportunidades agradáveis de interação.

Na reflexão sobre estas informações também emerge a importância de que o BebeLê se pense como um programa que olha para um “sujeito” que é a unidade criança pequena - acompanhante. A consequência dessa compreensão traz, para nós, a clareza de que quem deve ser observado, não é a criança pequena isolada, ou o acompanhante isolado, mas a relação que acontece entre criança-acompanhante e os aspectos do programa, como o livro, a história, o ambiente, o mediador, etc.

Observando as informações apresentadas aqui, chama a atenção que muitas vezes um desses “outros” que acompanham a criança pequena pode não ser um adulto, mas sim uma outra criança mais velha e que esta pode também ser percebida como um possível “agente promotor da leitura” para a menor. Nesse sentido, há de se observarem as atuais estratégias do programa e como ajudam ou não o estabelecimento da relação entre duas crianças - uma mais nova e outra mais velha - e a leitura. Nesse sentido, alguns entrevistados apontam para a possibilidade de se ampliar o “espectro” de livros do acervo utilizado - sem descaracterizá-lo.

A adesão dos acompanhantes é um elemento central na motivação para que a “dupla” vá a atividade. Essa constatação ganha complexidade quando vemos a imagem que a maioria tem sobre biblioteca: em síntese, “biblioteca não é lugar pra criança se divertir”. Possivelmente trabalhar com os adultos a mudança dessa imagem a partir de diversas oportunidades (desde comunicação ampla, passando por ações nos parques e comunidades do entorno ou mesmo nas bibliotecas, etc.) possa ampliar as possibilidades de que tragam as crianças para a atividade.



Anexo 3: Dados detalhados dos participantes, por autor e cidade

Escritor(a), Município	Li livros do (a) autor (a) para me preparar para a atividade	Você gostou do bate-papo com o(a) escritor(a)	A forma como o(a) escritor(a) falou de seu trabalho foi interessante	Você gostaria de participar mais vezes desta programação	Fiquei com vontade de ler mais	Fiquei com vontade de levar livros emprestados da biblioteca	Fiquei com vontade de voltar à biblioteca	Você gostaria de participar mais vezes desta programação	M
Carolina Munhoz	2,0	3,0	2,9	2,9	2,6	2,6	2,8	2,9	
Flávia Muniz	2,2	2,9	2,9	2,9	2,6	2,8	2,7	2,9	
Ignácio de Loyola Brandão	2,0	2,9	3,0	2,9	2,7	2,7	2,8	2,9	
Média geral autores conhecidos	2,1	2,9	2,9	2,9	2,6	2,7	2,8	2,9	
Ferréz	2,1	3,0	3,0	3,0	2,7	2,6	2,8	3,0	
José Carlos Aragão	2,8	2,9	2,9	2,8	2,9	2,8	2,8	2,8	
Rubens Figueiredo	1,9	2,6	2,7	2,7	2,3	2,3	2,7	2,7	
Média geral autores menos conhecidos	2,3	2,8	2,9	2,8	2,6	2,6	2,7	2,8	
Carolina Munhoz, Ferraz de Vasconcelos	1,8	3,0	2,9	2,9	2,5	2,8	2,8	2,9	2,7
Carolina Munhoz, Arujá	1,8	3,0	2,9	3,0	2,3	2,6	2,8	3,0	2,7
Carolina Munhoz, Suzano	2,2	3,0	3,0	3,0	2,9	2,8	2,9	3,0	2,9
Carolina Munhoz, Guararema	2,0	2,9	2,9	2,8	2,7	2,6	2,9	2,8	2,7
Carolina Munhoz, Mauá	2,0	3,0	3,0	2,9	2,6	2,4	2,7	2,9	2,7
Ferréz, Araçatuba	1,8	3,0	3,0	3,0	2,6	2,6	2,9	3,0	2,7
Ferréz, Três Fronteiras	2,4	3,0	3,0	2,9	2,7	2,2	2,7	2,9	2,7
Ferréz, Birigui	1,3	2,8	2,9	2,9	2,6	2,6	2,6	2,9	2,6
Ferréz, Buritama	2,8	3,0	3,0	3,0	2,9	2,8	2,9	3,0	2,9
Flávia Muniz, Cananéia	2,1	2,8	2,8	2,8	2,5	2,8	2,6	2,8	2,7
Flávia Muniz, Ilha Comprida	2,3	3,0	2,9	2,8	2,5	2,5	2,7	2,8	2,7
Flávia Muniz, Itanhaém	2,5	3,0	2,9	3,0	2,8	2,9	2,8	3,0	2,9
Flávia Muniz, Registro	2,0	2,8	2,8	2,8	2,6	2,8	2,7	2,8	2,7
Ignácio de Loyola Brandão, Cananéia	1,9	3,0	3,0	2,9	2,7	2,8	2,9	2,9	2,8
Ignácio de Loyola Brandão, Ilha Comprida	2,0	2,9	3,0	2,9	2,6	2,7	2,7	2,9	2,7
Ignácio de Loyola Brandão, Itanhaém	2,3	2,7	2,8	2,9	2,6	2,6	2,7	2,9	2,7
Ignácio de Loyola Brandão, Registro	1,8	3,0	3,0	3,0	2,8	2,8	2,9	3,0	2,8
José Carlos Aragão, Araçatuba	2,8	2,8	2,9	2,8	2,9	2,8	2,3	2,8	2,8
José Carlos Aragão, Três Fronteiras	2,9	2,9	2,8	2,9	2,8	2,8	3,0	2,9	2,9
José Carlos Aragão, Birigui	2,6	3,0	3,0	2,9	2,9	2,9	3,0	2,9	2,9
José Carlos Aragão, Buritama	2,9	2,9	3,0	2,7	2,8	2,8	2,8	2,7	2,8
Rubens Figueiredo, Ferraz de Vasconcelos	2,2	3,0	2,9	2,9	2,6	2,6	2,9	2,9	2,8
Rubens Figueiredo, Arujá	1,6	2,4	2,3	2,3	1,9	2,1	2,4	2,3	2,2
Rubens Figueiredo, Suzano	1,5	2,3	2,6	2,6	2	2	2,4	2,6	2,3
Rubens Figueiredo, Guararema	1,8	2,6	2,9	2,9	2,6	2,5	3	2,9	2,7
Rubens Figueiredo, Mauá	2,4	2,7	2,8	2,7	2,6	2,5	2,7	2,7	2,6
Média geral	2,2	2,9	2,9	2,9	2,6	2,6	2,8	2,9	2,7



Anexo 4: Estudo sobre “A Biblioteca e a Comunidade”

Introdução

No segundo estudo qualitativo, que foi apenas iniciado este ano, nos baseamos numa percepção da equipe de que os públicos mais cotidianos na BSP, geralmente mais vulneráveis (albergados, população de rua, crianças e jovens em situações precárias, comunidade Zaki Narch etc.), não usufruem da biblioteca ou, quando o fazem, estabelecem um contato pouco aprofundado com serviços, programas e projetos oferecidos, ficando principalmente na Internet ou apenas dormindo. Além disso, as pesquisas mostram que ainda uma porcentagem baixa do público que frequenta a BSP participa da Programação Cultural. Portanto, é necessário indagar: *Por que isso ocorre? Por que será que alguns públicos diretamente não vêm à biblioteca ou, quando vêm, não participam de outras formas de vínculo com esse espaço, que não a do acesso a ele em um sentido mais literal - estando ali, usando os computadores, folheando jornais e revistas? O que faz com que um aprofundamento da presença não seja conquistado?*

A equipe entende este “aprofundamento da presença” como a possibilidade de que os públicos criem uma “relação mais transversal com o que ocorre nas bibliotecas”, isso significando que possam migrar de atividades, vamos dizer, que pedem menos engajamento, ou menos foco, ou menos esforço no sentido de envolver um desejo planejado de estar ali, para atividades nas quais esses processos estejam presentes.

Isso quando as pessoas chegam à biblioteca. *Mas e quando nem chegam? Será que a imagem que elas têm de biblioteca as desmobilizam para estarem ali? Será que elas sabem que a biblioteca é feita para elas? Que conhecem os produtos e serviços oferecidos? E a programação cultural, elas conhecem e não se interessam ou nem conhecem? Que tipos de ação poderiam atraí-las para o espaço?*

Por outro lado, segundo a própria equipe, há casos de pessoas que realizaram trajetórias próprias e interessantes dentro da BSP, se engajando em leituras e em alguns programas específicos, se tornando leitores mais assíduos, por exemplo, ou voltando a escrever depois de muito tempo. Trajetórias difíceis de serem identificadas, já que fazem parte de um processo de autoformação, autônomo e não linear, o que é comum em espaços como esse, que se configuram como centros culturais e não como escolas. Há também os casos de pessoas que, apesar de ter trajetórias processuais dentro da biblioteca, fizeram percursos difíceis, cheios de conflitos, de entradas e saídas, o que torna necessário também entender: *porque alguém que por um momento esteve na biblioteca de uma forma interessante, pode ter se desinteressado por ele?*

Compreende-se que há ou podem haver ações, atividades, posturas e serviços que sejam mais efetivos para atrair aqueles que não vêm à biblioteca e/ou para gerar uma



fidelização do público de modo que este estabeleça uma relação mais aprofundada com o espaço e seus usos.

A partir desse contexto, algumas perguntas tornam-se pertinentes:

- Por que muitas pessoas das comunidades do entorno não chegam na BSP?
- Por que muitas pessoas das comunidades do entorno que chegam à biblioteca, não estabelecem uma relação mais aprofundada com as atividades e serviços oferecidos?
- Qual a trajetória dos públicos das comunidades do entorno que conseguem estabelecer uma relação mais interessante e aprofundada com a biblioteca?
- Qual a trajetória de públicos das comunidades do entorno que têm uma trajetória na biblioteca, porém conturbada?
- Quais os Programas que atraem mais públicos e que conseguem maior fidelização e, por isso, estratégicos, segundo a visão da equipe?
- Que tipos de serviços e programas os públicos, especialmente das comunidades do entorno, esperam das bibliotecas?

Entrevista com a equipe

Em dezembro de 2015, duas conversas foram realizadas entre o Instituto Fonte e dez pessoas da equipe da BSP, nas quais tentamos traçar algumas hipóteses a respeito da dificuldade da biblioteca em atrair a comunidade do entorno dela de forma mais efetiva. Definimos que “a comunidade” da qual falamos é composta por: moradores, especialmente famílias, do conjunto habitacional Zachi Narchi, que fica bem próxima à BSP; albergados, que compõem um público importante da biblioteca, já que no entorno há diversos albergues; e população de rua.

Achados

Adequação das estratégias

Um coordenador de atendimento disse que já existem atividades específicas para jovens e crianças, mas que para estes públicos acima mencionados, o **desenvolvimento de atividades específicas ainda precisa ser aprofundado.**

Para uma das assistentes sociais presente na conversa, é a realidade das pessoas o que as afasta da biblioteca, já que geralmente têm formação precária e pouco acesso à informação, vindo à BSP principalmente motivadas pela necessidade de utilizar os computadores, nem percebendo outras possibilidades de uso do espaço.



“Acontece muito de vir uma mãe com crianças e esta subir para os computadores e deixar as crianças no piso infantil. O jovem vem também com esse mesmo objetivo. Acho que é por conta do contexto social dessa família que faz com ela não se aprofunde em tudo o que a biblioteca pode oferecer”.

Um líder de atendimento que é morador da Zachi Narchi, disse que existe nas pessoas da comunidade uma percepção difundida de que a biblioteca não é propícia para elas, pois seria para “pessoas cultas”, apesar de, segundo ele, isso estar mudando aos poucos. A outra assistente social presente comentou que a distância entre o espaço da biblioteca e a realidade das pessoas pode fazer com que sintam medo de serem discriminadas neste espaço e, por isso, se afastem da biblioteca. Segundo um dos líderes de atendimento, que é morador da Zachi Narchi:

“Isso quebrou já um pouco, até por conta dos trabalhos que a gente faz com a comunidade, levando a biblioteca para fora, mostrando que é um espaço público, que todos serão bem vindos, que têm atividades que podem enriquecer, com conhecimento, as suas vidas. O próprio Bebelê, a gente fala muito dele para as meninas da comunidade que têm filhos, mostra como é, para que serve, diz que elas podem ler para seus filhos. Temos um programa chamado Dia Z que é voltado para as crianças da Zachi Narchi, quando tentamos levar para a comunidade o que fazemos aqui, para mostrar que na biblioteca tem muitas coisas legais além do computador. Eu acho que pras crianças está legal, evoluindo, mas os adultos são ainda muito rústicos, resistentes, se privam desse espaço por achar que não é para eles”.

3

Um outro líder de atendimento atentou para o fato de que culturalmente a biblioteca ainda não é vista como um lugar de lazer.

“As pessoas ainda acham que a biblioteca é um lugar só de leitura, que chegarão lá e terão que ficar quietas, não vão poder falar e se expressar. Eu venho da periferia, e tive a sorte de ter muito estímulo dos meus pais, mas vejo aqui que várias pessoas da comunidade não têm esse estímulo das famílias, então acabam não conseguindo interagir com o lugar, apesar do lugar ser delas também, porque é um espaço público. Mas elas não conseguem entender uma regra, não sabem o que pode fazer aqui e o que não, e isso pode gerar medo e vergonha. Por isso, ainda sinto falta da biblioteca fazer mais coisas para fora, de dentro para fora, não só esporadicamente. Sinto falta de que a biblioteca se faça presente fora da biblioteca”.

Segundo um outro líder de atendimento, as pessoas não sabem que têm direito à este espaço e por isso não o frequentam. Para ele, o bairro onde está localizada a biblioteca é marginalizado por conta da sua história, por ter havido ali uma penitenciária. Sendo assim, os moradores da Zachi Narchi sentem-se subjugados.

“As pessoas entenderam que não podem, nos anos anteriores à biblioteca. E agora estamos tentando falar que sim, elas podem, mas isso é um processo, é algo que ainda leva um tempo. Mas precisamos olhar para isso e tentar acolher. Olhando para



o atendimento, o que estamos fazendo é tentar que o atendente seja a conexão com a biblioteca, não só da pessoa que está marginalizada, mas das famílias, dos estudantes. As pessoas de classe média que moram no entorno e entendem que a leitura é importante, frequentam a biblioteca, vêm na atividade A Hora do Conto. Mas olhando para a comunidade, eles em geral ainda não compreendem a importância do Bebelê para a vida deles, não sabem que têm o direito de trazer os filhos deles para aprender. Aí entra o atendente para fazer a conexão na hora em que eles estiverem aqui.”

Conversamos também sobre que tipos de perfis os funcionários acham que conseguem ter um trajeto de aprofundamento com os Programas da biblioteca e quais acabam tendo trajetórias mais conturbadas. O que foi dito é que, normalmente, pessoas que já vêm com um histórico familiar de contato com leitura, com arte, que já frequentam Sesc, Museu, Saraus acabam tendo um olhar mais apurado para o que ocorre no espaço e suas possibilidades, em relação àqueles que vêm somente para enviar um currículo, mandar uma mensagem.

De acordo com eles, as pessoas que não têm ou tiveram na vida oportunidades de contato com a cultura e a leitura, têm mais dificuldade de se relacionar com o ambiente da biblioteca.

Um dos líderes de atendimento, diante disso, coloca que a função do atendimento deve ser a de “apresentar, mostrar, explicar, mediar o espaço, o que é, o que tem aqui, os serviços e atividades e como isso pode ser prazeroso”.

4

Segundo ele, a biblioteca já tem esse tipo de visita para algumas categorias de público, mas não para todas.

“Ainda não temos esse tipo de visita e acolhimento com a comunidade, e essa ideia surgiu esses dias de trazer pais e mães da comunidade para mostrar a biblioteca, isso ainda falta. A gente sente falta de mães e acompanhantes aqui com as crianças e adolescentes.”

Ao longo da conversa, foi ficando claro que a equipe da BSP sente falta de conseguir criar vínculo com as famílias da comunidade, que ainda nem estão chegando na Biblioteca.

Este mesmo líder de atendimento comentou que além do Dia Z, uma outra ação que é feita por ele e outros atendentes, são convites direcionados para pessoas específicas da comunidade visitarem a biblioteca. O exemplo abaixo é paradigmático no sentido de evidenciar o potencial de algumas estratégias como o convite direcionado a partir de um contato prévio com algum membro da comunidade, a indicação de livros ou mesmo de serviços que “falem” da realidade específica vivida pela comunidade (que não precisa ser vista só como a de violência etc., mas que deve ser pesquisada - que realidade é essa e o que pode dialogar com ela?)



“Outro dia convidamos um amigo nosso, o Roberto, ele tem trinta e poucos anos, mas nunca tinha entrado em uma biblioteca, eu e outro rapaz que trabalha aqui convidamos e ele se interessou em fazer a carteirinha. Ele então disse que queria ler um livro, mas que a sua realidade é muito diferente das outras pessoas e queria ler um livro que falasse de situação de rua e tal. Eu então indiquei algumas leituras que tinham a ver com isso, o rapaz levou um livro para casa e depois me surpreendeu porque voltou com toda a família para todos fazerem a carteirinha e desfrutarem do espaço. Aí a gente foi mediando, mediando. Quando ele vai falar de biblioteca, ele sempre cita que nunca tinha lido um livro na vida.”

Discutimos um pouco sobre a importância desse “convidar” as pessoas da comunidade do entorno para virem à biblioteca, criando formas de acolhe-las em suas necessidades específicas e criando, com isso, como aconteceu com Roberto, “processos de mediação” para pessoas e famílias.

“Eu vivi muito isso nessa comunidade, eu moro aí há 32 anos... quantas vezes eu já senti vergonha de ler, por conta da vergonha de não conseguir interpretar um texto, de gaguejar, vendo pessoas mais novas que eu lendo melhor que eu. Eu comecei a ler livros quando entrei aqui. Por isso, todos os livros que indiquei aqui, indiquei baseado na pessoa que estava pedindo indicação”.

Para outro funcionário, a biblioteca poderia criar meios de ouvir mais as pessoas da comunidade, albergados, população de rua, para saber o que eles querem. Diversos funcionários comentaram que fazem o acolhimento dos jovens que estão em semiliberdade, mostrando tudo o que biblioteca tem, como podem aproveitá-la, etc. E que isso tem dado muito certo, já que cria um vínculo deles com a equipe e com a biblioteca, melhorando o seu comportamento agressivo.

“Agora que eles sabem quem somos e nós sabemos quem eles são, mudou tudo, somos pessoas, eles também”.

Segundo eles, com os albergados tem sido mais difícil de fazer isso, porque os próprios profissionais que trabalham com eles não têm muito interesse.

“O que percebemos do público de albergue é que eles já se colocam à margem de tudo a priori. Já conseguimos mostrar regras, mas não conseguimos dar o pulo do gato, para que eles se aproximem mais e se interessem pelo que oferecemos”.

Fica claro que o acolhimento é entendido pelos profissionais da biblioteca como uma importante etapa do processo de aproximação com a biblioteca. De acordo com um dos líderes:

“Antes de se interessar pelos livros, as pessoas têm que se sentir bem, têm que entender o que podem fazer aqui”.



Divulgação

Segundo uma das assistentes sociais, até que existem algumas atividades para esses públicos, apesar de ser necessário um aprofundamento da equipe em relação a elas, mas talvez falte, além do acolhimento, uma divulgação voltada para essas pessoas e públicos. Um **Projeto de Acolhimento a esse público será testado ainda no primeiro trimestre de 2016**. Um outro atendente também comentou sobre a divulgação, dizendo que já conversou com muitas pessoas do entorno que ainda não sabiam que a BSP é uma biblioteca. Para diversos funcionários, a divulgação do espaço poderia ser mais precisa, por exemplo, na forma de mediações de leitura em locais específicos, mostrando que o espaço é público e que todos têm direito a ele, ensinando a chegar na biblioteca, pois segundo eles, quando visitam instituições que poderiam ser parceiras da BSP, muitas vezes os gestores nem sabem direito onde a biblioteca fica.

Além de divulgar a biblioteca e “ensinar o caminho”, este tipo de divulgação, na qual são as atividades que “chamam as pessoas”, mostra, de uma só vez, que a biblioteca existe, o que pode ser usufruído nela e cria oportunidades de conversar sobre leitura e literatura com as pessoas, aproximando-as e ajudando a quebrar mitos que distanciam.

“No Dia Z, uma moça da comunidade perguntou o que é uma mediação de leitura. Eu expliquei para ela e ela disse: mas porque eu vou contar história pro meu filho de 6 meses se ele não entende nada? Então, essa é uma construção longa.”

Atividades

Segundo um dos líderes de atendimento, o seu sonho é encontrar atividades que conectem todo mundo, como, por exemplo A Hora do Conto que é *“como um teatro de rua. Vejo a biblioteca muito como uma praça pública, porque ela pode juntar todo mundo, se conseguíssemos fazer isso com várias atividades, seria legal.”*

Por outro lado, segundo este mesmo líder, há várias atividades na BSP que pegam nichos específicos, como o Luau, que atende especificamente os jovens da ETEC, pois foi feito em um horário em que esses jovens já estão na biblioteca.

“Os jovens vinham para cá sempre na hora do almoço e bagunçavam muito e a gente parecia inspetor de aluno, até que um dia começamos a reuni-los na tenda, com uns pufes, eles vinham com um violão, dávamos um microfone, um atendente ficava como mediador e deu muito certo”.

Na atividade observada pela equipe de avaliação, chamada Incentivo à Leitura, que ocorre no piso adulto e é realizada pela equipe da Ação Educativa, o mesmo tipo de estratégia é utilizada, pois aproveita-se que as pessoas já estão lá, esperando para



utilizar o computador - ou seja, fazendo alguma coisa que fariam de qualquer forma -, criando uma estrutura para atendê-las, de modo que elas façam algo mais interessante do que a princípio fariam naquele momento, naquele lugar. Os estudantes que iam na biblioteca bagunçar na hora do almoço, de repente veem uma estrutura que lhes interessa e começam a declamar poesia, tocar música, conversar através dessa estrutura; a população de rua e de albergues que está esperando para usar o computador e normalmente ficaria dormindo, ou passiva, é colocada para conversar e interagir sobre assuntos do cotidiano, da sua vida, etc.

Conversamos que é dessa forma que vai sendo criada uma relação de confiança com essas pessoas, para que outros passos possam ser dados. Segundo um dos líderes do atendimento:

“A chave está aí, existem atividades para cada grupo, para cada tipo de comunidade. As mães que estão na comunidade, se tivessem atividades de beleza, saúde, gastronomia, ou outras que interessassem a elas, talvez a gente conseguisse pescá-las.”

A equipe de avaliação perguntou então para a equipe da biblioteca porque achavam que o Bebelê não está funcionando como um atrativo deste tipo para as famílias da comunidade. Eles responderam que isso talvez ocorra porque é para um grupo social que já entende a leitura de uma forma mais apurada. Segundo eles, muitas mães da comunidade ainda não entendem a leitura como forma de relação, como algo importante, porque não têm essa referência. Assim, seria necessário ter uma atividade anterior ao Bebelê para que essas mães e pais pudessem chegar aos poucos, ir entendendo a importância da leitura, se sentindo à vontade e confiantes neste ambiente.

Observação da Ação Educativa - atividade Incentivo à Leitura

A atividade Incentivo à Leitura acontece no Piso Adulto e é feita por três atendentes da BSP, como parte da Ação Educativa da biblioteca. Ela acontece na “sala de espera” para uso dos computadores e funciona como um disparador para que homens e mulheres conversem entre si e com a equipe. No dia em que a equipe de avaliação observou a atividade, havia principalmente homens. Os atendentes colocaram várias imagens de acontecimentos marcantes de 2015 no centro da roda e pediram para cada um falar um pouco o que marcou no ano para ele. A rodada foi sendo feita, e se comentou sobre política, sobre as dificuldades da vida de cada um, alguns expunham fatos específicos de suas vidas, outros falavam de um modo mais genérico sobre o Brasil e o mundo.

Em uma segunda rodada, as pessoas eram então convidadas a falarem sobre um fato marcante de suas vidas pessoais. Os atendentes iam escutando e mediando a conversa, perguntando coisas específicas para as pessoas conforme elas falavam.



De modo geral, esta pareceu uma atividade muito simples, de aproveitar um momento oportunamente para aprofundar a relação das pessoas com o espaço, especialmente colaborando para criarem um vínculo de maior confiança com os atendentes da biblioteca. Também é marcante o fato de que pessoas em situações precárias, as quais normalmente vemos com “caras e posturas tristes”, de repente se expõem, mostram que são articuladas, inteligentes, e muitas delas bem informadas; que têm opiniões sobre as coisas, etc. É uma oportunidade de saírem do estereótipo que o mundo lhes deu de “população de rua” ou “albergado”, podendo ser simplesmente “pessoas”. A atividade funciona como um acolhimento a essa população, uma forma de conexão, de conhecer, se relacionar ela.

De acordo com uma das assistentes sociais,

“Nas vezes em que estive nessa atividade, percebi que tem pessoas que já entraram num ritmo, até fidelizando sua participação. Em outra atividade que acontece na BSP, chamada Leitura do Cotidiano, em que são pessoas de fora que ministram, esses facilitadores trazem textos muito densos, leem esse texto com o público e começam um bate papo sobre ele, mas vemos que as pessoas que queríamos que fossem um público fiel dessa atividade não vêm porque os textos são difíceis. Hoje, quem acaba indo são pessoas de mais idade, que já têm uma certa cultura de ler jornal, ler revista, ler livros...”

8

Quando perguntei para os profissionais da biblioteca por que da atividade observada chamar Incentivo à Leitura, pois não vi leituras sendo feitas, um dos líderes de atendimento me respondeu que isso tem a ver com a leitura do cotidiano, da vida dessas pessoas, do contexto do país e do mundo, etc. Que, assim, é um incentivo também

“ao conhecimento, à formação, à informação, porque tem a ver com entender o que chega e se expressar a partir disso”.

A observação desta atividade, em certa medida, respondeu a algumas indagações que foram feitas na conversa entre a equipe de avaliação e da BSP, pois aponta caminhos para “fisgar públicos específicos”, contribuindo para o primeiro momento de contato com a biblioteca, que deve ser, segundo a própria equipe, de acolhimento, de romper com o imaginário de que a biblioteca não é feita para as pessoas pobres ou que se encontram em situações marginalizadas, mas para pessoas “intelectualizadas”, etc. Ela é claramente uma atividade que aproveita situações que já estão acontecendo para aprofundar a relação de certos públicos com o espaço.

Algumas conclusões

Fica claro na fala das assistentes sociais, dos atendentes, líderes e coordenadores de



atendimento, que existe um imaginário a respeito da biblioteca que afasta as pessoas do espaço. Que imagens o compõem?

- A biblioteca é vista como um lugar sagrado, portanto, não uma extensão do cotidiano, mas um “corte” em relação a ele;
- A biblioteca é ainda vista por muitos como um espaço “para poucos”: aqueles que já sabem ler, que tem estudos, que são de uma classe social mais elevada, que têm uma determinada idade, etc. A questão racial também está certamente por trás dessas concepções e imaginários;
- As pessoas não enxergam a biblioteca como espaço público e ao qual têm direito. Ficam com medo de serem discriminadas;
- A biblioteca é compreendida como um espaço para fins específicos, geralmente relacionados ao “estudo”.

Esse tipo de imaginário, tão difundido, gera a necessidade de desenvolver formas de acolhimento específico para diferentes públicos, possibilitando que vínculos de confiança possam, aos poucos, com calma e paciência, serem criados. O acolhimento, segundo diversos funcionários, é um primeiro passo para que os públicos marginalizados cheguem na biblioteca, entendam os usos possíveis do espaço e possam participar de atividades e serviços de modo mais consistente. Pode-se dizer que o acolhimento deve ser feito tanto dentro da biblioteca, quanto fora dela. Fora dela para ir chamando o público para perto e dentro para fidelizar o público, quando este se sente à vontade e entende que há muitas coisas interessantes para fazer na biblioteca.

Pensando no acolhimento “de dentro para fora”, uma **comunicação específica** para esses tipos de público também precisa ser desenvolvida. Nesse sentido, ações que possam ir mais cotidianamente para fora da biblioteca, são fundamentais, assim como ações de “**escuta**” das pessoas e seus desejos e necessidades. A comunicação, neste caso, tem a ver não apenas com “falar” (o que é legal, o que tem na biblioteca, etc.), mas também com “**ouvir**”. A Assistência Social já vem realizando diversas ações nesse sentido⁴, de atendimento personalizado de sócios. Portanto, essa escuta já vem sendo feita e será interessante sistematizar o que vem sendo “escutado” e possíveis relações com a escuta que será iniciada em 2016 e que terá como foco a comunidade Zachi Narchi.

Em relação às atividades voltadas para esses públicos específicos, essas já são, até certo ponto, realizadas, mas ainda precisam ser aprofundadas pela equipe, de acordo com os funcionários. Criar estruturas para acolher e “fisgar” públicos em suas

⁴ O Serviço Social faz atendimento personalizado, ouvindo e orientando sócios cotidianamente. Em 2015 passaram costumizadamente pelo Serviço Social mais de 1400 pessoas. No acumulado entre 2014 e 2015 2.889 pessoas foram atendidas, sendo a maioria em situação de vulnerabilidade social.



diferenças, são formas mencionadas e que podem contribuir para que as pessoas da comunidade se aproximem do espaço e permaneçam nele.

Podemos concluir, por enquanto, já que essa pesquisa continuará sendo aprofundada em 2016, que a mediação de leitura, neste caso, se dá como um processo longo e difícil. Ela se inicia através de diversas formas de acolhimento, todas igualmente importantes para que o medo, a vergonha e a falta de intimidade com o ambiente da biblioteca sejam aos poucos superados. Estratégias de acolhimento que apareceram em conversa com a equipe como estratégias já realizadas e que podem continuar e intensificar-se, são:

- Ir na comunidade e realizar atividades de aproximação com as pessoas de lá, de divulgação do que ocorre na biblioteca e experiências de leitura;
- Convidar as famílias da comunidade para conhecer a biblioteca e preparar visitas especialmente para elas;
- Realizar escutas e observações tentando entender o que poderia atrair as famílias e outros da comunidade;
- Observar o comportamento das pessoas dentro da biblioteca e criar formas de tornar a sua presença no espaço mais interessante (como o Sarau para os jovens da ETEC ou a atividade Incentivo à Leitura para pessoas que estão esperando para usar o computador, geralmente populações de albergados ou de rua).



Anexo 5: Dados de inscrição e taxa de comparecimento as capacitações do SisEB

Capacitação	Município Sediante	Ministrante	Nº De Inscritos	Nº De Alunos	Taxa De Comparecimento
Oficina - Histórias Que Saem Dos Livros: Contar Histórias Em 5 Es	Adamantina	Fabio Lisboa	32	41	128%
Oficina - Histórias Que Saem Dos Livros: Contar Histórias Em 5 Es	Promissão	Fabio Lisboa	58	71	122%
Curso - Dinamização Do Espaço Físico E Virtual Em Biblioteca	Tarumã	Márcia Elisa Garcia De Grandi	14	15	107%
Oficina - Histórias Que Saem Dos Livros: Contar Histórias Em 5 Es	Buritama	Fabio Lisboa	28	29	104%
Curso - Redes Sociais: Oportunidades De Diálogos Com A Comunidade	Caraguatatuba	Thiago Costa	46	46	100%
Oficina - Pequenos Reparos Em Material Bibliográficos	Presidente Prudente	Margaret Alves Antunes	39	37	95%
Curso - Dinamização Do Espaço Físico E Virtual Em Biblioteca	Birigui	Márcia Elisa Garcia De Grandi	41	38	93%
Oficina - A Linguagem Quadrinística Formando Leitores Hoje	Araraquara	Patrícia Kátia Costa	25	23	92%
Curso - Relacionamento Interpessoal : Cooperação E Conflito	Sertãozinho	Ricardo Buonanni	43	37	86%
Oficina - A Linguagem Quadrinística Formando Leitores Hoje	Lençóis Paulista	Patrícia Kátia Costa	33	28	85%
Oficina - Histórias Que Saem Dos Livros: Contar Histórias Em 5 Es	Guararema	Fabio Lisboa	56	46	82%
Oficina - A Linguagem Quadrinística Formando Leitores Hoje	Garça	Patrícia Kátia Costa	50	40	80%
Curso - Equipes De Alto Desempenho	Votuporanga	Iliada De Castro	38	30	79%
Oficina - Pequenos Reparos Em Material Bibliográficos	Penápolis	Margaret Alves Antunes	39	30	77%
Curso - Equipes De Alto Desempenho	Araçatuba	Iliada De Castro	42	32	76%
Curso - Relacionamento Interpessoal : Cooperação E Conflito	Franca	Ricardo Buonanni	39	29	74%
Curso - Redes Sociais: Oportunidades De Diálogos Com A Comunidade	Registro	Thiago Costa	27	20	74%
Curso - A Importância Dos Contos De Fadas Na Formação Da Personalidade Leitora	Praia Grande	Iliada De Castro	40	29	73%
Curso - Formação De Leitores Na Cultura Digital	Barueri	Bianca Santana	32	23	72%



Oficina - Pequenos Reparos Em Material Bibliográficos	Limeira	Margaret Alves Antunes	35	25	71%
Oficina - Pequenos Reparos Em Material Bibliográficos	São Paulo	Margaret Alves Antunes	56	40	71%
Curso - Dinamização Do Espaço Físico E Virtual Em Biblioteca	Presidente Prudente	Márcia Elisa Garcia De Grandi	36	25	69%
Curso - Relacionamento Interpessoal : Cooperação E Conflito	Santa Cruz Das Palmeiras	Ricardo Buonanni	22	15	68%
Oficina - Histórias Contadas Com Origamis	São Paulo	Irene Tanabe	50	34	68%
Curso - Redes Sociais: Oportunidades De Diálogos Com A Comunidade	São Paulo	Thiago Costa	80	52	65%
Oficina - Pequenos Reparos Em Material Bibliográficos	Monte Aprazível	Margaret Alves Antunes	34	22	65%
Curso - Formação De Leitores Na Cultura Digital	Campinas	Bianca Santana	45	28	62%
Curso - Equipes De Alto Desempenho	São Paulo	Íliada De Castro	66	40	61%
Curso - Relacionamento Interpessoal : Cooperação E Conflito	São Paulo	Ricardo Buonanni	85	51	60%
Curso - Equipes De Alto Desempenho	Pompéia	Íliada De Castro	37	22	59%
Curso - Empreendedorismo: Desbloqueando A Criatividade	Sorocaba	Íliada De Castro	56	33	59%
Curso - Dinamização Do Espaço Físico E Virtual Em Biblioteca	Santana De Parnaíba	Márcia Elisa Garcia De Grandi	30	17	57%
Curso - Subsídios Para Atuação Em Rede/ Parcerias	São Paulo	Neusa Fleury Moraes	67	35	52%
Curso - Importância Dos Contos De Fadas Na Formação Da Personalidade Leitora	Jundiaí	Íliada De Castro	54	28	52%
Mesa Redonda - Biblioteca Pública E Educação: Os Desafios De Formar Leitores	São Paulo	Elisa Machado, Nilma Lacerda E Patrícia Konder	125	64	51%
Curso - A Importância Dos Contos De Fadas Na Formação Da Personalidade Leitora	São Paulo	Íliada De Castro	65	31	48%
Oficina - A Linguagem Quadrinística Formando Leitores Hoje	São Paulo	Patrícia Kátia Costa	77	35	45%
Curso - Formação De Leitores Na Cultura Digital	São Paulo	Bianca Santana	79	34	43%
Curso - Panorama Da Literatura Infantojuvenil	São Paulo	Rebeca Gelse Rodrigues	102	37	36%